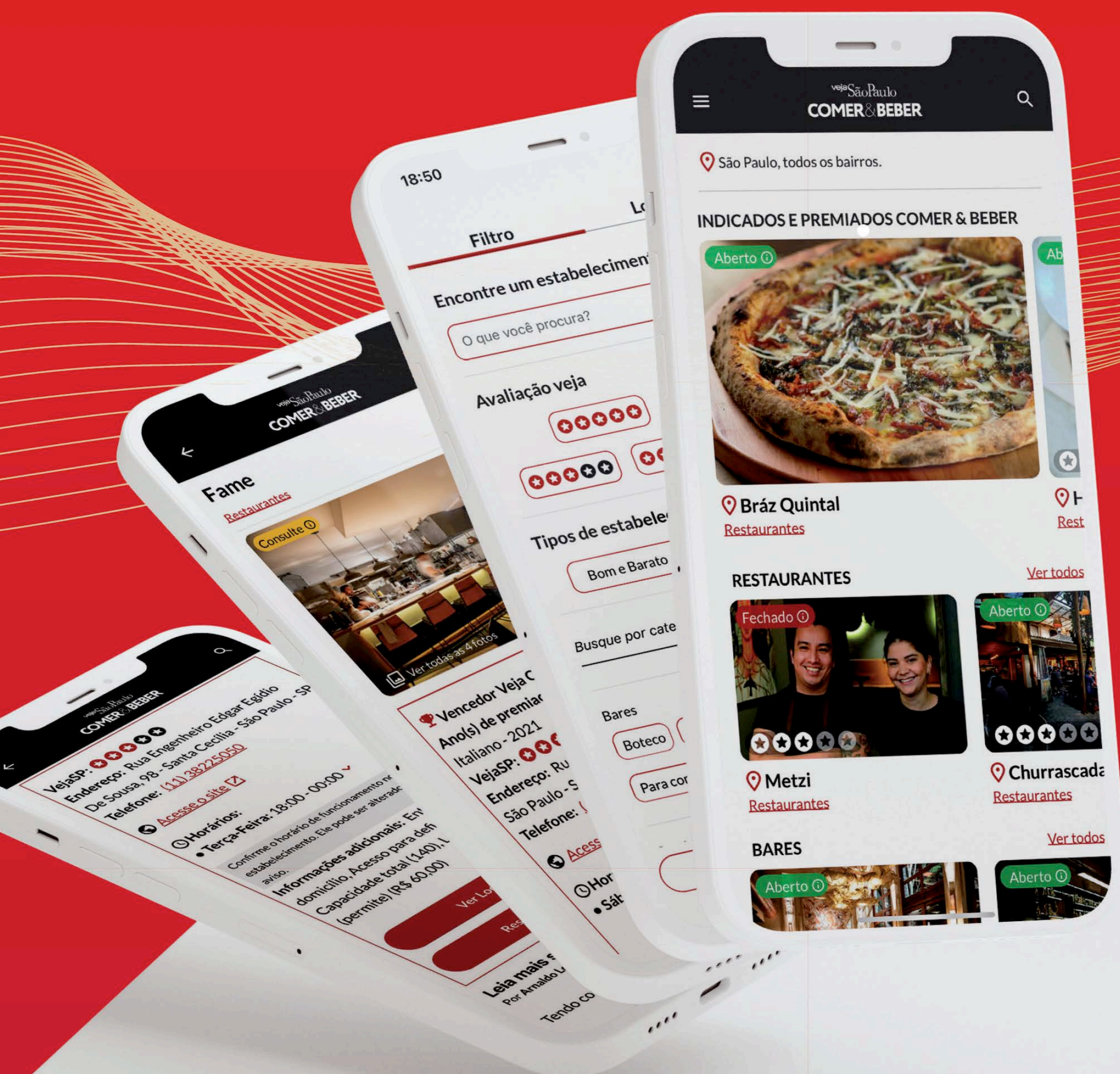
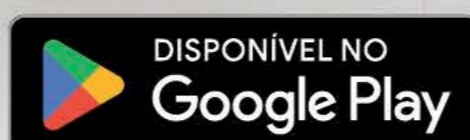
Abril
veja
Editora ABRIL
edição 2830 - ano 56 - nº 8
1º de março de 2023
www.veja.com
A CULPA NÃO É SÓ DA CHUVA
A lamentável tragédia no litoral de São Paulo expõe o efeito devastador das mudanças climáticas e reforça a necessidade de ações imediatas — do poder público e da sociedade — que possam reverter a situação

APLICATIVO

COMER & BEBER

veja São Paulo · veja Rio

BAIXE AGORA NO SEU CELULAR

ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas
www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas Corporativas, Projetos Especiais e Vendas em Lote
assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento
minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200
Telefones: SAC (11) 3584-9200
Renovação 0800 7752112
De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30
atendimento@abril.com.br

Para baixar sua revista digital:
www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES
Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO
Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR
ligue: (11) 3037-2302
e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET
http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO
www.abril.com.br/trabalheconosco

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

www.veja.com

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º e 2º andares, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 830 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 8. VEJA é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

IVC | GoRead | SIP

www.grupoabril.com.br

NÃO TEMOS UM PLANETA B

RAPHAEL MULLER/AP/IMAGEPLUS

LEONARDO DRESCH/AG. O GLOBO

LIÇÕES A tragédia da chuva no ano passado, no sul da Bahia *(acima)*, e em 2011, na Região Serrana do Rio de Janeiro: precisamos aprender com os erros do passado

NÃO DEVERIA ser assim, mas há um destino tristemente atávico, construído por inépcia e negligência históricas, que nos apresenta a cada verão a tragédia das chuvas. Desta vez foi no Litoral Norte de São Paulo, com um rastro de destruição das encostas, bloqueio de estradas e pelo menos inaceitáveis 48 mortes. Em algumas regiões o volume de chuvas, no domingo 19, foi de 600 milímetros — a taxa indica a quantidade de água por metro quadrado em determinado local e período. Detalhe: índices pluviométricos de até 100 milímetros já costumam provocar atenção a caminho da emergência.

Nos últimos anos, em decorrência das mudanças climáticas impostas pela mão do ser humano, eventos extremos da natureza deixaram de ser eventuais. São comuns e assustadores — contudo, a civilização cisma em aprender muito pouco. Em dezembro do ano passado, as chuvas mataram 27 pessoas, com mais de 30 000 desabrigados, no sul da Bahia. Em 2011, mais de 900 pessoas perderam a vida na lama da Região Serrana do estado do Rio de Janeiro, nas cercanias de Petrópolis e Teresópolis. Nos dois casos, como agora no Carnaval transformado em Quarta-Feira de Cinzas em São Paulo, as fatalidades foram resultado da pobreza que põe pessoas para morar em encostas e da ganância imobiliária que não enxerga limites. Segundo o IBGE, há 8,2 milhões de brasileiros morando em áreas sujeitas a deslizamentos e quase nada se fez para reduzir os riscos.

Tem-se a impressão de não haver solução e estarmos fadados a seguir numa toada sem fim, como se as mãos que

desenvolvem remédios e vacinas fossem incapazes de avançar para conter os dramas que soam naturais, mas não são. Há caminhos de prevenção que passam pelo zelo das autoridades públicas e pelo cuidado do setor privado, como mostra a reportagem da página 58. Em todo o mundo, aliás, estão brotando iniciativas que ajudam a frear os danos climáticos. Muitos países têm metas ousadas de troca do combustível fóssil por energia limpa. Atualmente, os carros elétricos já representam 13% das vendas globais. Estima-se que, em 2040, no Brasil, eles respondam por 56% da frota. Vale ressaltar que a mudança de processos e mentalidade traz resultados concretos. O fator de emissão — a quantidade de gases emitida a partir da transformação de matéria-prima — caiu nos países industrializados nada menos que 40% desde o ano 2000.

São os passos iniciais (e esperançosos) de uma virada bem-vinda e necessária. Por meio de ações nessa direção, eventos terríveis como o da semana passada poderão ser minimizados nos próximos anos. Como disse o ex-secretário-geral da ONU Ban Ki-moon, “não temos plano B porque não temos um planeta B”. Portanto, vamos cuidar deste. A humanidade tem como unir ciência com bom senso para evitar que outros horrores ocorram. ■

O desafio da logística

Pesquisa realizada pela CNI mostra que o maior gargalo da indústria brasileira é a infraestrutura para o transporte de mercadorias

ROVENA ROSA/AGÊNCIA BRASIL

SHUTTERSTOCK

AEROPORTO DE GUARULHOS E OBRA FERROVIÁRIA: OS AVANÇOS NA ÁREA DE TRANSPORTES ESTÃO DIRETAMENTE LIGADOS AOS INVESTIMENTOS PRIVADOS

Quando o poeta inglês John Donne cunhou os versos "Nenhum homem é uma ilha, isolado em si mesmo", no século XVII, ele tinha em mente a natureza comunitária da humanidade, e a inevitável interconexão entre as pessoas. Lirismos à parte, a imagem vale também para o mundo empresarial: nenhuma indústria sobrevive no vácuo. Todas elas precisam estar profundamente conectadas com fornecedores e clientes para existir, e de toda uma infraestrutura de energia, telecomunicações e bancária, entre outras, para produzir e vender suas mercadorias. Foi com o objetivo de entender o que precisa melhorar na infraestrutura nacional para que os negócios floresçam que a Confederação Nacional da Indústria (CNI) encomendou uma pesquisa entre os empreendedores brasileiros. E o resultado foi claro: 73% dos entrevistados acreditam ser o transporte o maior gargalo do país. "O custo logístico das empresas e consequentemente dos produtos para o consumidor só será menor quando tivermos uma infraestrutura adequada", alerta Robson Braga de Andrade, presidente da CNI.

De acordo com o levantamento, realizado pelo Instituto FSB Pesquisa entre 2 500 executivos de grandes e médias empresas do ramo da indústria, 99% das companhias utilizam caminhões para escoar sua produção em pelo menos uma parte de sua logística. Embora o modal rodoviário seja indicado apenas para pequenas e médias distâncias, somente 48% dos industriais apontam trajetos com média inferior a 500 quilômetros para transportar suas mercadorias. Há exemplos de embarque de produtos em São Paulo com destino a Belém, ou o envio de

alimento de Porto Alegre para Teresina, com percursos de cerca de 2 900 e 3 700 quilômetros, respectivamente, todos feitos por estradas. “Nenhum outro país continental utiliza tanto o modal rodoviário como a forma principal de movimentação de cargas e de pessoas”, afirma Matheus de Castro, gerente de Transporte e Mobilidade Urbana da CNI. “O Brasil tem um grande potencial para o transporte de cabotagem, hidroviário e ferroviário, e assim pode equilibrar melhor a nossa matriz logística.”

Só existe uma maneira de modernizar, equilibrar e expandir a matriz logística: é preciso investir. Atualmente, o Brasil gasta em infraestrutura de transportes apenas 0,65% do produto interno bruto (PIB), quando o patamar ideal observado nos países da OCDE é de 2%. E o governo federal já demonstrou que não tem a agilidade, a capacidade gerencial nem mesmo os recursos para responder ao desafio à altura. De acordo com dados do Tribunal de Contas da União, existem hoje no país mais de 22 000 obras paradas. Os órgãos públicos responsáveis por gerenciar as vias e terminais são incapazes de realizar melhorias mesmo quando o dinheiro está disponível. As sete Companhias Docas federais, por exemplo, executaram menos de 30% dos recursos destinados pela União para manutenção e expansão dos portos entre 2000 e 2021. Do total de 24,2 bilhões de reais autorizados para investimentos no período, 17,5 bilhões deixaram de ser aplicados em melhorias essenciais como as obras de dragagem e de acesso portuário.

O PAPEL DA INICIATIVA PRIVADA

A calamidade se repete com os órgãos responsáveis por

ferrovias, hidrovias e aeroportos. Não que o cenário seja de terra arrasada. Há melhorias em várias áreas, mas levantamentos realizados nos últimos anos pela CNI mostram que, em sua maioria, elas acontecem onde houve a entrada da iniciativa privada. Um bom exemplo é a situação dos aeroportos. Os terminais concedidos na segunda e terceira rodadas investiram, entre 2011 e 2017, 4,5 vezes mais por passageiro e realizaram 10,6 vezes mais gasto de capital do que um grupo de aeroportos similares sob gestão da Infraero. No período, o investimento total feito pelos gestores privados foi de R$ 12,2 bilhões, o que viabilizou aumento de 109% na área dos terminais de passageiros. "Precisamos aumentar a segurança jurídica e aperfeiçoar os marcos regulatórios da infraestrutura para estimular os investimentos", atesta Andrade. "O Brasil só vai destravar quando priorizar obras de infraestrutura e as privatizações necessárias."

A indústria só vai voltar a crescer quando conseguir facilitar a interconexão entre as companhias, fornecedores e clientes. Porque nenhuma empresa é uma ilha. Em sua 24ª edição, VEJA Insights traz detalhes sobre a pesquisa realizada pela CNI, apresenta um panorama da infraestrutura de logística no Brasil e propõe soluções para os principais problemas do setor de transportes no país. Confira o Veja Insights na íntegra em veja.com.br ou pelo QR code.

ZÔ GUIMARAES/UOL/FOLHAPRESS

"NÃO DIGO SIM PARA TUDO"

Aliado de Lula, o prefeito do Rio tece críticas a quadros da gestão petista, conta que atua para o governo ampliar sua base e já começou a corrida para vencer o bolsonarismo em seu berço

MAIÁ MENEZES E **RICARDO FERRAZ**

EM SEU TERCEIRO mandato como prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, 53 anos, se lançou a fazer costuras para ajudar o governo Lula a ampliar sua base de apoio. Ainda que não tenha emplacado quadros em cargos-chave de seu partido, o PSD, ora pende para o lado petista, ora para o da oposição, Paes diz manter relação de alta confiança com o presidente. Com três décadas de política, ele ganhou envergadura nacional na época em que um efervescente Rio se preparava para sediar a Olimpíada de 2016. Logo viria a experimentar tempos menos amigáveis, ao perder o pleito para o governo do estado e ser enredado na Lava-Jato por um ex-aliado. Às voltas com uma batalha pessoal para subtrair os quilos que ganhou em uma temporada morando nos Estados Unidos (perdeu 20 em três meses e mira mais 5), nesta entrevista a VEJA, concedida em seu gabinete, ele falou do distanciamento do ex-governador Sérgio Cabral e afirmou: “Quero bater o recorde de mandatos como prefeito do Rio”.

O senhor andou disparando críticas contra Bernard Appy, o secretário do Ministério da Fazenda, e, mais recentemente, contra Alexandre Telles, o presidente do Sindicato dos Médicos, que assumiu o comando dos hospitais federais no Rio. O governo Lula tem errado? Só para deixar claro: minha relação com o presidente é excepcional, tanto assim que a primeira visita que ele fez depois da vitória foi ao Rio. Agora, não quer dizer que eu vá bater palmas para tudo e achar que ele pensa igual a mim. No ca-

so dos hospitais federais, acredito até que Lula concorde comigo quanto à escolha para o comando da rede de hospitais mais importante do país. Fiz o comentário porque quero proteger a ministra da Saúde, Nísia Trindade. Sou político, ela é política, e creio que deveria ter liberdade para escolher sua equipe, o que não parece que aconteceu.

Tinha a expectativa de nomear alguém de sua confiança para o cargo? Não pedi nada, não nomeei nem quero nomear ninguém.

Por que, afinal, não compareceu à posse do presidente? Não sou muito ligado a essas cerimônias em Brasília, acho chatas. Não pretendia nem ir à diplomação, mas aí o presi-

“Não cometo o erro de achar que todos os eleitores de Bolsonaro são golpistas. Muitos apenas não gostam do Lula ou do PT. Mas, em 2024, se depender de mim, o bolsonarismo será derrotado”

dente me ligou, dizendo: "Eduardo, você ainda não confirmou presença". Convocado, compareci ao coquetel. Depois, não fui à posse porque participei da festa de réveillon no Rio, tocando tamborim com o Zeca Pagodinho. Fiquei me perguntando: "Será que o Lula vai notar a minha falta?". Não notou. Quando veio ao Rio, contei que havia faltado à posse, ele ficou surpreso e brincou: "Então não devia ter me dito agora". O que eu quero mesmo é encontrá-lo quando ele tiver com saudade de mim e a caneta cheia de tinta para preencher cheques para a cidade. Isso, sim, vou cobrar.

Concorda com as últimas movimentações de Lula no campo econômico? É muito cedo para fazer qualquer julgamento sobre a política econômica. O ministro Fernando Haddad tem dado os sinais corretos, na busca pelo ajuste fiscal. Sobre a taxa de juros, é um direito do presidente manifestar seu incômodo. As pessoas acabam superestimando essas declarações. O presidente do BC não mudará sua posição em razão de uma fala presidencial.

O senhor trocou sete vezes de partido, sendo abrigado em siglas de diferentes matizes ideológicos. Nesse momento, está pendendo para a esquerda? Não. Me considero de centro. Nunca fui, por exemplo, a favor do teto de gastos. Sob o ponto da política fiscal, ele poderia sinalizar algo positivo, mas trouxe enormes dificuldades na prestação de serviços para estados e municípios.

Seu partido, o PSD, aderiu ao governo Lula, mas o presidente da sigla, Gilberto Kassab, se tornou o principal articulador político do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, um dos herdeiros do bolsonarismo. Não é uma incoerência? Logo que a eleição acabou, participei de um jantar do partido em Brasília e defendi apoio formal ao governo, o que acabou acontecendo com a concordância de todos, inclusive do Kassab. É importante ressaltar que o PSD sempre foi independente e jamais integrou a base do governo Bolsonaro. O ex-ministro das Comunicações, Fábio Faria, até se licenciou do partido quando assumiu o cargo na gestão anterior. Dito isso, é preciso compreender que cada estado apresenta suas circunstâncias políticas.

O governo Lula vem se esforçando para ampliar sua base, costurando inclusive com quem apoiou Jair Bolsonaro no passado recente. O senhor participa dessas articulações? Faço e farei o que tiver a meu alcance para ajudar o Lula a ampliar sua base. Foi um gesto nobre do presidente chamar os governadores para conversar depois dos ataques de 8 de janeiro, em Brasília. Eu poderia ficar enciumado, já que ele recebeu o Cláudio Castro (governador do Rio) antes de mim, mas achei bom, porque abre a possibilidade de trazer à mesa pautas em comum. Sempre falei para o Cláudio: “Você vai ver, vai ficar feliz com a vitória de Lula. Vamos ter um presidente com visão federativa”. Não tenho a menor dúvida de que, nesse momento, ele ganha mais se

aproximando de Lula do que de Bolsonaro, que nunca fez nada pelo estado.

Castro cogitou sair do PL. É verdade que o senhor o convidou a migrar para o PSD? Convidei. Disse claramente que o PSD estaria de portas abertas para recebê-lo. Ele agradeceu, mas preferiu, por enquanto, ficar no PL.

Um movimento polêmico para expandir a base do governo foi a nomeação de Daniela Carneiro *(União Brasil-RJ)* para o Ministério do Turismo, uma vez que logo veio à tona que ela e o marido, o prefeito Waguinho, mantêm elos com integrantes de milícias. Foi um equívoco alçá-la à Esplanada? A minha experiência com a deputada é a melhor possível. Conheço bem a família. Waguinho é prefeito de Belford Roxo e me apoiou em 2018, quando concorri ao governo do estado. Confio na Daniela e acho que fará excelente trabalho. Nós que estamos na vida pública ficamos sujeitos a ataques assim.

Apesar da derrota no pleito presidencial, Bolsonaro demonstrou força no Rio e obteve uma vitória relevante em seu berço político. Como pretende lidar com essa numerosa ala de eleitores? Não acho que todos os eleitores de Bolsonaro sejam golpistas. Esse erro eu não cometo. Tenho amigos que votaram no ex-presidente e respeito suas escolhas. Muitos simplesmente não gostam do Lula ou do PT. O pró-

prio presidente da Câmara, Arthur Lira, apoiou Bolsonaro e defende a democracia. Mas, em 2024, se depender de mim, o bolsonarismo será derrotado na corrida para a prefeitura.

O senhor não planeja dar um voo para além da prefeitura? As pessoas veem quase como uma obrigação eu tentar uma reeleição para me candidatar ao governo do estado. A verdade é que eu adoraria ser reconduzido à prefeitura e bater o recorde de mandatos, com quatro eleições vitoriosas. É claro que a política é construída diariamente em função das circunstâncias, então o jogo muda. O que está no horizonte agora é 2024, o resto é futurologia.

O ex-governador Sérgio Cabral, que teve a prisão domiciliar relaxada, disse a amigos guardar mágoas do senhor,

“Não acho incoerência o PSD se aliar a Tarcísio de Freitas em São Paulo e negociar apoio a Lula no plano nacional. Todos no partido concordam com isso. Cada estado tem suas circunstâncias”

que já foi seu aliado. Elas se justificam? Não fui informado de qualquer mágoa dele em relação a mim, nem acho que há razão para isso. Não falei com Cabral e não pretendo falar. É um réu confesso e meu papel não é defendê-lo nem acusá-lo. O meu compromisso com amigos e aliados sempre se deu na defesa do interesse público. Nunca terão minha solidariedade aqueles que cometerem atos ilegais.

O senhor entrou com um processo no Conselho Nacional de Justiça levantando a suspeição do juiz Marcelo Bretas, responsável pelo braço da Lava-Jato fluminense ***(leia reportagem na pág. 36).*** **Não o considera imparcial?** Eu dei um depoimento a ele, na condição de testemunha, no processo que apurava a atuação de meu ex-secretário de Obras, Alexandre Pinto, pego em irregularidades. Ali, observei a ação de um juiz que entrava em temas que não tinham nada a ver com o caso, praticamente me acusando de coisas que não fiz. Tudo isso às vésperas de uma eleição *(a de governador, em 2018)* disputada pelo ex-juiz Wilson Witzel, cuja amizade com Bretas é notória. Witzel acabou ganhando.

Como o senhor se defende das acusações de seu ex-secretário de que teria recebido propina? É um absurdo total. Quem conferiu certo equilíbrio ao caso foi o Ministério Público. Surpreendido com as supostas revelações bombásticas de Pinto, o procurador lhe perguntou se ele havia presenciado os acertos para pagamento de propina a mim.

Pinto respondeu que tinha apenas ouvido falar do assunto e isso me inocentou. Sigo confiando que ficará comprovado que Bretas agiu para beneficiar o amigo Witzel.

As falcatruas de seu secretário, réu confesso, nunca chamaram atenção? Ninguém envolvido na fiscalização dos contratos detectou seus delitos. Nem mesmo eu. Mas a responsabilidade pela nomeação foi minha e nunca vou fugir disso.

Muita gente critica o legado da Olimpíada no Rio, por não ter trazido os tão alardeados avanços para a cidade. O que deu errado? Veio a trágica administração de Marcelo Crivella e deixou tudo parado. Mas o balanço, ainda que com o atraso, hoje é bom. Os jogos do Rio foram os mais baratos da história e, no final, não se deixou elefantes brancos, ao contrário do que se diz por aí. O campo de golfe foi concedido à iniciativa privada, a piscina de Deodoro está sendo usada pela população mais pobre, arenas serão transformadas em escolas. Sempre disse que os jogos representariam uma virada para o Brasil, mas aí o país foi para o buraco, arrastado pela maior de todas as crises econômicas e de reputação. Não se pode culpar a Olimpíada por isso.

O que o Carnaval deste ano, com tantos números superlativos de foliões e turistas, depois da pandemia, sinaliza sobre o atual momento político do país? Foi

uma grande celebração da democracia, depois de um período de ameaças autoritárias, em que as instituições precisaram demonstrar sua força. Ainda serviu de palco para o povo extravasar a euforia represada. No primeiro semestre de 2020, nos perguntávamos se voltaríamos a ter um Carnaval em que pessoas se encontram, se abraçam, se beijam. E, agora, fomos tomados por esse sentimento de liberdade.

O Cristo Redentor voltará a decolar, como nos áureos tempos olímpicos? Eu torço e trabalho para que isso aconteça. Quando o Cristo decola, o Brasil inteiro vai junto. ■

PARA QUE BRINCAR COM FOGO?

O DITADOR da **Coreia do Norte,** Kim Jong-un, sempre sumido, afeito a divulgar fotos sem data nem contexto, rindo à toa, deu agora um jeito de falar por intermédio de sua irmã caçula, Kim Yo-jong. Quando ela chia é porque o mandachuva quer enviar algum tolo recado ao mundo. Na semana passada, Yo-jong esperneou ao denunciar o uso do Oceano Pacífico, em trecho vizinho aos coreanos do norte, para **exercícios militares conjuntos de bombardeiros e caças dos Estados Unidos e da Coreia do Sul.**

MINISTÉRIO DA DEFESA DA COREIA DO SUL/AFP

“Audácia” foi a expressão usada. Convém, contudo, sempre estar atento ao que dizem os irmãos autoritários, porque a mentira é regra. Foram eles, a rigor, que mandaram disparar um míssil balístico na véspera da exibição dos inimigos. O artefato caiu em águas japonesas, a oeste de Hokkaido, depois de voar por quase 900 quilômetros, em tom de provocação. A toada prosseguiu com outros dois mísseis de curto alcance da Coreia do Norte capazes de realizar um “ataque nuclear tático”, seguido de uma acusação contra os americanos: “Fanáticos que elevam as tensões na região”. O fanatismo, sabe o planeta, está colado a Jong-un e Yo-jong. Os disparos não passam de retórica quente, por ora, mas são o suficiente para alimentar o incômodo dos irmãos ao sul. Pesquisa recente feita pelo instituto Gallup de Seul mostrou que 76% dos entrevistados admitem a construção de um arsenal nuclear para barrar a movimentação nortista. É um balé nervoso, sem intenções reais de guerra, mas é tudo de que o planeta não precisa no momento. ■

Caio Saad

INSTAGRAM @JULIANNEMOORE

DESCONFIANÇA Julianne: nem a fama a impediu de cair na lábia de um impostor

"JÁ SOFRI UM GOLPE"

A atriz americana de 62 anos fala sobre seu novo filme, *Sharper – Uma Vida de Trapaças,* da Apple TV+, e analisa as razões do sucesso de tramas recentes com charlatões no cinema e streaming

O filme *Sharper — Uma Vida de Trapaças* segue um grupo de golpistas tentando passar a perna em um bilionário. O que a atraiu no projeto? Em Hollywood, lemos tantos roteiros previsíveis, e esse foi uma grata surpresa. Eu estava no isolamento da pandemia quando o texto veio parar nas minhas mãos e, de forma virtual, comecei a produzi-lo até convencer a *(produtora)* A24 e a Apple a embarcarem na ideia.

Os golpistas estão em alta na TV e no cinema, como se verifica nas séries *Inventando Anna* e *The Dropout*. De onde vem o apelo desses personagens? Creio que existe um interesse genuíno pelo comportamento humano. O apelo desses filmes é esse: olhar a experiência alheia a partir da nossa, refletida ali de alguma forma. Por isso vamos ao cinema: para ver nossos sentimentos e angústias na tela. Queremos entender quem age diferente de nós. A mesma curiosidade move os atores. Reproduzimos as histórias de outras pessoas para aprender mais sobre nossa experiência como seres vivos.

Sua personagem, Madeline, é uma mulher elegante com uma ligação curiosa com os trapaceiros. Como foi a criação dela? Dar golpes é muito difícil, seria mais fácil viver de outra coisa. Então, quis entender esses personagens, suas histórias e por que agem assim. Notei que algumas pessoas simplesmente têm uma habilidade natural para manipular — e Madeline é assim.

A senhora já foi vítima de algum trapaceiro? Sim, já sofri um golpe. Existe um bem famoso em Nova York, geralmente acontece perto do metrô: uma pessoa pede ajuda, diz que foi roubada e que mora longe, por isso precisa de 20 dólares para voltar para casa. Na primeira vez que aconteceu comigo, eu acreditei no homem e lhe dei o dinheiro. Um mês depois, no mesmo lugar, a mesma pessoa veio me pedir 20 dólares, contando uma história idêntica. É um golpe comum, eu tenho certeza de que acontece em outros lugares também.

Vivemos então numa era de desconfiança? Penso que faz parte da vida, em diferentes níveis e situações. Em outra escala, vemos o caso de fraude envolvendo a FTX *(corretora de criptomoedas que faliu no ano passado),* o mesmo com o Bernie Madoff *(que orquestrou um esquema de pirâmide financeira com prejuízo bilionário)*, e a insegurança dos NFTs *(bens digitais caríssimos).* Um dia alguém pode levar 20 dólares da sua carteira; no outro, alguém pode roubar toda a sua conta bancária. É importante estar alerta. ■

Raquel Carneiro

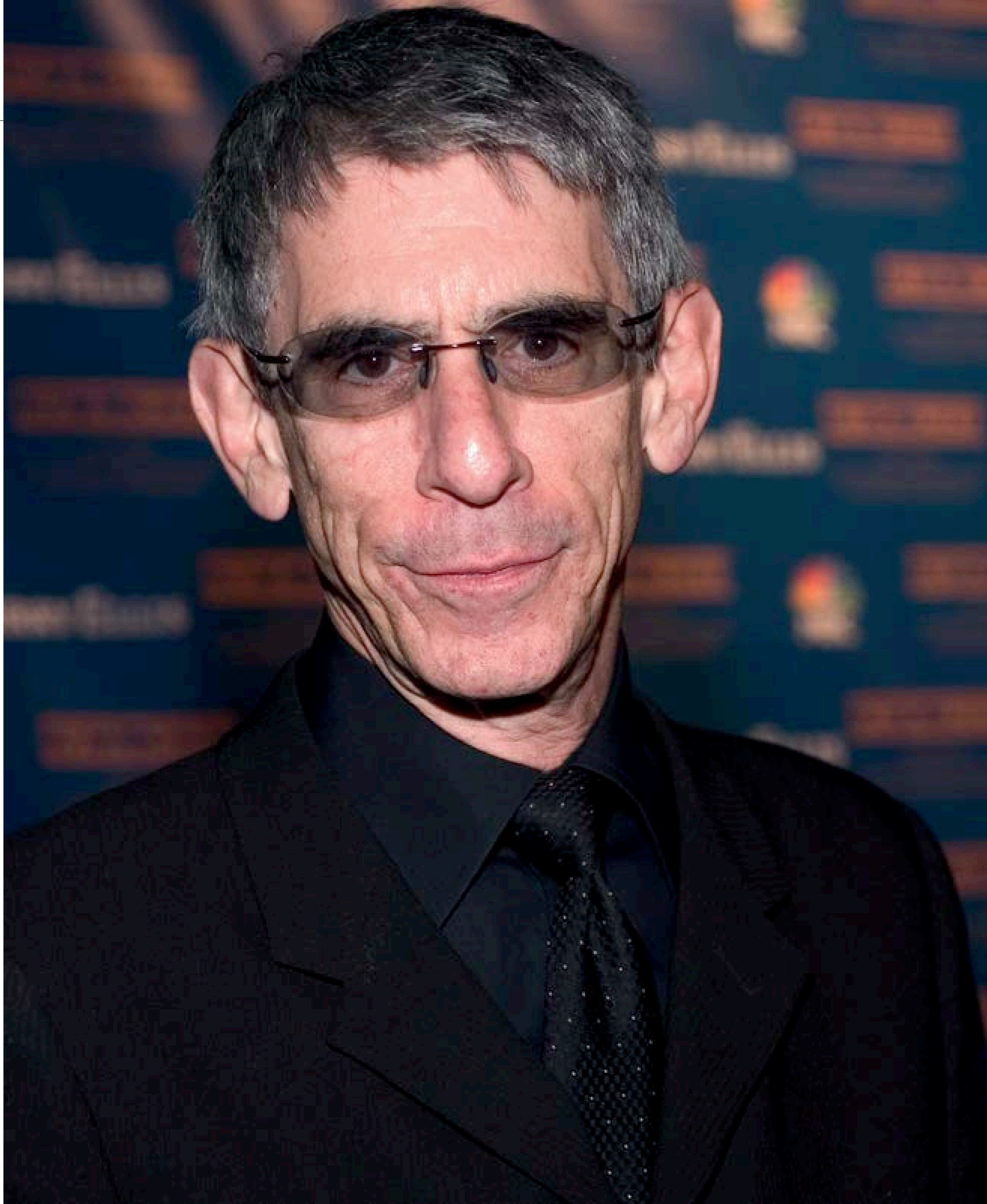
ACELERADO Shoichiro Toyoda: mentor da expansão global da Toyota nos anos 1980, ao deixar a GM para trás

O PAI DE UMA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

REUTER RAYMOND/SYGMA/GETTY IMAGES

O executivo japonês **Shoichiro Toyoda,** formado em engenharia e administração de empresas, teve de apelar ao seu dom para a diplomacia a fim de promover uma das mais interessantes revoluções da indústria moderna. Como chefe do gigante automotivo Toyota — e filho do fundador da companhia —, ele ajudou a transformar a companhia em marca mundial, a numero 1 em vendas, ao superar a General Motors. O feito foi ainda mais extraordinário por ter ocorrido a partir do início dos anos 1980, no auge das tensões comerciais entre o Japão e os Estados Unidos, momento em que os carros japoneses se tornaram símbolo de um temor incontornável: o medo de os americanos ficarem para trás na corrida, o que de fato ocorreu no mercado de veículos. O pai de Shoichiro fundou a Toyota Motor em 1937, costela de uma fábrica de teares automática — o "d" de Toyoda foi alterado para "t" no nome da empresa porque ficava melhor quando escrito em japonês. O executivo morreu em 14 de fevereiro, aos 97 anos.

ENTRE O DRAMA E A COMÉDIA

O comediante de stand-up e ator **Richard Belzer** era homem de sete instrumentos, afeito a brilhar tanto no drama como nos trabalhos feitos para rir. Ele ficou mundialmente conhecido como o detetive John Munch — irônico, inteligente e criativo — ao longo de dezesseis temporadas da série *Law & Order: SVU.* "Belzer era uma das pessoas mais en-

POLIVALENTE Richard Belzer: o irônico detetive John Munch de *Law & Order*

graçadas que conheci”, disse a atriz Laraine Newman, com quem contracenou inúmeras vezes. Amigos íntimos relataram que, próximo do fim, ele teria disparado um sonoro palavrão — “f***-**” — antes do derradeiro suspiro. Ele morreu em 19 de fevereiro, aos 78 anos, de câncer, em sua casa na cidade de Bozouls, no sudoeste da França.

FERNANDO LEON/GETTY IMAGES

ESTILO Huey Smith: a mão esquerda inigualável no piano

NA ORIGEM DO ROCK AND ROLL

Foi com espanto, no início dos anos 1950, que os amantes do rhythm and blues de Nova Orleans, nos Estados Unidos, ouviram a batida forte com a mão esquerda e os floreios dançantes com a direita de um exímio pianista – e saiu todo mundo dançando. O americano **Huey "Piano" Smith** inaugurava, ali, um capitulo da história da música popular que culminaria no rock and roll. Smith compôs canções que se tornaram totens, como *Rocking Pneumonia and the Boogie Woogie Flu* e *Don't You Just Know It*. Hoje, soam um tanto antiquadas, mas convém ressaltar: sem elas não chegaríamos, do outro lado do oceano, aos Beatles e Rolling Stones. Smith morreu em 13 de fevereiro, aos 89 anos. ■

JACK VARTOOGIAN/GETTY IMAGES

FERNANDO SCHÜLER

O PAÍS SEM CONVICÇÃO

PRIMEIRO, foi com a regra do teto. Em 2016, o Brasil vivia a sua crise, o PIB cairia mais de 7% em dois anos, e alguns milhões de brasileiros cruzavam, para baixo, a linha da extrema pobreza. Foi aí que o país definiu uma regra fiscal para valer no longo prazo: o Orçamento só pode crescer no limite da inflação do ano anterior. Por vinte anos, com direito a uma revisão no meio do caminho. O problema é que rodamos no *marshmallow test.* Para quem não conhece, é aquele teste famoso em que se põe uma criança diante de uma guloseima, sabendo ela que se esperar alguns minutos ganhará, logo ali adiante, duas guloseimas. Uma parte das crianças, em geral as mais novas, não consegue esperar. É semelhante ao nosso caso. Pouco mais de seis anos depois de definir a regra, o país-criança decide mudar. Já havíamos furado a regra algumas vezes, mas agora vamos mudar de vez, sem fazer ideia do que colocar no lugar.

É o mesmo caso da Lei das Estatais. Na esteira da crise, em 2016, nossas estatais tiveram um resultado negativo de mais de 30 bilhões de reais. Havia um rastro de corrupção e

o país resolveu fazer uma lei dura, impondo 36 meses de quarentena a quem comandou campanhas ou partidos políticos. Apontada como modelo pela OCDE, a lei ajudou o Brasil a melhorar não apenas no aspecto ético como também na performance das empresas, que atingiram seu melhor resultado no ano passado. Diante disso, o que faz nosso mundo político? Ainda na transição para o novo governo, aprova-se a incrível redução da quarentena de 36 meses para apenas um mês. Alguma avaliação técnica? Os investidores estão reclamando? Foi reduzido o retorno das empresas para o governo? As respostas são um tanto óbvias. Nas últimas semanas, Lula resolveu tirar o Banco Central e seu presidente para Geni. A autonomia do BC foi aprovada com folga no Congresso, e depois chancelada pelo STF. O ministro Barroso fez um voto exemplar, dizendo que instituições como o Banco Central não deveriam ser "submetidas a vontades políticas, mas a compromissos com a Constituição e o Estado brasileiro". Tudo isso há menos de dois anos. A aprovação foi saudada como um avanço institucional, na linha do que fazem as grandes economias globais. Mas não tem jeito. Eleito, Lula diz que a autonomia do BC é uma "bobagem" e a presidente do partido diz que o Banco Central é a "última trincheira do bolsonarismo". Não se trata de debate técnico sobre juros. É um sintoma: aceitamos um Banco Central independente, desde que os juros fiquem no patamar desejado pelo governo.

O tema é o mesmo com as privatizações. Em 2021, a Câmara dos Deputados aprovou a privatização dos Correios. O

ENCRUZILHADA Chance perdida: uma nação sempre pode mudar de direção

processo ficou parado no Senado, e o atual governo terminou por engavetar. Há casos mais curiosos. A privatização do Porto de Santos foi aprovada pela Antaq, recebeu parecer positivo da área técnica do TCU e o leilão está virtualmente pronto para acontecer. Provavelmente não irá. São anos de estudos e tramitação, a um custo difícil de estimar. E mais: de expectativas de investimentos geradas na região da Baixada Santista. No zigue-zague brasileiro, nada disso importa. Ainda agora lemos que o governo mandou a AGU tentar

GETTY IMAGES

“No Brasil, ‘até o passado é incerto’, na conhecida frase de Pedro Malan”

a reversão da privatização da Eletrobras. É provável que não dê em nada, mas não será pequeno o rastro de insegurança institucional deixado pelo caminho.

Há quem veja essas coisas como um retrocesso; há quem veja um avanço. Um “retorno do Estado ao comando da economia”, como li, por estes dias. A verdade é que não é nem uma coisa nem outra. Somos apenas um país cindido, sem uma convicção básica que seja em torno de uma agenda modernizadora. Tivemos um ciclo de reformas, e agora resolvemos puxar o freio. Dias atrás li um artigo culpando Lula pelo “retrocesso”. Perfeita injustiça. Na campanha, Lula foi bastante claro sobre o que faria. Ele expressa o que a maior parte da sociedade pensa, e por isso ganhou. Tudo perfeitamente democrático, não é esse o ponto. Poderíamos exercitar plenamente a democracia, com a sabedoria de preservar uma agenda básica de modernização.

De minha parte, o que mais incomoda é o experimentalismo, o país em que “até o passado é incerto”, na conhecida frase de Pedro Malan. O prêmio Nobel Douglass North escreveu longamente sobre a importância das instituições pa-

ra “reduzir as incertezas próprias da interação humana fornecendo os incentivos para que haja cooperação e desenvolvimento”. Isso é perfeitamente lógico. Por que alguém investiria uma enorme quantidade de tempo e dinheiro desconfiando seriamente que as regras do jogo vão mudar daqui a dois ou três anos? Há uma extensa literatura sobre esse tema. O próprio North vai longe, na história moderna, mostrando como boa parte do sucesso econômico inglês, à época da Revolução Industrial, se deve ao redesenho institucional e à redução da instabilidade produzida pela Revolução Gloriosa, que fixou alguns parâmetros na política inglesa: limites claros às prerrogativas reais, sob a *common law;* soberania do Parlamento, na tributação; Judiciário independente; e segurança quanto aos direitos de propriedade.

A série de reformas que o país fez nos últimos anos foi precisamente na direção de uma maior estabilidade institucional. Foi esse o sentido da Lei Geral das Agências Reguladoras, aprovada em 2019, e do Marco do Saneamento Básico, que abriu o setor para a competição e vem atraindo uma montanha de investimentos. Ou ainda da reforma trabalhista. Estudo feito por pesquisadores da USP e do Insper mostrou como a regra inibindo a litigância de má-fé resultou em um aumento de 1,7 milhão de vagas no país entre 2017 e 2021. Daria para ir longe nisso. São reformas que não deveriam ser vistas como deste ou daquele governo, mas como nosso patrimônio comum. Previsibilidade e a garantia de direitos interessam ao elo mais frágil da vida social. A quem

toma risco, empreende, investe, e a quem consegue um bom emprego porque alguém investiu. Nossa incompreensão sobre o tema talvez venha do clássico problema da prevalência do Estado sobre a sociedade na vida brasileira. Daí a imensa carga tributária, o peso desproporcional da máquina pública e a burocracia infernal em um país em que os "donos do poder" ocupam o centro do palco, e o indivíduo e seus direitos dançam conforme a música.

O problema é que estamos perdendo tempo. Um país pode sempre mudar de direção, mas ser jovem apenas durante algum tempo. E o nosso está passando. Há quatro décadas, tínhamos 45 milhões de pessoas com até 14 anos, e pouco mais de 7 milhões de idosos. Daqui a menos de quatro décadas, será o oposto. Teremos 73 milhões de idosos, e apenas 28 milhões abaixo dos 14. Estamos diante de um maremoto. O detalhe é que o caminho para a prosperidade passa por aumentar a produtividade e promover a abertura de mercado, a boa regulação, a segurança jurídica e a boa educação de verdade, não de mentirinha. Era sobre isso que Mario Covas falava, em nossa primeira eleição presidencial, quando dizia que precisávamos de um "choque de capitalismo". Coisa que, trinta e tantos anos depois, parecemos ainda não compreender. ■

Fernando Schüler é cientista político e professor do Insper

■ Os textos dos colunistas não refletem necessariamente as opiniões de VEJA

SOBE

FLÁVIO DINO

O ministro da Justiça retomou o caso do assassinato da vereadora Marielle Franco, abrindo inquérito para a PF entrar nas investigações.

ECAD

A entidade brasileira responsável pela arrecadação e distribuição dos direitos autorais das músicas contabilizou em 2022 um total de 1,39 bilhão de reais, a melhor marca em dez anos.

VINICIUS JUNIOR

A estrela brasileira do Real Madrid vive a melhor fase de sua carreira e é um dos artilheiros da atual edição da Liga dos Campeões da Europa.

DESCE

PSDB

Insatisfeita com o comando do governador gaúcho Eduardo Leite e a influência exercida sobre ele por Aécio Neves, a ala paulista dos tucanos ameaça bater em debandada do partido.

AFEGANISTÃO

O Talibã proibiu a venda de anticoncepcionais em cidades do país, alegando que eles representam uma "conspiração ocidental" para controlar a população muçulmana.

MINDHUNTER

Uma das produções mais aclamadas da Netflix, a série sobre assassinos reais teve a terceira temporada cancelada.

TRISTAN FEWINGS/GETTY IMAGES

"Houve vários filmes que escolhi não fazer. Escolhi recusar o primeiro Harry Potter para passar um ano e meio com minha família, meus filhos crescendo. Sacrifiquei uma grande franquia. Mas hoje, olhando para trás, estou muito feliz pela decisão que tomei."

STEVEN SPIELBERG, pai de sete filhos, que concorre ao Oscar de melhor filme e melhor diretor com *Os Fabelmans*

“Acho que ele *(Bolsonaro)* precisa descansar mais, continuar por lá. Estou com ele há quinze anos e nunca o vi descansar.”

MICHELLE BOLSONARO, a respeito do marido, que descansa em Orlando, na Flórida, e foge dos problemas do Brasil

“Sabemos que as pessoas acreditam que no Nordeste não temos educação e instrução, mas isso mostra o contrário, tenho orgulho de mostrar o quanto a Paraíba é capaz de formar seus cidadãos.”

MARIA CLARA LIRA, 17 anos, selecionada em primeiro lugar no curso de medicina da Universidade de São Paulo (USP). Ela vive em Cajazeiras, no sertão da Paraíba, e cursou o ensino médio numa instituição pública federal.

“É um problema mais complexo do que está posto aí, de ser a favor do Banco Central ou contra ele. Isso só é verdadeiro nas arquibancadas de futebol.”

LUIZ GONZAGA BELLUZZO, economista

“Com Glauber eu conheci pela primeira vez uma pessoa como eu mesma, mas nós não tínhamos conexão sexual. Não sabíamos nada sobre sexo. E eu nunca tive um orgasmo com ele.”

HELENA IGNEZ, atriz que foi casada com o diretor Glauber Rocha, o grande nome do cinema novo

“Em larga medida, o Carnaval da Bahia é uma eterna homenagem grata ao Carnaval do Recife.”

CAETANO VELOSO, ao lembrar o sucesso do clube carnavalesco pernambucano Vassourinhas em Salvador, nos anos 1950, que inspiraria o trio elétrico de Osmar e Dodô

“Não existe calmaria no Brasil. Mas agora conseguimos falar sobre temas que realmente importam. São problemas de muitos governos anteriores.”

MARCELO TAS, apresentador de televisão e escritor

“Tenho orgulho de ser um dinossauro.”

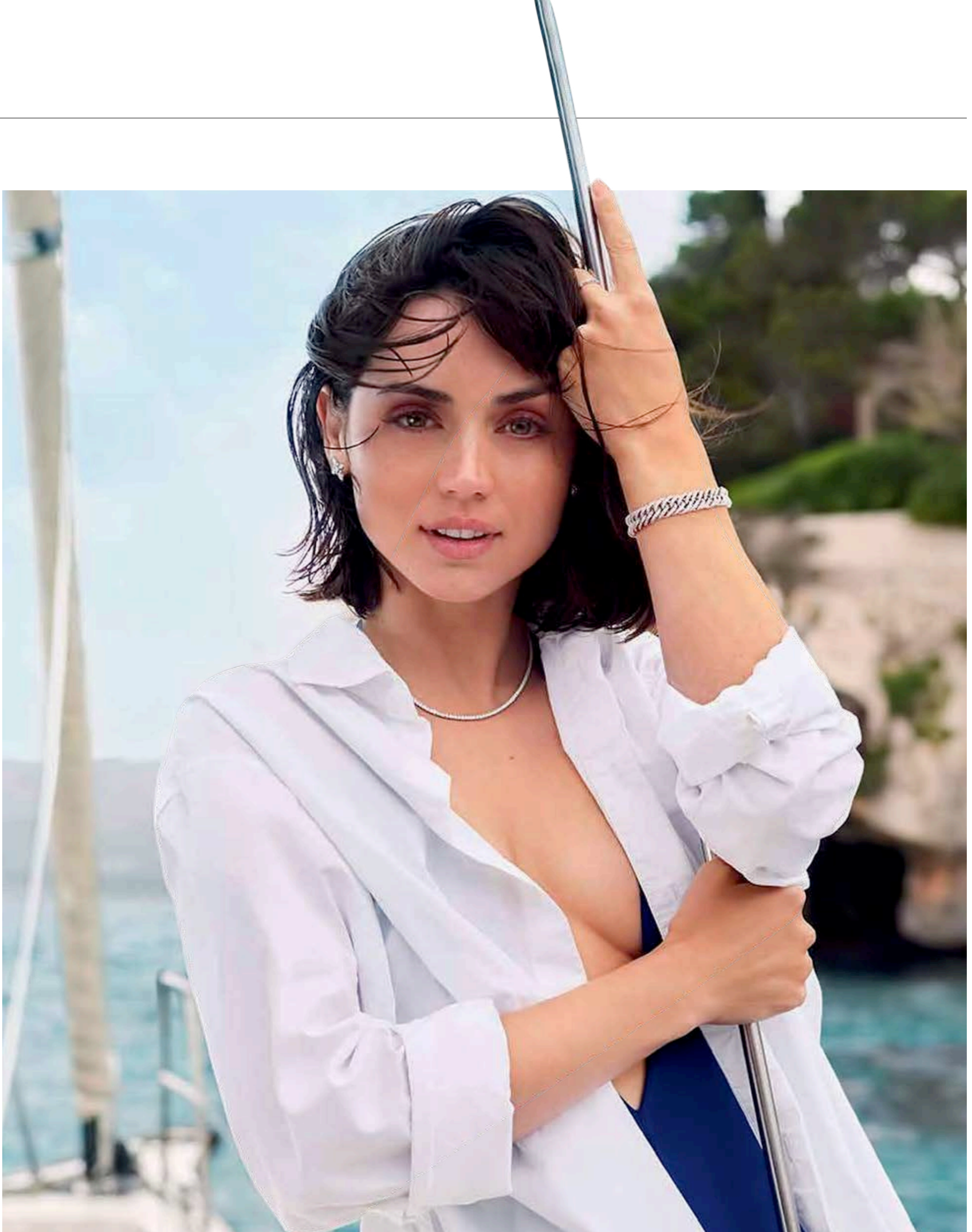
JACK LANG, 83 anos, ex-ministro da Cultura da França nos anos de François Mitterrand e hoje diretor do Instituto do Mundo Árabe

“Tinha ciúmes da Jane do Tarzan quando era criança. Sim, eu sabia que era ficcional. Mas me sentia rejeitada por ele não ter me levado junto.”

JANE GOODALL, 88 anos, a mais respeitada primatologista do mundo

“Quem sobe ao poder pelas armas acaba sendo um tirano e vou lutar para que isso não aconteça.”

SERGIO RAMÍREZ, escritor nicaraguense, privado de sua cidadania pela ditadura do presidente Daniel Ortega, a quem apoiou nos anos 1980, tempo em que os sandinistas derrubaram o clã dos Somoza

INSTAGRAM @ANA_D_ARMAS

“O conceito de estrela de cinema é o de alguém intocável que você só vê nas telas. Esse mistério acabou.”

ANA DE ARMAS, atriz de origem cubana radicada nos Estados Unidos, a respeito da onipresença daninha das redes sociais. Ela concorre ao Oscar por sua atuação em *Blonde,* no qual interpreta Marilyn Monroe

ROBSON BONIN

Com reportagem de Gustavo Maia, Lucas Vettorazzo e Ramiro Brites

Hora da reação

A tragédia das chuvas em São Paulo pegou o TCU com a faca nos dentes. Há um ano, depois de tantas mortes no país, **Bruno Dantas** encomendou um estudo sobre a estrutura nacional de Defesa Civil. O diagnóstico, que norteará julgamentos da Corte, acaba de ficar pronto e é desolador.

Dinheiro pelo ralo

Desde o fim de 2021, a gestão de Jair Bolsonaro torrou 400 milhões de reais em tragédias que mataram 432

TCU

BASTA Dantas: o TCU vai unir governadores para evitar novas tragédias climáticas

pessoas em cinco estados: BA, MG, SP, RJ e PE. Além de insuficiente, o dinheiro foi gasto sem transparência.

Questão de prioridade

Desde abril de 2022, o país tem, por lei, um Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil. Ninguém na gestão Bolsonaro achou por bem colocar dinheiro ou regulamentar as ações do órgão.

Terra de ninguém

O relatório do TCU mostra que não há verba para prevenção nem vontade de prevenir — o cadastro de famílias no sistema de alerta de temporais, por exemplo, foi abandonado. Pior: quando a tragédia ocorre, por pura burocracia, a verba, já insuficiente, demora até 100 dias para chegar a quem precisa.

Acerto de contas

Com tantos culpados, o TCU vai agir: "Falta priorizar o problema. Com essa grande auditoria, temos, pela primeira vez, um diagnóstico nacional. Agora, vamos aprofundar e apontar as falhas de cada um", diz Dantas.

Planejar e prevenir

O TCU vai fazer, na próxima semana, uma audiência com governadores dos estados atingidos por catástrofes. A ideia é distribuir responsabilidades e evitar que tudo se repita em 2024.

Erro de iniciante

Ninguém tem coragem de dizer a Lula, mas ministros do governo reprovaram o "amadorismo político" de Janja, que deu discurso à oposição, ao cair na folia enquanto milhares

choravam a tragédia das chuvas em SP.

Poderosa Aerobrás

Com 37 ministros no governo, o movimento dos jatinhos da FAB anda intenso. Nos dezesseis dias de fevereiro que antecederam o Carnaval, foram 65 voos bancados com dinheiro público para levar auxiliares de Lula país afora.

Ilegal, mas quem liga?

O petista Edegar Pretto até hoje não foi nomeado presidente da Conab, mas despacha irregularmente na estatal. Nesta semana, acredite, estava listado na agenda de Lula sobre a seca no RS.

Ação do barulho

A corregedoria do CNJ julga nos próximos dias uma ação que tenta barrar a posse do desembargador Guilherme Calmon na presidência do TRF2. Há graves acusações no material relatado pelo ministro Luis Felipe Salomão.

Retórica lastimável

O STF vai julgar no plenário virtual uma ação de Tabata Amaral contra Eduardo Bolsonaro por tuítes difamatórios após o pai dele ter vetado a doação de absorventes a mulheres pobres.

Risco de condenação

Eduardo acusou Tabata de defender a proposta para beneficiar um empresário. Relator, Dias Toffoli, citando a imunidade parlamentar, já votou para rejeitar a queixa. Outros ministros avaliam que há espaço para condenação.

NELSON JR./SCO/STF

VOLTEI Rosa: depois da destruição, a chefe do STF voltará a usar o gabinete

O retorno

Rosa Weber deve voltar a despachar no gabinete da presidência do STF na próxima semana. Quase dois meses depois dos ataques de 8 de janeiro, a reconstrução segue no segundo andar da Corte. Os golpistas quebraram tudo na sala e ainda colocaram fogo na cadeira da presidente da Corte.

Monopólio em xeque

Nos próximos dias, o STF vai julgar se o monopólio estatal dos Correios impede municípios de entregarem diretamente guias de arrecadação tributária aos contribuintes.

Um senador muito louco

Gilmar Mendes telefonou a Rodrigo Pacheco outro dia para entender a cabeça de Marcos do Val. Pacheco disse que o colega tomava remédios controlados e não deveria ser levado a sério no STF. Do Val, aliás, saiu de cena.

Quem mandou matar?

Flávio Dino mandou a PF reabrir o caso Marielle para ajudar o MPRJ, mas não há, segundo ele, fato novo no caso.

Briga de companheiros

O chefe do BC, Roberto Campos Neto, saiu de cena, mas a guerra petista (leia-se Mercadante *versus* Fernando Haddad) na economia está longe do fim. Os últimos dias foram bem tensos.

Está tudo certo

A área técnica do TCU assinou parecer que isenta Haddad de irregularidades nas contas da prefeitura de São Paulo sobre a merenda escolar.

Ex-amigos

Roberto Requião virou um problema para Lula. O presidente quer ir ao Paraná para a posse do novo chefe de Itaipu, mas teme o atrito com o aliado.

Dinheiro parado

Engavetado no Senado, o marco dos jogos de azar, relatado por Felipe Carreras na Câmara, prevê o repasse de 2 bilhões de reais anuais para prevenção de desastres naturais no país.

Discurso e prática

Famosa defensora da classe artística — no discurso, pelo menos —, a CUT é alvo de uma ação do Ecad por um calote de 200 000 reais nos direitos autorais de... artistas. Que feio.

Dou-lhe uma...

O Senado contratou uma empresa de leilões para começar a se livrar de bens móveis da Casa em pregões públicos.

O pessimista

Em conversas recentes, Paulo Guedes disse a aliados que a economia, já capenga, vai piorar bastante depois do

primeiro semestre. Culpa, segundo ele, do cenário internacional.

“Evitem favelas”

No Carnaval, a Embaixada dos Estados Unidos em Brasília emitiu um alerta aos cidadãos americanos: “Evitem comunidades e favelas, mesmo que no contexto de festas ou blocos”.

JEFFERSON COPPOLA

Crime e lucro

Suzane von Richthofen, quem diria, pode lucrar com o assassinato dos pais. Em evidência na série da Amazon sobre o livro *Suzane: Assassina e Manipuladora* (Matrix Editora), que será lançada em 2024 e fala de sua vida na penitenciária de Tremembé, ela acaba de fechar contrato com a produtora inglesa Pulse Films para atuar num documentário da HBO. ■

FAMA Suzane: a morte dos pais agora rende cachê na HBO

EXPECTATIVA
Guaribas, no Piauí: clima de ansiedade na cidade-berço do programa social

APOSTA REDOBRADA

Com novidades e promessas de resolver problemas crônicos do programa, Lula se prepara para relançar o Bolsa Família, uma das principais vitrines eleitorais dos governos do PT desde que o partido chegou ao poder

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS E **REYNALDO TUROLLO JR.**

LALO DE ALMEIDA/FOLHAPRESS

Guaribas conta os dias para o relançamento do programa que, por quase duas décadas, tem sido visto como a grande marca do Partido dos Trabalhadores. Está previsto para os próximos dias o anúncio oficial do Bolsa Família repaginado, uma das maiores promessas de Luiz Inácio Lula da Silva. Ele substituirá o bolsonarista Auxílio Brasil, prevendo, além dos atuais 600 reais por família, mais 150 reais adicionais para cada criança de até 6 anos. Localizada no sertão do Piauí, Guaribas virou a cidade-berço da iniciativa

MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

NA MIRA Dias: a pasta comandada pelo petista fará pente-fino em cadastro

em 2003, quando a primeira versão foi lançada pelo petista. O que aconteceu no passado alimenta a esperança de um futuro melhor. Por isso, a gratidão ao petista quase não tem limites. “Aqui é Deus no céu e Lula na Terra”, diz o vice-prefeito, Joziel Alves (MDB). Ali, Lula teve 93,86% dos votos válidos no segundo turno, contra 6,14% de Jair Bolsonaro. Com a distribuição do dinheiro público, a cidade teve ligeira melhora nos indicadores sociais — seu IDH subiu de 0,214, em 2000, para 0,508 em 2010, ainda abaixo da média do estado, de 0,646, mas o suficiente para que os moradores relatem avanços. “O cenário aqui era outro, só sabe quem vivenciou na prática. As pessoas não tinham renda fixa, viviam da roça”, conta Alves.

Importantíssimo sobretudo às populações de pequenos municípios do Norte e do Nordeste, como Guaribas, onde há poucas oportunidades de trabalho, o Bolsa Família atende atualmente a 21,9 milhões de famílias no país e sua nova versão é uma das principais apostas deste primeiro ano do novo governo Lula. Com 175,7 bilhões de reais reservados na lei orçamentária de 2023, o programa supera os orçamentos de ministérios importantes como Educação (158,9 bilhões de reais), Defesa (122,6 bilhões de reais), Segurança Pública (20,2 bilhões de reais) e Meio Ambiente (3,5 bilhões de reais). Garantir os recursos ao auxílio fora do teto de gastos consumiu um enorme esforço político antes mesmo da posse do petista, com as articulações pela aprovação da chamada PEC da Transição. O desenho da nova versão demandou esforços de uma equipe que, além do ministro Wellington Dias, do Desenvolvimento Social, incluiu a ministra do Planejamento, Simone Tebet, e as ex-ministras Tereza Campello e Márcia Lopes desde a transição. Além de manter o benefício no patamar de 600 reais mínimos às famílias e incluir um pa-

PEDRO FRANÇA/FUTURA PRESS

CONTRIBUIÇÃO Tebet: ministra do Planejamento, ela coordenou a parte social na transição de governo

SERGIO LIMA / AFP

TETO FURADO Lira: o Congresso abriu caminho para bancar programa em 2023

gamento extra referente às crianças (só esse benefício terá um custo de 18 bilhões de reais em 2023), o "novo" Bolsa Família também voltará a exigir contrapartidas aos beneficiários, como vacinação e frequência escolar. "Não se trata só de volume de dinheiro, mas de eficiência dos investimentos como política pública", diz Renato Meirelles, presidente do Instituto Locomotiva.

Um dos carros-chefe do novo Bolsa Família, o pagamento de 150 reais extras para cada criança de zero a 6 anos é visto como forma de retomar o critério de proporcionalidade que existia no antigo programa — quanto maior a família, maior a necessidade de dinheiro —, limado pelo governo Bolsonaro. O ideal, segundo especialistas, era que se voltas-

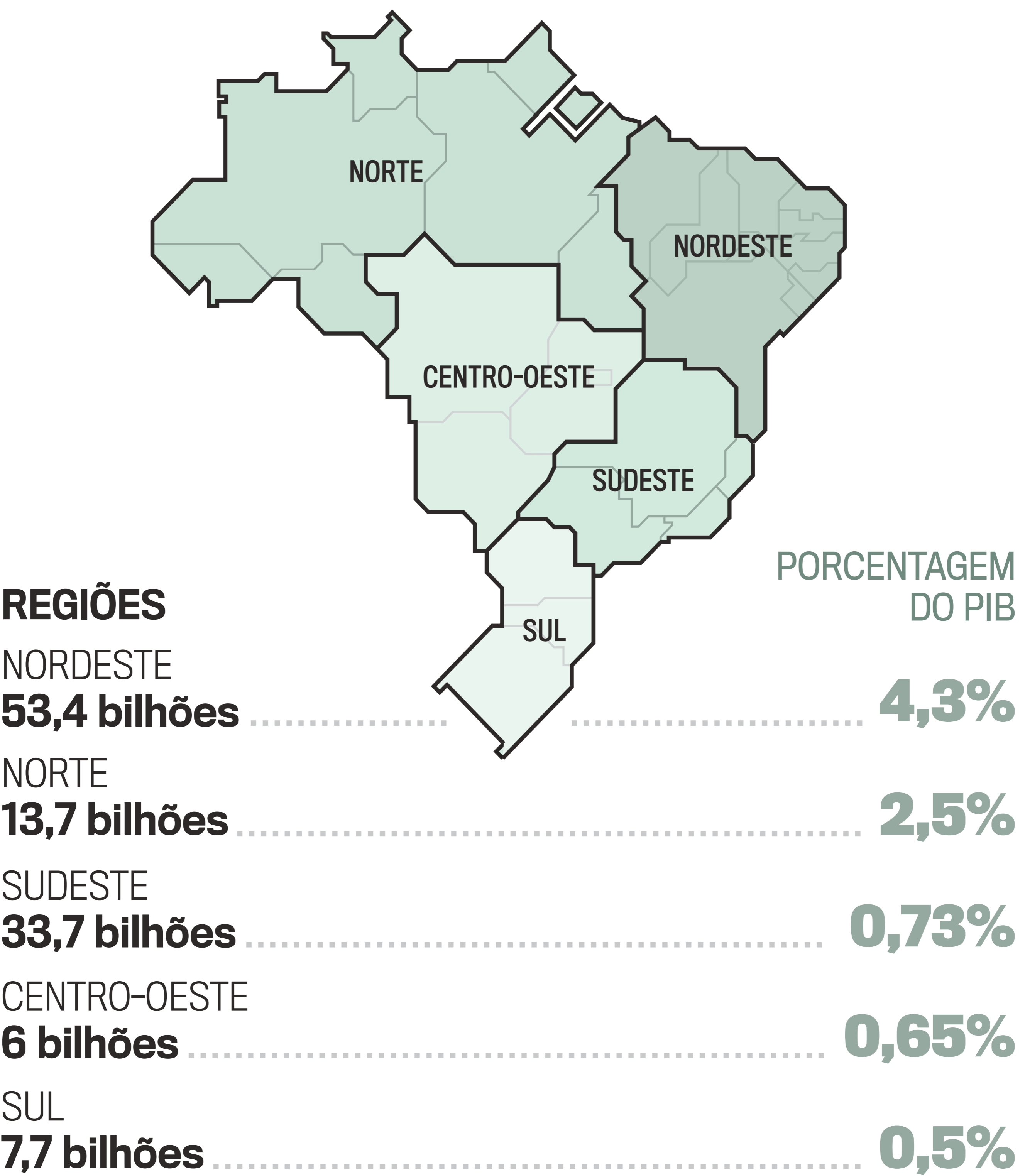
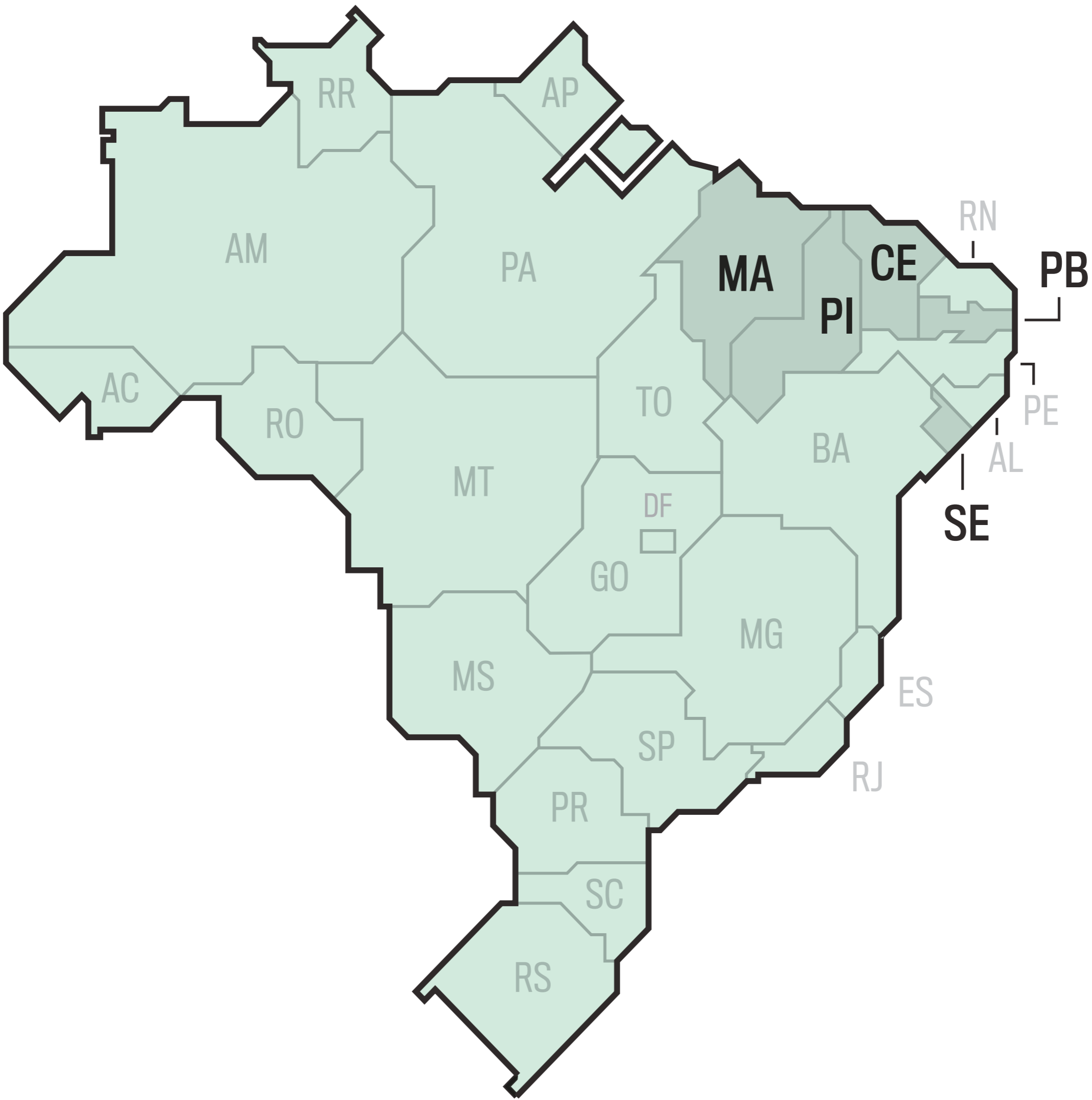
se ao desenho antigo, com valores de acordo com o tamanho das famílias. Depois que Bolsonaro elevou no Auxílio Brasil o pagamento médio (inicialmente para 400 e depois para 600 reais), no entanto, é difícil voltar atrás, por questões políticas. "A única coisa em que a regra dos 600 reais é 'boa' é em termos eleitorais", diz Marcelo Neri, diretor do FGV Social e um dos maiores estudiosos do assunto.

Já que não pega bem mexer nos 600 reais pagos pelo antecessor e cuja manutenção foi prometida pelo petista na campanha, a equipe do novo governo diz que vem procurando corrigir outras distorções da proposta original. Um exemplo citado são os furos no Cadastro Único causados pelo Auxílio Brasil de Bolsonaro. Em uma entrevista recente, Wellington Dias afirmou que há suspeitas de 2,5 milhões de fraudes no sistema, com famílias recebendo indevidamente o dinheiro — casos como os de pessoas com renda de até nove salários mínimos sendo beneficiadas.

O time de Lula também se debruça em busca de soluções para o fenômeno do crescimento anormal do número de famílias que se declaram como sendo compostas de uma só pessoa, problema já detectado pelo Tribunal de Contas da União. Isso não ocorria com o antigo Bolsa Família, que não distribuía um valor fixo. A multiplicação de casos se intensificou desde o lançamento do Auxílio Brasil, em outubro de 2021, com valor universal de 400 reais a todas as famílias, independentemente de seu tamanho, em lógica "herdada" do auxílio emergencial pago na pandemia.

O TAMANHO DO INVESTIMENTO

Em 2022, o Auxílio Brasil, que voltará a se chamar Bolsa Família, distribuiu 114,6 bilhões de reais, o equivalente a 1,2% do PIB do país em 2021. Confira o peso do programa por regiões, estados e municípios:

REGIÕES	PORCENTAGEM DO PIB
NORDESTE **53,4 bilhões**	4,3%
NORTE **13,7 bilhões**	2,5%
SUDESTE **33,7 bilhões**	0,73%
CENTRO-OESTE **6 bilhões**	0,65%
SUL **7,7 bilhões**	0,5%

ESTADOS MAIS IMPACTADOS	PORCENTAGEM DO PIB
MARANHÃO **6,7 bilhões**	5,41%
PIAUÍ **3,4 bilhões**	5,26%
PARAÍBA **3,8 bilhões**	4,72%
CEARÁ **8,2 bilhões**	4,24%
SERGIPE **2,1 bilhões**	4,16%

MUNICÍPIOS MAIS IMPACTADOS — PORCENTAGEM DO PIB

SERRANO DO MARANHÃO **(MA)**
26,8 milhões **37,5%**

CACHOEIRA GRANDE **(MA)**
18,6 milhões **28,1%**

CENTRAL DO MARANHÃO **(MA)**
14,8 milhões **27,3%**

ALCÂNTARA **(MA)**
38 milhões **24,8%**

SÃO VICENTE FERRER **(MA)**
37 milhões **23,3%**

Fonte: *estudo do professor titular de economia da UFPE Ecio Costa, que considera valores do Auxílio Brasil pagos em 2022 e projeções do PIB dos municípios para 2022*

Como resultado disso, muitos casais com dois filhos ou mais começaram a declarar morar em casas separadas, de forma a receber o benefício em dobro. Segundo estimativas de Marcelo Neri com base em dados do Cadastro Único, desde a instituição do Auxílio Brasil o tamanho médio das famílias cadastradas no programa caiu de 3,01 pessoas, em novembro de 2021, para 2,59 em outubro de 2022. Em menos de um ano, a proporção de famílias com quatro pessoas ou mais se reduziu de 33% para 24%, enquanto a de famílias unipessoais quase dobrou, saltando de 15% para 26%. "Houve um incentivo cavalar para que as pessoas distorcessem os dados", afirma Neri, que estima em 55% o desperdício de recursos com a adoção do "piso" de 600 reais.

Para fazer frente ao problema, o governo atual pretende passar um pente-fino no banco de dados. O primeiro passo foi a criação de uma opção no aplicativo do CadÚnico que permite aos cadastrados indevidamente se retirarem da lista de beneficiários. Em outra frente, o governo federal prevê fazer parcerias com prefeituras para enviar agentes municipais aos endereços cadastrados, a fim de que verifiquem se os moradores estão recebendo os benefícios de maneira regular. A gestão Lula estima que a "limpeza" das famílias unipessoais no CadÚnico se estenda de março a dezembro e prevê uma campanha informativa sobre as regras do programa, a ser lançada até abril. Outra medida que membros do governo consideram importante para os ajustes do Cadastro Único foi o início de sua integração ao Cadastro Na-

ISAC NÓBREGA/PR

PROBLEMAS Bolsonaro e o ex-ministro Roma: o Auxílio Brasil ampliou casos de famílias "unipessoais"

cional de Informações Sociais (CNIS), base de dados com informações sobre vínculos empregatícios, remunerações e contribuições previdenciárias dos cidadãos.

O desenho pensado por membros da gestão prevê como critério para participar do programa uma renda de até 525 reais por mês para cada integrante da família, que hoje é de até 210 reais. No passado, um beneficiário do Bolsa Família era excluído do programa quando conseguia emprego. Daqui para a frente, quem recebe o benefício poderá estar empregado formalmente e continuar dentro do Bolsa Família, caso sua renda mensal per capita não ultrapasse os 525 reais. Assim, a medida também ajudaria a combater estímulos à informalidade no trabalho entre os beneficiários.

IGOR DO VALE/NURPHOTO/GETTY IMAGES

EFEITO Filas: mais um reflexo dos problemas de cadastramento no programa

Antes da era petista, o grande marco em iniciativas de renda mínima no país foi o Bolsa Escola, de Fernando Henrique Cardoso. Ao chegar ao Palácio do Planalto, o petista reuniu esse e outros programas sociais da época do tucano, criando a marca Bolsa Família. Com base nos resultados obtidos a partir de 2003, Lula acredita que o novo programa será essencial no combate à miséria, sua principal bandeira. De fato, todas as pesquisas sobre insegurança alimentar mostram que o Brasil avançou no enfrentamento desse mal de 2004 a 2014, um mérito dos governos petistas, embora a fome nunca tenha sido completamente eliminada, apesar de Lula não se cansar de repetir a "façanha". Por volta de 2014, ainda no primeiro governo de Dilma Rousseff, os indicado-

DIVULGAÇÃO

A ORIGEM Bolsa Escola: FHC lançou o que Lula unificaria como Bolsa Família

res sociais voltaram a piorar, dando início a um processo que se intensificou entre 2018 e 2022, nos governos Michel Temer e Bolsonaro.

A explicação para o sucesso do primeiro período do PT no governo, no entanto, não está relacionada somente ao Bolsa Família. Naquele ciclo, houve uma conjunção de iniciativas que contribuíram para o enfrentamento da fome e da miséria, como o Programa de Aquisição de Alimentos, pelo qual o governo comprava a produção de pequenos agricultores e a distribuía, o Programa Nacional de Alimentação Escolar, responsável pelas refeições de crianças da rede pública e desarticulado na pandemia, a construção de cisternas no Nordeste, a valorização do salário mínimo

e medidas como o reconhecimento dos direitos das empregadas domésticas. Algumas dessas iniciativas perderam força nos últimos anos e o governo pretende retomá-las, em paralelo ao Bolsa Família.

O programa de distribuição de renda trouxe muitos frutos políticos a Lula, sobretudo em sua primeira reeleição, e teve peso nas duas vitórias de sua pupila, Dilma. Mesmo com o PT longe do governo por seis anos, pesquisas mostram que o Bolsa Família até hoje tem efeitos sobre a popularidade de Lula e do partido. Segundo levantamento divulgado na última semana pela Quaest, 77% dos beneficiários do programa acham que o governo Lula se importa com eles, enquanto a volta ou aumento do Bolsa Família foi o segundo tema mais lembrado pelos entrevistados nos dois meses da nova gestão. Entre as faixas de renda, pessoas que ganham até dois salários mínimos são as que mais avaliam o governo Lula positivamente (47%) e as que mais se identificam com o PT (43%). "O Bolsa Família é o programa mais conhecido do PT e de maior vínculo positivo aos anos em que o partido governou o país", resume Felipe Nunes, diretor da Quaest.

O acerto em retomar o programa com o cuidado de corrigir as distorções mais flagrantes não elimina o fato de que é preciso aperfeiçoar ainda muito mais a política. Segundo estudiosos no assunto, a superação da pobreza precisa incluir incentivo ao trabalho, o que exige uma série de ações muito mais amplas e coordenadas. Exemplo disso é a volta da obrigatoriedade escolar, que não basta por si só. A pri-

meira versão do Bolsa Família aumentou o número de matrículas, é verdade, mas isso não se refletiu na melhoria do aprendizado em geral. Fora discursos genéricos de intenções, Lula ainda não explicou como o novo programa será capaz de evitar esse grande erro do passado, que é o efeito cíclico de dependência do dinheiro público.

Trata-se de uma questão fundamental, dado o tamanho do investimento feito na distribuição de renda por um país empobrecido como o Brasil. O programa corresponde hoje a 1,2% do PIB, quase cinco vezes mais do que em 2003. Essa conta fica ainda mais impressionante quando se analisam as regiões campeãs na dependência do benefício. Estudo do professor Ecio Costa, titular do Departamento de Economia da UFPE, mostra que os desembolsos corresponderam em 2022 a 15% da projeção do PIB de Guaribas — há municípios nordestinos em que a relação supera a casa dos 30%. Cabe ainda ao governo, acima de tudo, zelar pela política fiscal para impedir males que castigam com força os mais pobres. “Sem controle de inflação, o poder de compra se deteriora. É fundamental a preocupação social com responsabilidade fiscal”, lembra Costa. Com financiamento do Bolsa Família garantido apenas para 2023, o governo terá de encarar em breve novas negociações com o Congresso para garantir a continuidade. Mais do que isso, precisará encontrar políticas eficazes para ele ser muito mais do que um necessário e urgente remédio contra a pobreza, tornando-o um efetivo instrumento de real transformação de vidas. ■

EDILSON RODRIGUES/AG. SENADO

INSISTÊNCIA Soraya Thronicke: a senadora foi ao STF, revoltada com a “omissão”

OPERAÇÃO ABAFA

Governo e aliados intensificam ações para minar a abertura de comissões de investigação no Congresso sobre atos golpistas de 8 de janeiro

JOÃO PEDROSO DE CAMPOS

EVARISTO SA/AFP

DECISIVO Rodrigo Pacheco: a instalação de CPI no Senado depende do senador mineiro, aliado de Lula

NA ESTEIRA dos atos golpistas de 8 de janeiro, mais de 1 000 bolsonaristas foram presos pela Polícia Federal, a Procuradoria-Geral da República já denunciou criminalmente 835 deles e o Supremo Tribunal Federal tem investigações em andamento para apurar a relação de políticos com os ataques aos três poderes. Outra frente de trabalho sobre os atos surgiu no Congresso, por meio de pedidos de

criação de Comissão Parlamentar de Inquérito. Há duas iniciativas em curso: um requerimento no Senado de Soraya Thronicke (União-MS) e uma articulação feita pelo deputado bolsonarista André Fernandes (PL-CE) para criar uma CPMI, comissão mista de deputados e senadores.

No Palácio do Planalto, no entanto, essa possibilidade não é bem-vista, pois pode servir como palanque para a oposição jogar holofotes sobre eventuais erros de ministros como Flávio Dino, da Justiça, e José Múcio, da Defesa, na tarefa de proteger as instituições e o patrimônio público. Temendo possíveis desgastes, o presidente Lula não quer nem ouvir falar do assunto. Tanto ele quanto Dino já rechaçaram a ideia. Como só o discurso não bastou, o governo e sua base de apoio no Congresso intensificaram movimentos para tentar barrar essas CPIs.

Por enquanto, o ataque parece estar sendo mais eficaz no Senado, onde nasceu a primeira proposta de CPI. Ela é encabeçada por Soraya e parecia ter um futuro promissor. Apresentada em janeiro, poucas horas após os atos de depredação em Brasília, o requerimento reuniu assinaturas de 38 senadores em mandato (são necessárias 27), além de doze que deixaram o Senado em fevereiro, com o início da nova legislatura. Em entrevista, o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), chegou a dizer que havia "fato determinado, de magnitude e importância, e assinaturas suficientes", motivo pelo qual não lhe restaria alternativa que não ler o pedido de CPI, ato que abre caminho para sua instauração.

PERIGO DUPLO

Duas iniciativas pretendem se debruçar sobre os atos golpistas

CPI NO SENADO

Elaborado pela senadora Soraya Thronicke (União-MS), pedido de investigação foi assinado sobretudo por senadores de partidos da base aliada, que devem esvaziá-lo

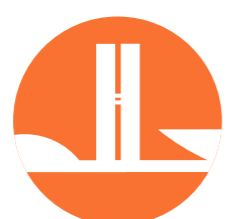
ASSINATURAS COLETADAS ATÉ AGORA*

38 (são necessárias 27)

PARTIDOS COM ASSINATURAS

Partido	Assinaturas
PSD	11
PT	5
MDB	5
Podemos	4
PDT	3
PSDB	3
União	2
PP	2
PL	2
Rede	1

* Dados coletados até o dia 23/2/2023

A maioria das assinaturas, no entanto, foi feita por senadores de partidos da base aliada do governo na Casa. A maior parte desses parlamentares, agora, diz não apoiar mais a criação da CPI, usando um argumento coincidente com o do governo Lula: as investigações têm andado a contento no STF, na PGR e na PF e que não haveria necessidade de "duplicar" as apurações. "A assinatura foi feita no 'sangue quente' ", justifica o senador Otto Alencar (BA), lulista que lidera a bancada do PSD, a maior do Senado, com dezesseis membros. Ele assinou o requerimento de Soraya Thronicke, mas pode voltar atrás. Por outro lado, alguns governistas não cravam a retirada de apoio à Comissão.

CPMI NO CONGRESSO

Articulado pelo deputado André Fernandes (PL-CE), pedido mira sobretudo supostas omissões do governo Lula nos atos de 8 de janeiro e tem adesão maciça de parlamentares bolsonaristas

ASSINATURAS COLETADAS ATÉ AGORA*

157 deputados e 32 senadores
(são necessários 171 deputados e 27 senadores)

* Dados coletados até o dia 23/2/2023

PARTIDOS COM ASSINATURAS

NA CÂMARA

Partido	Assinaturas
PL	87
União	18
PP	17
Republicanos	10
MDB	9
PSD	7
Novo	3
Podemos	2
PSDB	2
Cidadania	1
Patriota	1

NO SENADO

Partido	Assinaturas
PP	5
Podemos	4
Republicanos	4
União	4
PSDB	2
Novo	1
PSD	1

Fonte: gabinetes de Soraya Thronicke (União-MS) e André Fernandes (PL-CE)

O movimento de abafa ao requerimento de Soraya pode ser favorecido por uma questão burocrática: há um entendimento da Secretaria-Geral da Mesa do Senado no sentido de que o pedido da senadora, apresentado ainda na legislatura anterior, antes de fevereiro, ficou prejudicado, assim como as assinaturas que apoiam a iniciativa. "Deve-se ou abrir prazo para que se retirem assinaturas ou iniciar uma nova coleta de apoios", diz o líder do PT no Senado, Fabiano Contarato (ES), que também assinou a criação da CPI "no calor do momento". Soraya se defende citando um artigo do regimento do Senado para argumentar que o requerimento elaborado por ela, assim como as assinaturas de seus colegas, permanecem válidos. A senadora também diz ter a palavra de Rodrigo Pacheco de que ele leria o pedido de criação da CPI na próxima sessão deliberativa, prevista para o dia 28 de fevereiro, depois do Carnaval. "Quando protocolei o requerimento, o único senador com quem conversei foi o presidente", diz ela. Já não confiando mais na promessa, Soraya acionou no último dia 16 o STF por Pacheco ainda não ter instaurado a CPI e classificou o comportamento dele como "atuação política antidemocrática" e "omissão". Ela pede que o Supremo ordene a abertura da comissão de inquérito. A Corte não tem prazo para analisar o pedido.

Enquanto a tentativa de CPI no Senado está em xeque, a proposta de CPMI articulada pelo deputado André Fernandes tem tido avanços. A proposta é de incluir na apuração supostos atos de omissão do governo Lula durante as invasões do 8 de janeiro. Fernandes reuniu até o momento 32 assinaturas no Senado,

IRONIA Fernandes: articulador de CPMI é investigado por apoio ao golpismo

mais que as 27 suficientes, e na Câmara obteve 157 apoios — são necessárias 171 assinaturas de deputados. "Deve-se buscar apurar, principalmente, se as autoridades do novo governo receberam os informes de inteligência e por que não foram reforçadas as medidas de segurança", diz o senador e ex-vice-presidente Hamilton Mourão (Republicanos-RS), um dos apoiadores da CPMI. Além de Mourão, engrossam no Senado os apoios à iniciativa pesos-pesados do bolsonarismo como Flávio Bolsonaro (PL-RJ) e os ex-ministros Rogério Marinho (PL-RN), Ciro Nogueira (PP-PI), Damares Alves (Republicanos-DF) e Tereza Cristina (PP-MS). Entre os deputados, nomes como Eduardo Bolsonaro (PL-SP), Eduardo Pazuello (PL-RJ), Nikolas Ferreira (PL-MG), Bia Kicis (PL-DF) e Carla Zambelli (PL-SP)

JUNIOR PIO/ALCE

WALDEMIR BARRETO/AGÊNCIA SENADO

MISSÃO Jaques Wagner, líder de Lula no Senado: o Planalto não quer saber de CPI

também querem a CPMI. Ironicamente, o próprio André Fernandes é investigado no Supremo por ter insuflado os atos de janeiro. Ele chegou a ironizar nas redes sociais a invasão do STF, postando uma foto da porta de um armário vandalizado na Corte, com o nome do ministro Alexandre de Moraes.

Escaldado por escândalos do passado que respingaram nos governos petistas, tendo origem em CPIs como a dos Correios, Lula sabe como ninguém como uma investigação parlamentar pode ser desgastante quando o Palácio do Planalto entra na mira da oposição. A dificuldade de frear a Comissão de 8 de janeiro reflete também um dilema que deve se repetir ao longo do seu mandato: em meio a incertezas na base aliada, o cuidado com o Congresso terá de ser permanente. ■

MURILLO DE ARAGÃO

OS LIMITES DO PODER

A história se repete como farsa, mas embute sérias lições

QUANDO JÂNIO QUADROS pousou na Base Aérea de Guarulhos, esperava que seu gesto despertasse uma multidão de eleitores que, poucos meses antes, o haviam conduzido ao Palácio do Planalto. Não aconteceu nada. João Goulart esperou que as ruas e as manifestações lhe dessem poder sobre o Congresso, foi derrubado. Fernando Collor, pelo seu lado, acreditou na narrativa e no seu voluntarismo. Quando quis "comprar o painel", era tarde. Sofreu impeachment. Dilma Rousseff, também, testou os limites do poder. Deixando de cumprir acordos, não dialogando com as forças políticas e tampouco atendendo aos requerimentos e demandas do Legislativo. Encontraram uma justificativa, aceita pelo Tribunal de Contas da União e pelo Supremo Tribunal Federal, para o seu impeachment.

Jair Bolsonaro sacudiu o bote para ver se conseguia uma nova alvorada institucional. Tentou em 2021 e deixou tentarem em 2022. Atacou o Judiciário, foi controlado pelo Congresso. Não conseguiu a imposição pela imposição. Ficou pelo caminho e perdeu densidade política.

A história se repete como farsa, mas embute sérias lições. Em todos os casos mencionados existem lições que devem perdurar. Em todos os casos mencionados fica claro que o presidente pode muito, mas não pode tudo. E, em Brasília, o presidente da República pode ser cuspido do poder antes mesmo de perceber que está sendo mastigado.

Observando os casos da história política, todos os presidentes mencionados tentaram testar os limites das fronteiras institucionais e foram derrotados. João Goulart foi mais longe e — em sendo derrubado — propiciou o regime militar. O divórcio entre o Executivo e o Legislativo no governo Goulart foi aprofundado pelo desempenho trágico na economia.

Não há como fugir dos exemplos da história, ainda que a política seja movimento em múltiplas dimensões. A diferença, no caso brasileiro, é que o ambiente institucional segue

“Claramente, as intenções do novo governo ainda não cabem no figurino institucional do Brasil”

crescentemente complexo e fragmentando. Assim, o voluntarismo presidencial — mostrado por Quadros, Goulart, Collor e Dilma — tem cada vez menos espaço.

O voluntarismo de Bolsonaro, por exemplo, esbarrou na incapacidade de se promover uma ruptura institucional por falta de apoio na sociedade, na imprensa, nos agentes econômicos e mesmo nas Forças Armadas. Ficou no campo da utopia desconectada do mundo real.

Lula começa o seu governo com narrativas voluntaristas. Seu entorno, dividido entre pragmáticos e dogmáticos, reage de forma diferente. Uns vibram com a agenda de transformação. Outros se preocupam com os limites do consenso.

Claramente, as intenções do novo governo ainda não cabem no figurino institucional do Brasil. As roupas do novo governo estão apertadas. Para dar certo, deve existir um regime de intenções, adequá-las ao horizonte próximo e construir o consenso para realizá-las.

No final das contas, os limites do poder são dados pela capacidade de viabilidade da agenda do governo. A imposição de agendas é uma quase impossibilidade nos tempos atuais do Brasil. O sucesso do atual governo vai depender da capacidade de construir consensos. ■

REESCREVENDO A HISTÓRIA

Encarnando o papel de vítima de um "golpe", uma nova Dilma Rousseff deve assumir o comando de um banco no exterior e receber uma indenização que pode chegar a 7 milhões de reais **LEONARDO CALDAS**

A VERSÃO Dilma em 2023: história edulcorada pelo PT para justificar o impeachment da ex-presidente

FÁTIMA MEIRA/FUTURA PRESS

LULA JÁ DEIXOU claro que uma das prioridades de seu mandato é revisar a história. Há dois anos, o então ex-presidente figurava como personagem principal de um capítulo sombrio da política brasileira. As investigações da Operação Lava-Jato demonstraram que, durante os governos petistas, funcionou na Petrobras um enorme esquema de corrupção. Lula foi condenado, preso e banido da vida pública. Erros processuais, como se sabe, acabaram provocando uma reviravolta no caso com a anulação das sentenças. Na nova versão desse episódio difundida pelos petistas, o atual presidente foi inocentado pela Justiça depois de enfrentar uma conspiração. Nenhuma das duas afirmações é verdadeira, mas essa é a narrativa que se ouve insistentemente desde então. A vitória eleitoral no ano passado mostrou que a estratégia foi bem-sucedida, a ponto de estimular outros personagens do partido a tentar remodelar suas biografias. Dilma Rousseff, por exemplo.

A ex-presidente teve o mandato cassado em 2016 por um processo de impeachment conduzido pelo, à época, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Ricardo Lewandowski. Após as eleições de outubro, ela passou a comparecer a eventos oficiais ao lado de Lula, que já afirmou diversas vezes desde que assumiu o governo que a petista foi vítima de um "golpe da direita". Para reparar a "injustiça", ele fez circular a informação de que pretende nomeá-la para dirigir um banco no exterior. Para reforçar a imagem de perseguida, ela pretende pedir a revisão de um processo que tra-

LEO CORREA/AP

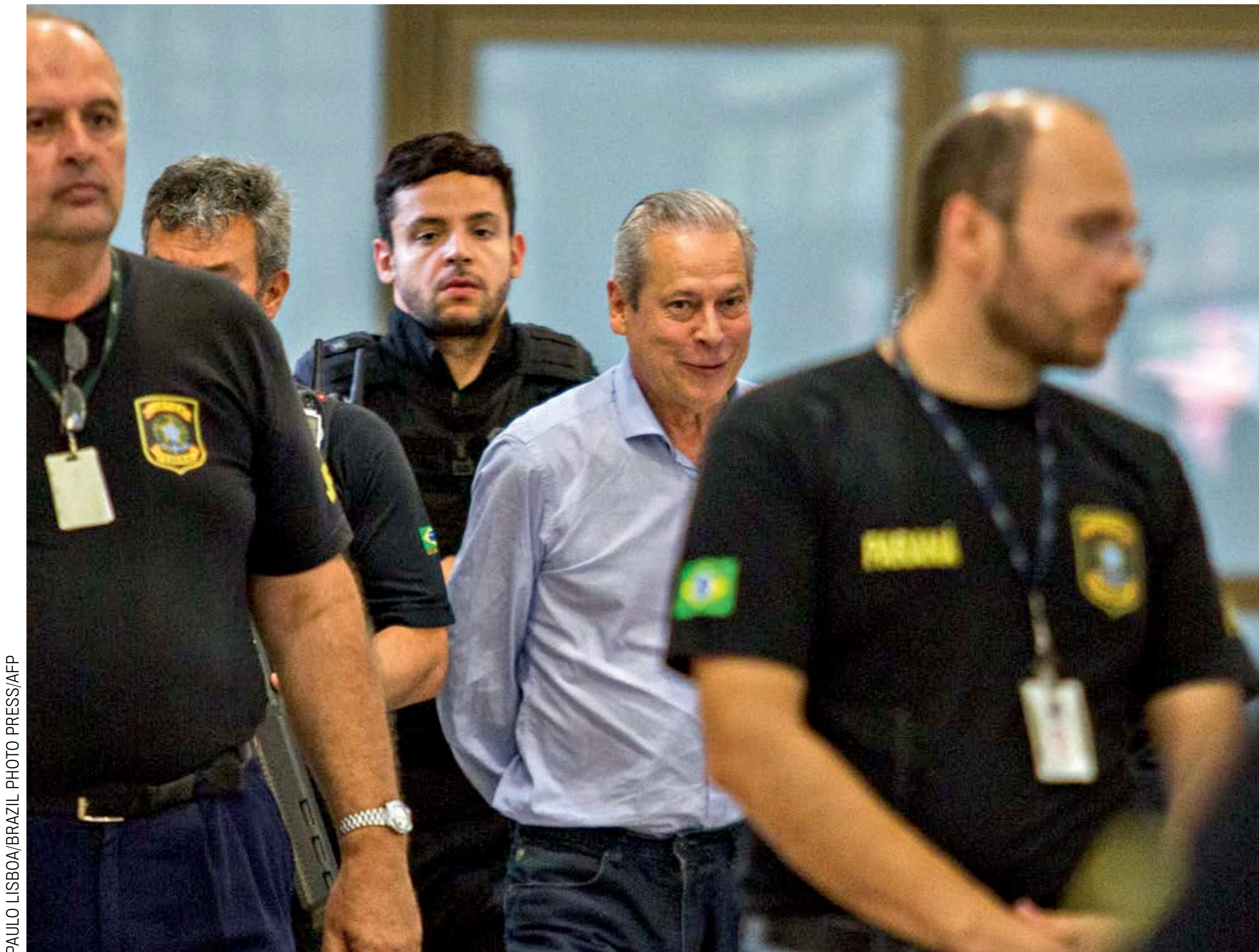
O FATO Dilma em 2016: o mandato foi cassado por um crime de responsabilidade

mitou na Comissão de Anistia do governo federal, no qual solicita o pagamento de uma pensão mensal por supostos prejuízos profissionais sofridos durante a ditadura militar. A indenização foi negada durante o governo Bolsonaro. Por isso, além da questão financeira, a ação abrirá à ex-presidente um espaço próprio para que ela participe do debate político, num ambiente que lhe é totalmente favorável.

Na década de 70, Dilma militou numa organização de extrema esquerda, foi presa e torturada. Em 2002, ela in-

gressou na Comissão de Anistia com um pedido de reparação de perdas profissionais que teve durante esse período. O processo ficou parado durante os governos petistas e só foi julgado e indeferido em abril do ano passado. O colegiado alegou que a ex-presidente teve sua questão funcional avaliada pelo Rio Grande do Sul e a comissão não poderia funcionar como instância recursal. Além disso, Dilma já havia sido contemplada com indenizações solicitadas em processos que tramitaram em Minas Gerais (30 000 reais), no Rio de Janeiro (20 000 reais) e em São Paulo (22 000 reais). Os valores foram pagos como compensação pelos danos psicológicos e físicos sofridos nas prisões por onde ela passou. O pedido foi negado por unanimidade. No recurso que deve apresentar à comissão solicitando a revisão da decisão, Dilma vai rebater essa tese.

A ex-presidente argumenta que, ao ser presa, foi obrigada a se afastar da Fundação de Estatística do Rio Grande do Sul, onde exercia o cargo de assistente técnica. Conseguiu ser reintegrada na década de 90, recebeu o reconhecimento da condição de anistiada, mas não teve sucesso em receber os salários e benefícios atrasados a que julgava ter direito. É isso o que ela cobra agora do governo federal. "Entendemos que a comissão nacional não poderia funcionar como instância de recurso. Se ela conseguiu no estado gaúcho, é lá que deve recorrer. Mencionamos as outras anistias, nos demais estados, porque entendemos que ela acumulou indevidamente, mas o pleito é sobre a melhora

PAULO LISBOA/BRAZIL PHOTO PRESS/AFP

O FATO José Dirceu em 2012: o ex-ministro de Lula foi condenado e preso por corrupção no escândalo do mensalão

do rendimento mensal, e isso não é de nossa competência", disse a VEJA João Henrique Nascimento de Freitas, que presidiu a Comissão de Anistia durante o governo Bolsonaro. Pelas contas do órgão, se o pedido de Dilma Rousseff fosse aceito, os salários e benefícios corrigidos monetariamente custariam 7,5 milhões de reais aos cofres públicos. "As indenizações estaduais deferiram os processos nos quais as pessoas provavam que haviam sido torturadas. Isso não tinha nada a ver com a questão do prejuízo funcional, que foi o que apresentamos no âmbito federal. Fizemos apenas menção da tortura que ela sofreu e que é co-

nhecida pelo mundo inteiro", afirma a advogada Paula Febrot, que representa a ex-presidente.

Dilma não deve enfrentar dificuldades em ter seu recurso aceito. Em entrevista a VEJA, o ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, garantiu que o processo será revisto, caso comprovados algum tipo de ilegalidade ou falhas na condução. "Todo o ato vil, de afronta ao Estado democrático de direito e à Constituição, como agente público que agora sou, tenho o dever de rever", disse ele. A nova presidente da Comissão de Anistia, Eneá de Stutz e Almeida, anunciou que pode rever cerca de 12 000 processos que foram negados ou simplesmente ficaram parados durante o governo Bolsonaro. "O governo anterior transformou a comissão em uma plataforma de propaganda política favorável à ditadura, negando o golpe de 64, a ditadura e a perseguição política", afirmou.

Independentemente do que vier a decidir a Comissão de Anistia, a Justiça Federal reconheceu no início do mês a condição de anistiada de Dilma e condenou a União a pagar uma indenização de 400 000 reais à ex-presidente. Ainda cabe recurso. Na semana passada, em entrevista à CNN, Lula confirmou a intenção do governo em indicar Dilma para o comando do Novo Banco de Desenvolvimento, conhecido como Banco dos Brics, bloco que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, com sede em Xangai. "A Dilma é uma mulher extraordinária, é uma pessoa digna, de muito respeito. E o PT adora ela. Junto à militância do PT ela é muito querida. E ela é muito competente tecnicamente. Então, se

RISTIANO MARIZ/AG. O GLOBO

A VERSÃO José Dirceu em 2023: "Eu, por exemplo, fui condenado no chamado mensalão, que nunca existiu"

ela for presidente do Banco dos Brics, será maravilhoso para os Brics e para o Brasil", disse o presidente. Há, no entanto, um empecilho a ser superado. O mandato do atual presidente do banco, o brasileiro Marcos Troyjo, vai até 2025. Ele precisaria renunciar para dar lugar à petista, o que não é considerado como um grande problema.

De todas as narrativas que o PT pretende construir, a mais desafiadora certamente será a que tem como personagem José Dirceu. Condenado a sete anos de prisão por corrupção no escândalo do mensalão e a outros quarenta no petrolão, não se pode alegar que o ex-ministro foi alvo de perse-

guição judicial (o processo do mensalão, por exemplo, foi julgado pelo STF). Ex-braço direito de Lula, ele já cumpriu parte de sua pena em um dos casos, mas ainda pode voltar à prisão a qualquer momento devido às ações que ainda estão pendentes na Justiça. Por causa disso, Dirceu praticamente se isolou nos últimos dez anos. Na campanha presidencial, atuou com discrição. Na festa da posse, estava no gramado da Esplanada misturado a outros milhares de manifestantes. Há duas semanas, no aniversário do PT, já ocupava o mesmo palco que o presidente e mereceu até uma citação especial: "Companheiro Zé Dirceu, quero agradecer a você, porque eu sei o quanto você foi solidário ao que eu passei", disse Lula.

Apesar das provas e das condenações, o presidente da República nunca admitiu que o mensalão era um esquema de corrupção. Também nunca admitiu que os petistas estiveram no comando da estrutura que desviou quase 50 bilhões de reais dos cofres da Petrobras. Dirceu, embora condenado e preso, igualmente nunca reconheceu a sua participação nos crimes. Em uma entrevista recente, o ex-ministro rompeu o silêncio e falou sobre a similaridade entre o caso dele e o de Dilma Rousseff: "Certas coisas não se podem apagar. Houve um golpe, a Dilma jamais violou a Constituição. Eu, por exemplo, fui condenado no chamado mensalão, que nunca existiu", afirmou. É um belíssimo resumo para tentar reescrever a história. A questão, como disse o ex-ministro, é que não se pode apagar certas coisas — por mais que se queira. ■

O ÚLTIMO ÍCONE

Investigado por suposta ligação com um advogado de criminosos, juiz da Lava-Jato que condenou políticos e empresários do Rio de Janeiro pode ser afastado de suas funções **LARYSSA BORGES**

SUSPEITAS Marcelo Bretas: o Conselho Nacional de Justiça vai decidir se abre processo que pode afastar o magistrado

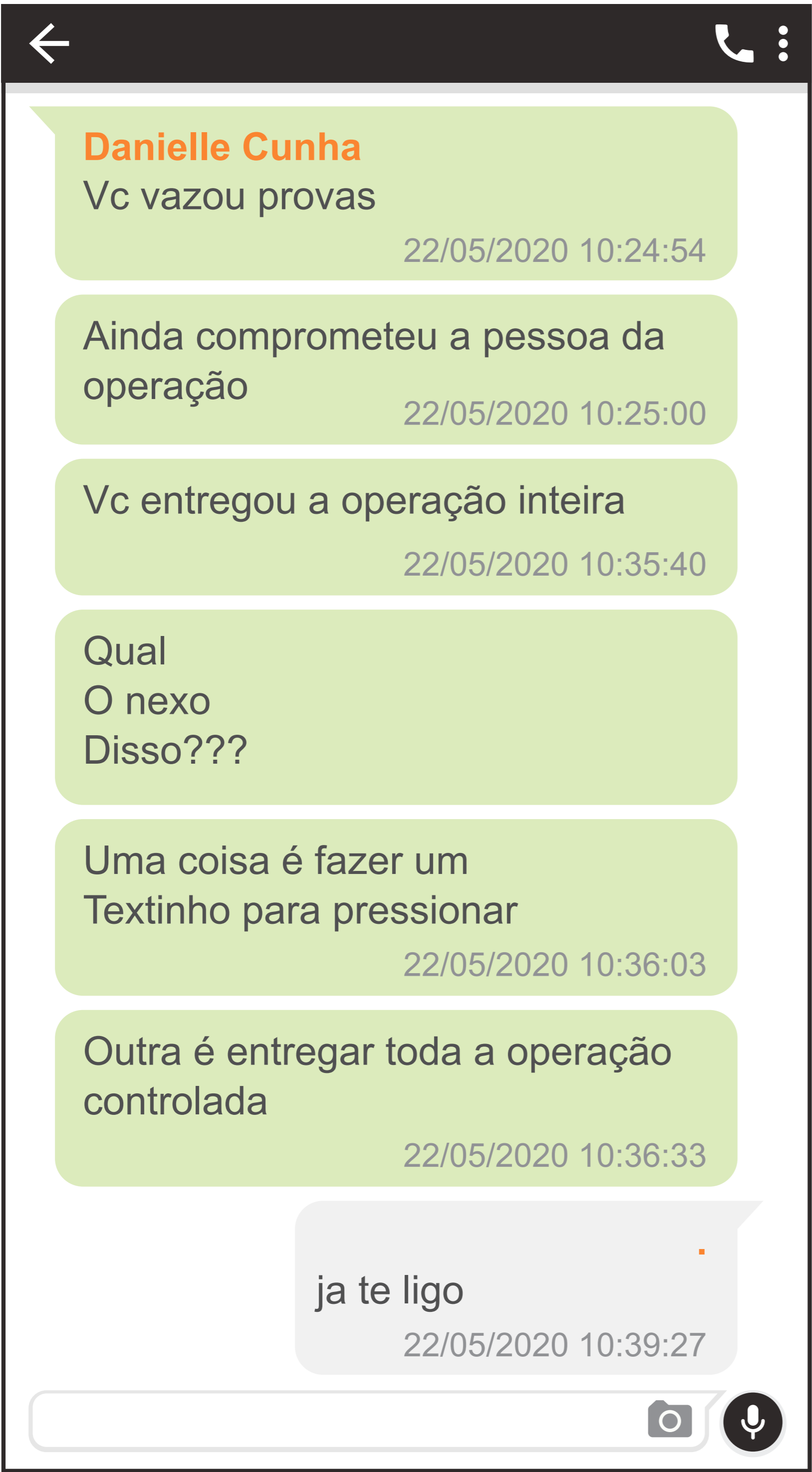
GABRIEL DE PAIVA/AG. O GLOBO

NOS ÚLTIMOS três meses, desembargadores e juízes e até delatores reuniram um conjunto de inquéritos em segredo de Justiça, depoimentos de testemunhas, relatórios policiais, mensagens trocadas em aplicativos e arquivos de computador e encaminharam tudo ao Conselho Nacional de Justiça (CNJ). O material foi anexado a dois processos sigilosos que têm como alvo um personagem que nos últimos anos determinou a prisão de um ex-presidente da República e de três ex-governadores e tocou apurações que envolveram mais de 900 pessoas e que resultaram na recuperação de cerca de 4 bilhões de reais que haviam sido desviados dos cofres públicos. Responsável pelo braço da Lava-Jato no Rio de Janeiro, o juiz Marcelo Bretas está agora no papel de investigado e será julgado publicamente na terça-feira 28, sob a alegação de que mantinha uma parceria espúria com procuradores e um advogado para direcionar processos, combinar sentenças e conduzir apurações clandestinas contra alvos predefinidos.

Nessa data o CNJ, órgão responsável por investigar abusos e irregularidades praticados por magistrados, vai decidir se instaurará ou não processo administrativo disciplinar contra Bretas por desvio de conduta e se pretende impor a ele alguma penalidade antecipada — na mais radical delas, conselheiros podem deliberar sobre seu afastamento imediato do cargo. “É a última ponta solta da Lava-Jato”, confidenciou a VEJA um juiz que acompanha o caso. É assim, com ares de acerto de contas, que membros do Conselho tratam o julgamento e a provável punição do magistrado

SR/PF/RJ
2021.0071249

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA FEDERAL
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL DA POLÍCIA FEDERAL NO ESTADO DO TOCANTINS
DELEGACIA DE COMBATE À CORRUPÇÃO, DESVIO DE RECURSOS PÚBLICOS E CRIMES FINANCEIROS – DELECOR/DRCOR/SR/PF/TO

No dia 22 de maio de 2020, Danielle Cunha queixa-se com Nythalmar sobre o **vazamento de provas** que prejudica a pessoa da operação, ao que Nythalmar responde que "essa operação não existia mais a possibilidade". Em pesquisa em fontes abertas pode se

LAUDO
Relatório: a polícia destaca conversas estranhas encontradas no telefone de um dos suspeitos

que, ao lado de Sergio Moro no Paraná, protagonizou a maior operação de combate à corrupção da história do país, que resultou na prisão de políticos como o ex-presidente Michel Temer e o ex-governador do Rio Sérgio Cabral.

O cerco a Marcelo Bretas teve início após uma reportagem de VEJA revelar, em 2021, que o criminalista Nythalmar Dias Ferreira Filho procurou a Justiça para acusar o magistrado de perseguir investigados, orientar estratégias de defesa e negociar penas, e ganhou reforço após um delator contar que havia investigações clandestinas na vara conduzida pelo juiz, que Nythalmar tinha acesso ilegal e antecipado a quebras de sigilo de investigados e que acordos de colaboração eram forjados para incriminar determinadas pessoas. Em novembro passado, o CNJ determinou uma fiscalização extraordinária na vara do magistrado e, por ordem do corregedor Luis Felipe Salomão, documentos e o computador de uso exclusivo do juiz foram recolhidos como provas.

Nythalmar é o pivô desse caso. Advogado modesto, ele passou de uma hora para outra a ser um dos defensores mais requisitados por autoridades encrencadas no braço fluminense da operação. Bancas de advocacia alimentavam rumores de que ele tinha tratamento privilegiado de Bretas, suspeita que o levou a ser acusado de tráfico de influência e gerou uma ordem de busca e apreensão em endereços ligados a ele. Em uma leva de diálogos encontrados no telefone do advogado e recebidos pelo CNJ, a hoje deputada federal Danielle Cunha, filha do ex-presidente da Câ-

MARCOS TRISTÃO

VAGNER ROSARIO

MENSAGENS Danielle Cunha e Nythalmar: a deputada federal atribui ao advogado o “vazamento de provas” de operação

mara Eduardo Cunha, cobra explicações de Nythalmar após atribuir a ele o vazamento de provas de uma operação policial. “Vc vazou provas. Ainda comprometeu a pessoa da operação. Qual o nexo disso???”, escreveu a parlamentar em maio de 2020. A partir da data, a PF depreendeu que ela estivesse se referindo à operação que investigou deputados estaduais do Rio, entre os quais o hoje senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), mas não há certeza.

Procurado, o advogado não se pronunciou. Danielle disse não se lembrar exatamente do que tratava nas mensagens, negou que falasse da operação que atingiu Flávio Bolsonaro e afirmou que Nythalmar, que também defendia Eduardo Cunha, gostava de vazar para a imprensa informações sobre seus clientes. Uma das peças mais importantes do processo contra o juiz da Lava-Jato é a delação feita pelo próprio Nythalmar. Na colaboração, ele afirma que Bretas prometeu “aliviar” a pena de um empresário caso ele aceitasse fazer uma delação. A lei proíbe que juiz se envolva na produção de provas. O corregedor Luis Felipe Salomão elencou o caso de Bretas como prioridade número 1 do CNJ, rompendo críticas de que investigações sensíveis eram sempre deixadas de lado pelo órgão. Criado há dezoito anos, o CNJ abriu mais de uma centena de processos contra juízes e em pouco mais da metade impôs alguma penalidade aos investigados. Marcelo Bretas pode ser o personagem mais vistoso dessa lista. ■

SECA FINANCEIRA

A nova polêmica relacionada à transposição do São Francisco: quem vai pagar os custos de manutenção da obra, estimados em 300 milhões de reais por ano? **DIOGO MAGRI**

ATRASO Trecho do sistema: o trabalho começou em 2007, passou por quatro presidentes e ainda não foi 100% finalizado

MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL

A TRANSPOSIÇÃO do Rio São Francisco já entrou para a história por uma série de motivos — infelizmente, quase todos eles negativos. Destinado a acabar de vez com o flagelo da seca no Nordeste, o projeto deveria ter sido entregue em 2012, mas, até hoje, não foi totalmente finalizado. A promessa inicial de custo de 4,5 bilhões de reais transbordou para estimativas atualizadas que falam em um desembolso total de 12 bilhões. O ativo político também se manteve em viés de alta, a ponto de três presidentes inaugurarem um mesmo trecho, no caso, Michel Temer, Dilma Rousseff e Lula.

A mais nova polêmica relacionada ao assunto diz respeito a quem vai pagar a conta da manutenção do sistema, estimada em 300 milhões de reais por ano. Boa parte disso se refere à energia elétrica consumida. Por uma combinação feita em 2021, ainda quando o ministro do Desenvolvimento Regional era o hoje senador Rogério Marinho (PL-RN), os estados beneficiados se comprometiam a bancar de forma progressiva esse valor, a partir de 2022. Esse escalonamento previa que o Nordeste assumisse 100% da conta no prazo de cinco anos. O contrato acabou não sendo assinado por causa dos governadores à época, que alegaram não concordar com algumas condições. Agora, os vencedores das eleições na região querem rediscutir o pacto, alegando que se encontram em situação de seca financeira para honrar o acordo nos mesmos termos. “É preciso um modelo que não impacte de maneira muito forte as pessoas que serão beneficiadas e também os cofres públicos, a ponto de comprome-

FACEBOOK @ELMANODEFREITAS

LOBBY Elmano de Freitas: governadores nordestinos alegam falta de recursos

ter a execução de outras obras", afirma João Azevêdo, chefe do Executivo da Paraíba e líder do consórcio de governadores do Nordeste.

O assunto foi o tema de uma reunião entre os governadores dos estados beneficiados e o ministro da Integração e do Desenvolvimento Regional, Waldez Goés, na última semana de janeiro. Pelo Consórcio do Nordeste, além de João Azevêdo, estiveram presentes Raquel Lyra (PE), Elmano de Freitas (CE) e Fátima Bezerra (RN). No encontro, os representantes formalizaram a criação de um fórum permanente para tratar do assunto, com a participação dos secretários de Recursos Hídricos de cada estado. Em paralelo, os próprios governadores têm ido periodicamente a Brasília para defender seus interesses relacionados ao imbróglio. Eles apostam no bom relacionamento com o Palácio do Planalto

RICARDO STUCKERT/PR

POLÊMICA Lula: disputa com Jair Bolsonaro sobre a paternidade do projeto

para empurrar para frente a conta. Fora a tucana Raquel Lyra, todos os outros governadores fazem parte da base de apoio de Lula.

Enquanto as discussões prosseguem, sobrou para o atual governo federal a responsabilidade de manter o que está funcionando e terminar de uma vez por todas o projeto. Existe ainda um esforço considerável a se fazer para dar o caso como encerrado. Há problemas em boa parte do percurso. No Ceará, o bombeamento cessou porque o estado aguarda a finalização de obras complementares. Na Paraíba, por onde passam os eixos Norte e Leste da transposição, há também trechos paralisados, à espera de trabalhos de manutenção. No Rio Grande do Norte, uma porção da estrutura prevista aguarda a finalização dos serviços de engenharia (a previsão é de conclusão apenas para 2025), en-

quanto a outra, embora finalizada, não entrega até o momento toda sua capacidade de distribuição de águas porque ainda é necessária a instalação de comportas e de medidores em algumas bombas.

Apesar de tantos problemas, o investimento na transposição rende votos no Nordeste e, não por acaso, o tema entrou no debate da recente campanha eleitoral ao Palácio do Planalto. Até hoje, aliás, há uma discussão entre o presidente e seu antecessor, Jair Bolsonaro, a respeito de quem é o "pai" da iniciativa. Lula afirma que os governos dele e de Dilma Rousseff entregaram quase 90% do projeto, que tem extensão de 477 quilômetros. Bolsonaro, por sua vez, gosta de lembrar o valor atualizado do investimento, insinuando que ele subiu nos governos petistas à custa da corrupção.

Esse bate-boca não ajuda a esclarecer o atraso na finalização e os buracos financeiros em aberto para garantir a manutenção de uma obra sonhada desde o século XIX, época em que se falou pela primeira vez na possibilidade de irrigar o Nordeste com ajuda do "Velho Chico". "É preciso entender que um projeto dessa complexidade demanda tempo, inclusive para discutir em quais condições vai operar quando estiver pronto", afirma Paulo Varella, secretário de Recursos Hídricos do Rio Grande do Norte. Ainda que se tente contemporizar, não há como esconder que o caso da transposição é um assombro até para os tradicionais padrões brasileiros de má gestão de dinheiro público e de escassez de planejamento. ■

GUINADA GLOBAL

O modelo que marcou o comércio internacional nos últimos trinta anos começa a dar sinais de esgotamento – e o Brasil pode se beneficiar disso

LUANA ZANOBIA

SAÍDA Fábrica na China: multinacionais estão deixando o país

VCG/GETTY IMAGES

Desde que começou a se impor na economia internacional, no fim dos anos 1980, a globalização tornou-se uma força vista como irrefreável e irreversível. Pelas últimas três décadas, essa macrotendência, caracterizada por um fluxo mais livre de comércio, capital e pessoas através das fronteiras nacionais, moldou o mundo contemporâneo. Pode se argumentar que o processo induziu a uma padronização cultural mundo afora, prejudicou pequenos produtores locais em vários países, contribuiu para a decadência de algumas zonas industriais tradicionais do Ocidente e forjou uma concentração de renda e poder nas mãos de alguns poucos empresários multibilionários e de corporações gigantescas. Mas o saldo é inegavelmente positivo.

Milhões de pessoas deixaram a linha da pobreza, em especial nos países emergentes. A circulação do conhecimento aumentou e uma pessoa nos rincões da África, Ásia ou América Latina tem, hoje, muito mais oportunidades para acessar ideias, avanços científicos e tecnológicos provenientes das partes mais ricas do globo do que em qualquer outro momento da história da humanidade.

A produção em escala mundial, com cadeias de suprimentos contemplando locais diversos e com mão de obra de menor custo, deu eficiência inédita à fabricação de itens. No início dos anos 2000, um produto que custava cerca de 90 dólares para ser produzido nos Estados Unidos, por exemplo, saía por 38 dólares caso fosse montado no Japão e ina-

BLOOMBERG/GETTY IMAGES

FATOR DE INSTABILIDADE Xi Jinping, presidente da China: o país adotou postura mais agressiva no cenário global

creditáveis 2,50 dólares se a origem fosse a China — isso sem contar o valor de cerca de 1 dólar para ser enviado ao mercado americano. No mesmo período, cerca de 70% das mercadorias à venda nas grandes lojas de descontos americanas tinham como origem o gigante asiático. "As cadeias globais de valor ajudaram a desinflacionar o mundo, por meio da terceirização e da maior concorrência a partir dos anos 1990", avalia Jongrim Ha, economista do grupo de perspectivas do Banco Mundial.

Essa era de intensa conectividade e ruptura de fronteiras, no entanto, começa a dar sinais de retração. Desde 2018, uma nova configuração baseada em maior controle, protecionismo e revisão de critérios de terceirização de produção tem ganhado tração, em um fenômeno batizado por alguns especialistas de desglobalização. Os primeiros indícios desse refluxo na integração global começaram quando o então presidente americano Donald Trump promoveu uma guerra comercial com a China de Xi Jinping e ameaçou até mesmo parceiros da Europa com tarifas e a substituição de importações. No começo de 2020, a entrada em vigor do Brexit e a pandemia de Covid deram novo impulso à tendência. No início da crise sanitária, diversos países perceberam estar à mercê de fornecedores de matérias-primas sob os quais não tinham controle, levando à falta de itens básicos como máscaras faciais, equipamentos médicos e vacinas. A guerra da Rússia contra a Ucrânia, que completa um ano, demonstrou que parceiros não confiáveis, como o país de Vladimir Putin, podem se tornar fonte de sérios problemas para o resto do mundo não só na questão de segurança como também na econômica, ao romper o equilíbrio de fornecimento de produtos e serviços.

Ainda é pouco clara a dimensão em que se dará a reversão da teia global que se consolidou nos últimos trinta anos, com os países preferindo produzir internamente ou em nações mais próximas ou confiáveis. Mas mesmo os mais con-

NATHAN HOWARD/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

REAÇÃO PROTECIONISTA Biden: pacotes de estímulos à produção e infraestrutura para enfrentar a onda de inflação

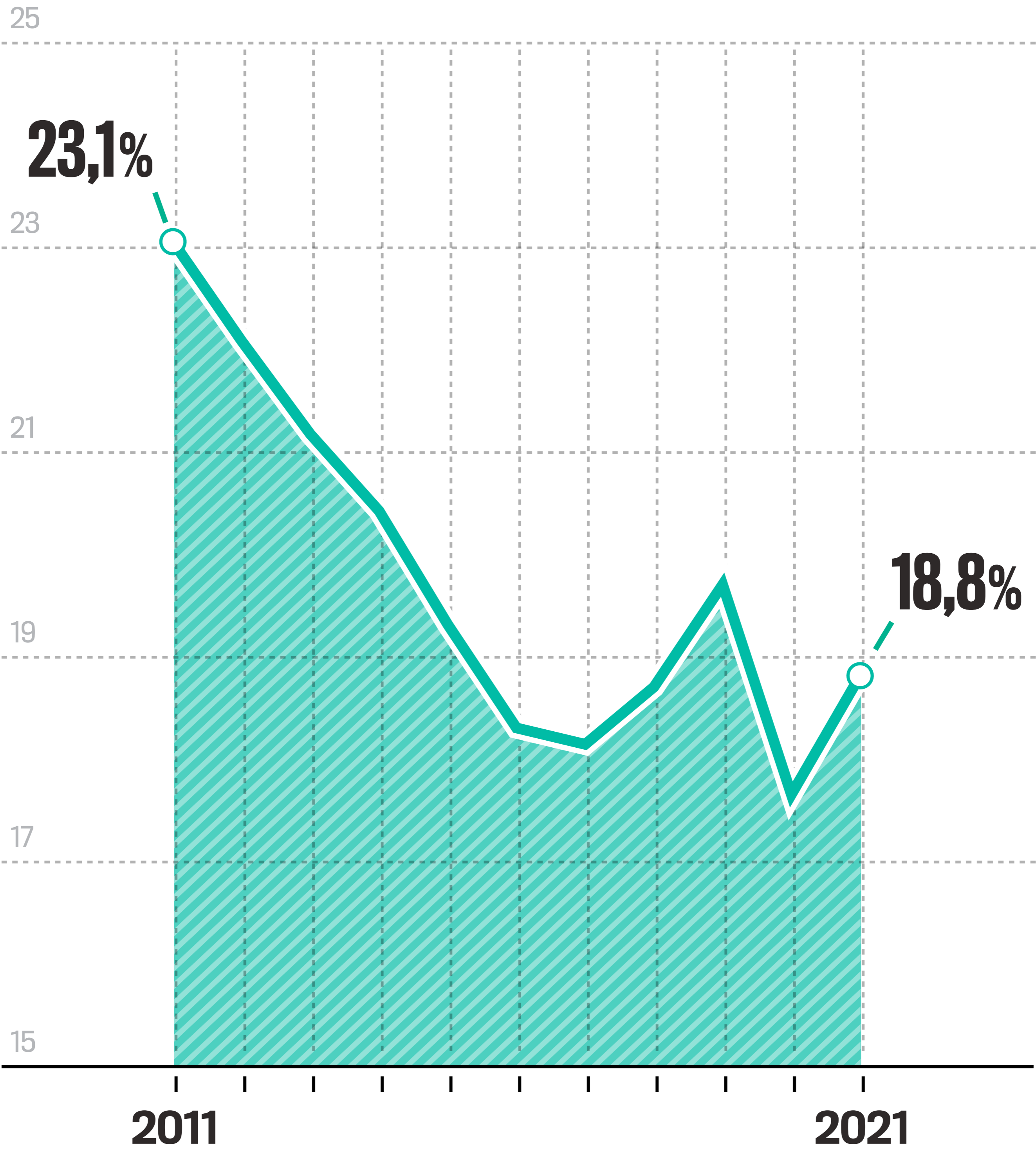
servadores admitem que as divergências entre as duas maiores economias do planeta, a China e os Estados Unidos, forçarão a um novo rearranjo das atividades econômicas mundiais. “O que veremos daqui para a frente será uma maior diversificação dentro daquilo que entendíamos como globalização”, diz o ex-ministro da Fazenda Rubens Ricupero. Para o economista americano Joseph Stiglitz, vencedor do Prêmio Nobel de Economia, será inevitável reconstruir as cadeias de suprimento de forma mais resiliente e diversificada,

de modo a evitar futuras interrupções e garantir a segurança alimentar e a saúde pública.

No início do milênio, o jargão corporativo das empresas incorporou termos em inglês que se tornaram onipresentes planeta afora, como o *outsourcing offshore*, ou seja, a terceirização da produção ou de componentes para fábricas parceiras em outros países. Nesse novo sistema de produção, não importava se a mão de obra ficasse baseada do outro lado do globo, desde que fosse capaz de produzir com qualidade e a um custo baixo.

Agora, o léxico empresarial começa a incorporar outros neologismos como *nearshoring*, *friendshoring*, *reshoring* e *powershoring*, que significam, respectivamente, produção baseada em locações próximas, em nações amigas, no país de origem da empresa ou em local com boa eficiência energética. São esses conceitos que norteiam hoje decisões sobre onde e como serão fabricados produtos que vão de microchips, semicondutores, baterias, celulares ou carros elétricos. Para alguns especialistas, essa reversão pode ser complexa e lenta, mas está em pleno andamento. De acordo com um estudo do Boston Consulting Group (BCG), o comércio mundial terá uma evolução anual de 2,3% até 2030, abaixo da previsão de 2,5% para o crescimento econômico global. Se esses números se confirmarem, será a primeira vez em 25 anos que o comércio global crescerá a um ritmo mais lento do que o PIB planetário.

UMA NOVA CHANCE?

Participação da indústria brasileira no produto interno bruto (PIB)

Fonte: *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*

Além disso, o governo de Joe Biden, no propósito de controlar a onda inflacionária que atinge os Estados Unidos e estimular a economia, conseguiu aprovar duas leis, a Infrastructure Investment and Jobs Act (IIJA) e a Inflation Reduction Act (IRA), a qual concede subsídios e incentivos estimados em 80 bilhões de dólares. Juntas, elas induzem um nível de protecionismo inédito em países desenvolvidos desde a década de 50. O objetivo é estimular a transição para um modelo energético sustentável e uma política industrial extremamente ambiciosa, com investimentos internos em infraestrutura, tecnologias digitais, inteligência artificial, ciências, saúde, educação e a fabricação de chips, um dos grandes gargalos mundiais com os problemas de produção e logística durante a pandemia. A Europa segue na mesma direção. O bloco anunciou um plano de investimentos no setor energético a fim de romper a sua dependência com a Rússia, fornecedora de gás e petróleo para o novo mundo. Serão cerca de 300 bilhões de euros até 2030 em energias limpas, para se livrar do fornecedor agressor e dar adeus aos combustíveis fósseis.

Em uma combinação dos novos conceitos corporativos, alguns países têm se beneficiado do reverso da globalização. O México já registra movimentos concretos das empresas sediadas nos Estados Unidos. Com uma força de trabalho que custa aproximadamente um quinto da americana e laços sólidos com os vizinhos mais ricos, o país passa por um momento de abertura de novas fábricas e ampliações nas

NINA WESTERVELT/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

ABALO GLOBAL Times Square, em Nova York, na pandemia: interrupção abrupta no comércio internacional

que já existem. A Mattel, fabricante de brinquedos como a boneca Barbie, vai transformar sua unidade na cidade de Monterrey na maior do mundo, especialmente voltada para produtos plásticos a serem exportados para o mercado americano. Na última semana, o presidente Andrés Manuel López Obrador anunciou que a próxima fábrica de carros elétricos da Tesla será construída no país e outras 400 empresas estão interessadas em transferir a produção da Ásia para o México. Na Europa, as grandes empresas focam sua atenção em países como Romênia, Turquia e Marrocos, capazes

de manter a competitividade de custos e um alto grau de confiabilidade. Na Ásia, em meio às animosidades com a China, cerca de cinquenta corporações já anunciaram planos de mudar a produção para fora do país. A japonesa Nintendo, por exemplo, está transferindo a produção de seu console Switch para o Vietnã.

Em meio a esse movimento, o Brasil pode se beneficiar e estancar o drástico processo de desindustrialização que aconteceu nas últimas décadas, quando se tornou um importador de produtos asiáticos e fornecedor de commodities agrícolas, minerais e petróleo, principalmente para a China. Em 2022, o Brasil recebeu 91 bilhões de dólares em investimento direto estrangeiro, quantia alta historicamente — e há expectativas de valores maiores para o futuro próximo. Dessa forma, o país galgou três posições no ranking de investimento estrangeiro direto da Unctad, a Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento, alcançando a 6ª posição mundial. "Se fizermos as escolhas certas e perseguirmos políticas públicas sábias, essas tendências globais serão positivas para o Brasil e para a América Latina", afirmou a VEJA o americano Mauricio Claver-Carone, presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) entre 2020 e setembro de 2022.

Os estudos do banco mostram que, se um país da América Latina aumentar sua participação nas cadeias globais de valor em 10%, poderá crescer seu PIB per capita entre 11% e

VCG/GETTY IMAGES

PREOCUPAÇÃO Sede da TSMC, em Taiwan: a empresa teve dificuldades de entregar seus chips para o resto do mundo

14%. O BID ainda estima que o *nearshoring* possa agregar anualmente 78 bilhões de dólares em exportações oriundas da América Latina e Caribe. Na América do Sul, o Brasil seria o país mais beneficiado no processo, podendo exportar quase 8 bilhões de dólares adicionais em mercadorias por ano. "As empresas estão cada vez mais procurando por fornecedores mais confiáveis e mais próximos. A necessidade de cadeias de suprimentos mais limpas e sustentáveis também está impulsionando essa realidade", diz Claver-Carone.

Nesse sentido, além da proximidade do mercado consumidor americano, o Brasil se beneficia ainda de um potencial energético único, com sua matriz limpa e eficiente. A produção de hidrogênio como combustível a partir de energia renovável, por exemplo, tem custos altamente competitivos no país. Enquanto na China pode custar até 4 dólares por quilo e nos Estados Unidos até 7 dólares, no Brasil poderá ser produzido por cerca de 1 dólar. Mas, para que o país se reinsira com mais força nas cadeias globais industriais, precisará fazer a lição de casa. "O Brasil precisa adotar políticas corretas para ser reconhecido como eficiente pelos investidores", diz Renato Baumann, pesquisador do Ipea e ex-subsecretário do Ministério do Planejamento. Para alcançar esse status, é necessário oferecer, além de estabilidade política e segurança de regras, uma boa previsibilidade da economia, inflação sob controle, câmbio pouco volátil e contas públicas equilibradas.

Outra variável decisiva é o ambiente de negócios descomplicado. Por isso, uma das medidas fundamentais a serem adotadas pelo Brasil é a realização da reforma tributária, uma das prioridades do atual governo. O ministro da Fazenda, Fernando Haddad, também costura a aprovação de uma nova regra fiscal ainda este ano, com o objetivo de melhorar os prognósticos para a dívida pública. "O Brasil está se desindustrializando por causa de um sistema tributário caótico, que gera muita inseguran-

ça jurídica para os empresários, que pagam os impostos, e para nós, que recebemos”, disse Haddad em evento do Grupo Esfera Brasil, voltado para empresários e banqueiros, neste mês.

A reindustrialização também é uma das propostas centrais do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O país perdeu cerca de 10 000 fábricas na última década, segundo o IBGE. Já nos cálculos da Confederação Nacional da Indústria (CNI), esse volume é ainda maior, superior a 30 000. Casos emblemáticos como o encerramento de operações da montadora Ford, da fábrica de telefones celulares da LG e da farmacêutica Roche fazem parte dessa estatística deplorável. Não à toa, a participação do setor industrial na composição do PIB vem encolhendo drasticamente — em 2011 era de 23,1% e em 2021 ficou em 18,9%.

Para o país fazer parte da nova reconfiguração global precisa incentivar investimentos em infraestrutura, tecnologia e formação de mão de obra. Um estudo conduzido pelo BID identificou 99 setores em que o Brasil já se destaca e nos quais poderia aumentar sua contribuição para o comércio global, incluindo bioeconomia, produção de softwares e serviços de inteligência artificial. Novas condições estão à mesa, e elas são favoráveis ao Brasil. Basta vontade política e o cuidado em manter a estabilidade econômica para o país poder aproveitar a oportunidade que se aproxima. ■

MAÍLSON DA NÓBREGA

O BB QUE SE CUIDE

"Enquadrar" o Banco do Brasil constituiria abuso do controlador

O PRESIDENTE Lula tem afirmado que é preciso enquadrar o Banco do Brasil. "Vamos fazer bancos públicos virarem bancos públicos. Não queremos que bancos públicos tenham prejuízo, mas não queremos que tenham os mesmos lucros dos bancos privados. Eles têm que prestar função social." E acrescentou: "Se não tiver orientação, a burocracia do Banco do Brasil age como banco privado".

Não é tão simples assim. Lula necessita conhecer a realidade do BB, que teve início depois da extinção da "conta movimento", em 1986. Essa conta lhe permitia acesso ilimitado a recursos do Banco Central, sem qualquer custo. Dessa forma, era possível financiar a atividade econômica, particularmente a agricultura, a taxas abaixo do mercado e ainda assim auferir bons lucros. Interpretava-se que essa transferência de recursos cumpria regra do artigo 19, § 1º, da Lei 4.595/1964, que dizia: "O Conselho Monetário Nacional assegurará recursos específicos que possibilitem ao Banco do Brasil, sob adequada remuneração, o atendimento dos encargos previstos nesta lei". Ocorre que o CMN não era fonte de gera-

ção de receitas. Os recursos deveriam provir do Orçamento da União, o que não acontecia.

A pesquisa acadêmica nunca se preocupou em investigar por que uma instituição financeira que praticamente não captava depósitos do público era tão eficaz em conceder crédito em volume elevado e a juros subsidiados. O BB chegou a ser o oitavo maior banco do mundo. A ausência de estudos desse tipo talvez decorresse do "milagre econômico", período em que tudo dava certo na economia. O PIB cresceu 11% ao ano entre 1968 e 1973.

A perda do acesso à "conta movimento" acarretou queda de receitas do BB e enormes dificuldades. Assim, no primeiro mandato de FHC, realizou-se uma operação de "salvamento", caracterizada por forte aumento da participação do Tesouro no capital do banco. Nos quatro anos da administração do presidente Paulo César Ximenes (1995-1998), o

"A instituição é empresa de capital aberto, com maioria do Tesouro em seu capital"

BB foi reestruturado e preparado para operar no mercado financeiro de forma competitiva, explorando todas as atividades asseguradas aos bancos comerciais. Foi um grande sucesso, que lhe daria nova e eficiente face.

Ao contrário das afirmações de Lula, o BB é uma empresa de capital aberto com maioria do Tesouro em seu capital. A rigor, a exemplo do que ocorre com bancos estaduais alemães, o controle acionário poderia ser visto essencialmente como forma de permitir ao governo federal auferir rentabilidade superior ao custo da dívida pública mobiliária. Claro, o BB tem tradição e competência em prestar serviços ao governo, inclusive na concessão de crédito subsidiado. Só que, diferentemente do passado, ele deverá ser suprido de recursos oficiais e remunerado de forma apropriada, e não porque Lula manda.

Se Lula "enquadrasse" o BB, incluindo a redução de lucros, a intervenção constituiria abuso do acionista controlador, punível pela Comissão de Valores Mobiliários. O BB não precisa passar por isso. ■

UM ANO DEPOIS...

...a agressão russa foi contida pela resistência ucraniana e o confronto continua, sem grandes avanços nem negociação, atiçando o jogo de poder no tabuleiro global

ERNESTO NEVES E **CAIO SAAD**

FINAL DISTANTE Soldado ucraniano em tanque tomado dos russos: destruição, mas poucos avanços

LIBKOS/AP/IMAGEPLUS

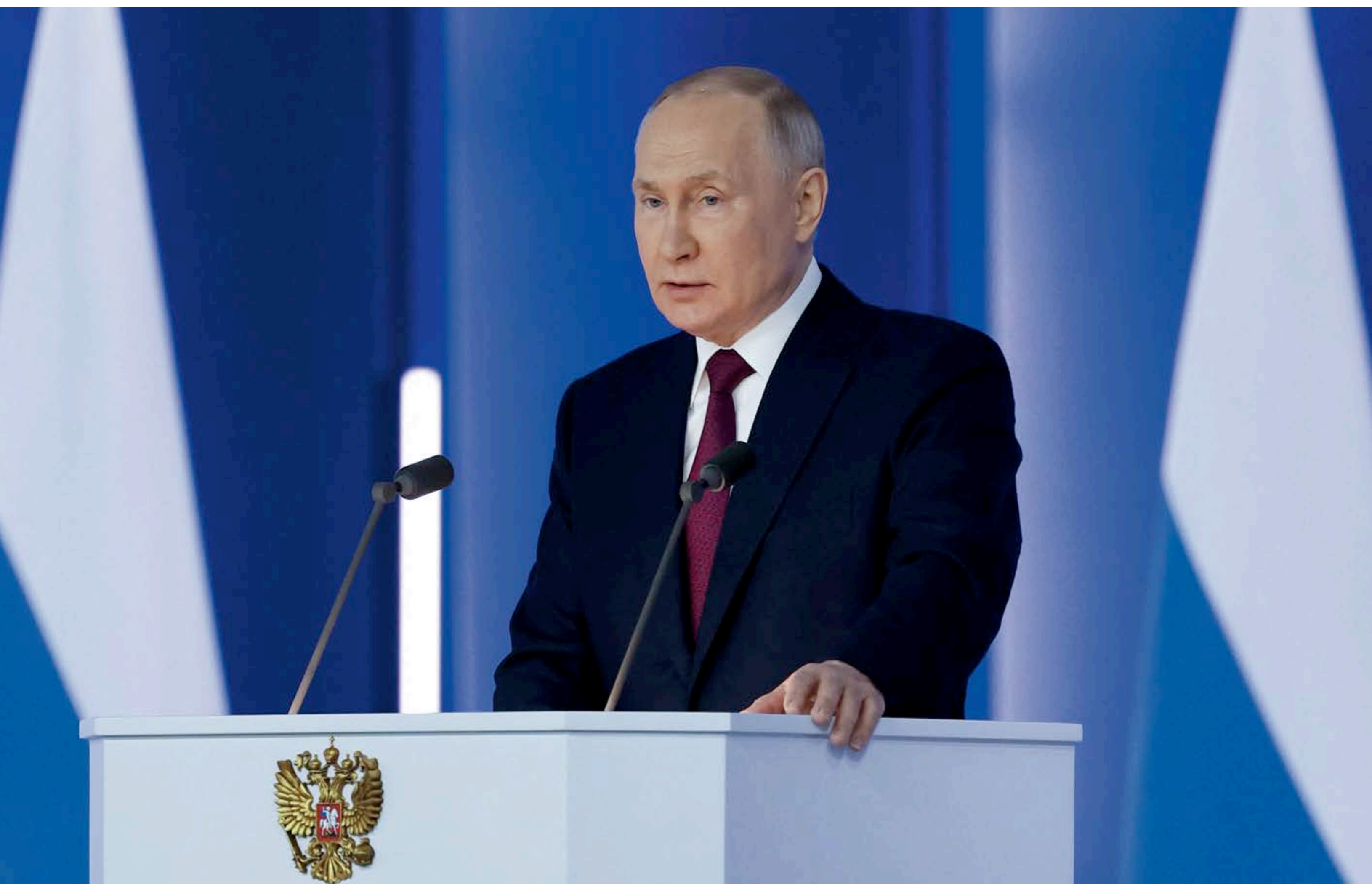
A terceira década do século XXI mal começou e já transformou o mundo de maneira inapelável, espremendo em meros três anos uma planilha de mudanças capaz de dar nó em *chatbots* — para ficar só na mais recente reprodução eletrônica do talento humano para entender e interpretar fatos, movida pela dita inteligência artificial. Mal saído de uma pandemia que fechou populações em casa e esvaziou continentes, o planeta entrou em guerra. Na sexta-feira 24, fez um ano que a Rússia invadiu a Ucrânia, uma agressão intencional e não provocada com repercussões em toda parte. Fincados em seus propósitos, os russos atacaram e os ucranianos se defenderam, fortalecidos por armamentos e recursos vindos dos Estados Unidos e da Europa Ocidental. Passados doze meses de tiros, bombardeios, destruição e mortes, a ferida segue aberta, sem perspectiva de trégua, em pleno continente europeu, aquele mesmo que se julgava impermeável a conflitos bélicos depois da tragédia de duas guerras mundiais.

Separados por duas horas e 1100 quilômetros, o americano Joe Biden e o russo Vladimir Putin deixaram claro o impasse em discursos três dias antes do triste aniversário. “A Ucrânia jamais será derrotada pela Rússia”, proclamou Biden em Varsóvia, onde se encontrou com antigos satélites da União Soviética. “O Ocidente está transformando um confronto local em uma guerra mundial contra a Rússia”, disparou Putin, em aguardado pronunciamento anual.

DIMITAR DILKOFF/AFP

PASSEIO Joe Biden, ao visitar Zelensky: "Sou testemunha: Kiev segue livre"

A invasão da Ucrânia sacudiu a estrutura de poder pré-pandemia. Em 2019, Donald Trump conduzia uma política externa que elegia a China como inimigo número 1, dispensava solenemente aliados tradicionais na Europa e se aproximava de colegas de truculência — Putin, especialmente. Em 2023, Biden tenta conter o avanço chinês com uma vasta contraofensiva diplomática e comercial, em vez de lhe impor sanções e tarifas, cultiva aliados europeus com promessas, recursos e afagos e encarna em Putin o autocrata que ameaça o mundo livre. No início da visita à Polônia, pegou um trem e virou a noite em

DMITRY ASTAKHOV/SPUTNIK/AFP

GUARDIÃO Putin: discurso de que a Rússia é "vítima" do Ocidente em declínio

viagem-surpresa a Kiev, onde circulou pela rua com o presidente Volodymyr Zelensky. "Sou testemunha: Kiev permanece orgulhosa, de pé e, mais importante, livre", descreveu depois. A excursão (da qual o Kremlin foi avisado) ilustra o fracasso da campanha de Putin: prevista para durar dias, com a imediata tomada da capital e deposição do governo, a invasão da Ucrânia converteu-se em um atoleiro. Os invasores ocupam uma faixa ao longo da fronteira leste e o objetivo deles agora se limita a controlar a disputada região de Donbas, no que têm sido frustrados pela resistência ucraniana.

Em consequência da guerra, Alemanha, França e Reino Unido anunciaram reforços sem precedentes no setor de defesa, adormecido há anos, e a agonizante Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) saiu do coma: seu orçamento aumentou quase 30% e as neutras Suécia e Finlândia pediram adesão ao bloco, hoje encarado como única força capaz de conter a sanha expansionista russa. "Putin achou que a influência ocidental estava em declínio e que poderia reposicionar a Rússia com a invasão", avalia Sergey Radchenko, historiador da Universidade Johns Hopkins, de Baltimore. "Foi uma péssima estratégia." Não há contabilidade confiável de vítimas, mas calcula-se que 200 000 soldados russos tenham morrido ou sido feridos em decorrência principalmente de operações militares malsucedidas. Na Ucrânia, 8 milhões deixaram o país.

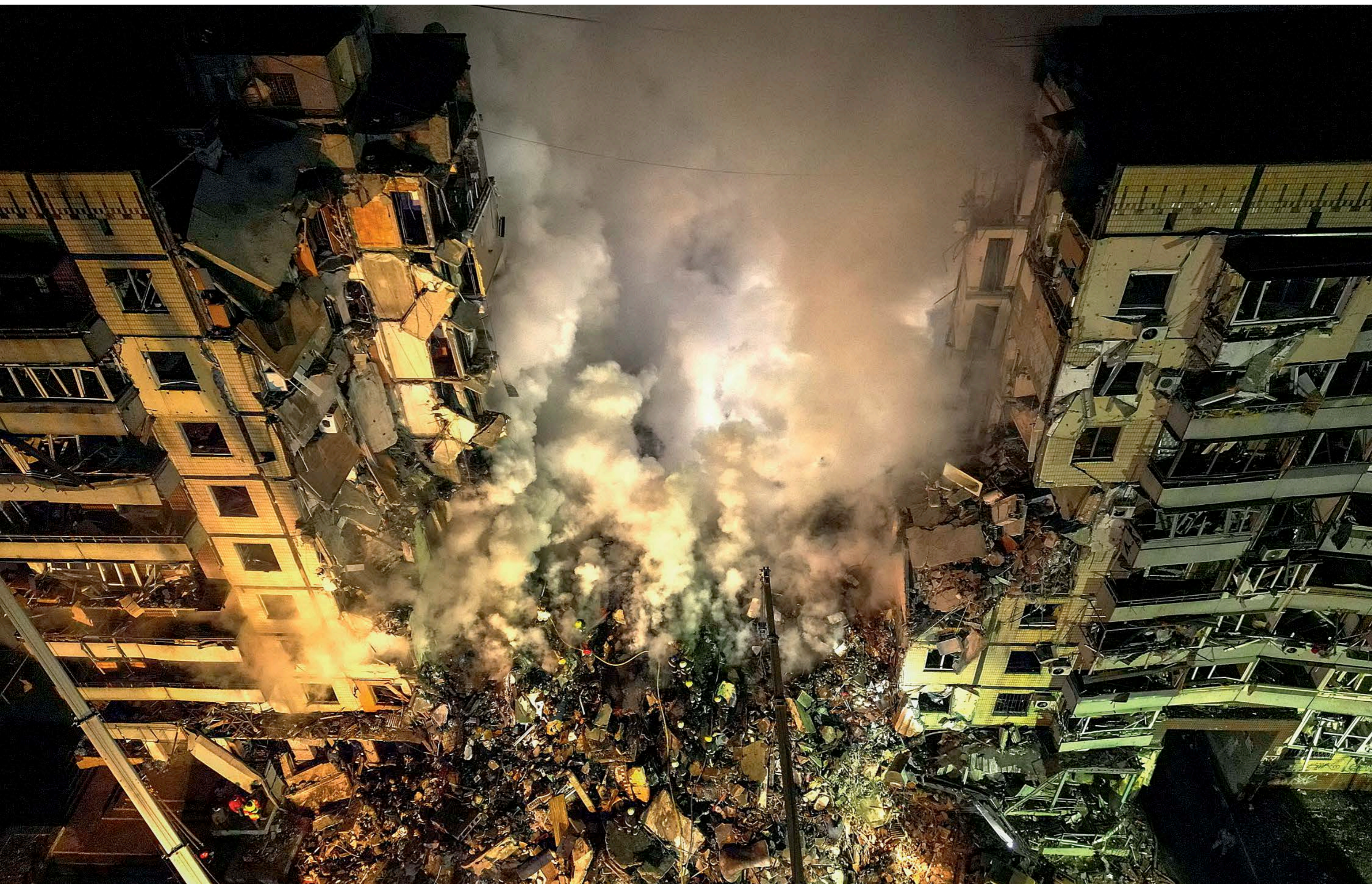
Em que pesem o território dilacerado e o êxodo de civis, a Ucrânia pós-invasão conta a seu favor o fato de, pela primeira vez na história, ter cortado o cordão umbilical que a unia à Rússia e se transformado em país independente do poderoso vizinho. A bandeira azul e amarela é vista em toda parte e livros como *A Porta da Europa — Uma História da Ucrânia,* que exalta a identidade local, viraram best-sellers. "Se a Ucrânia não se defender, ela deixará de existir", resume Anatoliy Tkach, encarregado de negócios do país no Brasil. Na reunião em Varsóvia, Biden saudou a resistência ucraniana e a tomada de posição do Leste Europeu contra o Kremlin — justamente os pontos a que Putin se apegou em

EMILIO MORENATTI/AP/IMAGEPLUS

TRAGÉDIA Velório de ucraniano morto em ação: mais de 8 milhões de pessoas deixaram o país fugindo da guerra

seu discurso de quase duas horas contra o Ocidente em declínio (até a projeção da Igreja Anglicana de tratar Deus com pronomes sem gênero entrou na lista) e sua ameaça à Mãe Pátria. No final, anunciou a retirada russa do último tratado bilateral sobre armas nucleares.

Enquanto Biden alimenta alianças e compromissos na Europa, Putin faz de tudo para atrair a China para seu lado, após décadas de desconfiança mútua — em meio ao bate-boca simbólico às vésperas do aniversário da guerra, ele recebeu em Moscou o conselheiro de política externa

EVGENIY MALOLETKA/AP/IMAGEPLUS

ALVOS CIVIS Prédio atingido por foguete russo: tropas em refluxo e bombardeio constante das cidades

chinês Wang Yi. Até agora, os chineses permanecem em cima da muralha, insistindo na tecla de que defendem a paz, mas a aproximação entre os dois autocratas mais poderosos do planeta ajudou a Rússia a se desviar das duras sanções que lhe foram impostas desde a invasão. A China precisa do petróleo e gás abundantes na Rússia, e os russos, sob embargo, dependem cada vez mais do voraz mercado chinês. “Pequim barganhou vantagens em sua parceria com a Rússia e avançou no tabuleiro global: compra matérias-primas a preços baixos e evita bater de frente

com o Ocidente", diz Salvatore Babones, cientista político da Universidade de Sydney, na Austrália.

Em meio ao balé das grandes potências, a guerra segue sem solução à vista. Pior: segundo analistas, ela pode estar entrando em uma fase ainda mais violenta. O fim do inverno deve acelerar ofensivas de ambos os lados. Soldados ucranianos recebem treinamento na Europa para manobrar tanques recém-adquiridos. Discute-se a possibilidade de caças americanos F-16 entrarem no confronto. Putin, por sua vez, aposta na expertise russa — os generais teriam aprendido com os erros — e no arrefecimento do interesse pela sorte da Ucrânia. Certo mesmo é que, um ano depois, invasores e invadidos não se falam. "Como nenhum lado admite concessões, os confrontos podem se arrastar por muito tempo", antecipa Samuel Charap, cientista político do Rand Corporation, de Los Angeles. No planeta em mutação, não há fim de guerra à vista. ■

VALMIR MORATELLI

com Duda Monteiro de Barros, Giovanna Fraguito, Gustavo Silva e Maiá Menezes

ELAS NO TAPETE VERMELHO/AGÊNCIA BRAZILNEWS

ENTRANDO NO RITMO

Foi uma festa momesca como há muito não se via – até para **GISELE BÜNDCHEN**, 42, especialíssima e muito bem paga (10 milhões de reais) convidada do camarote de uma cervejaria na Marquês de Sapucaí. Depois de doze anos distante do Carnaval, ela treinou firme para levar o samba aos pés. Aí entrou em cena o paraibano Justin Neto, professor de famosas como Ivete Sangalo, que, com uma academia em Miami, onde mora Gisele, deu um intensivão de gingado à modelo. "Era para ela entrar no clima carnavalesco", explicou. No dia da folia, a pupila pôs discretamente os ensinamentos em prática. "Dançou leve, mas chegou até a balançar os cabelos com o rebolado", relata uma funcionária que serviu a diva ao longo das três cronometradas horas em que permaneceu no Sambódromo.

INSTAGRAM @BRUNOREISBA

CIÚME NENHUM

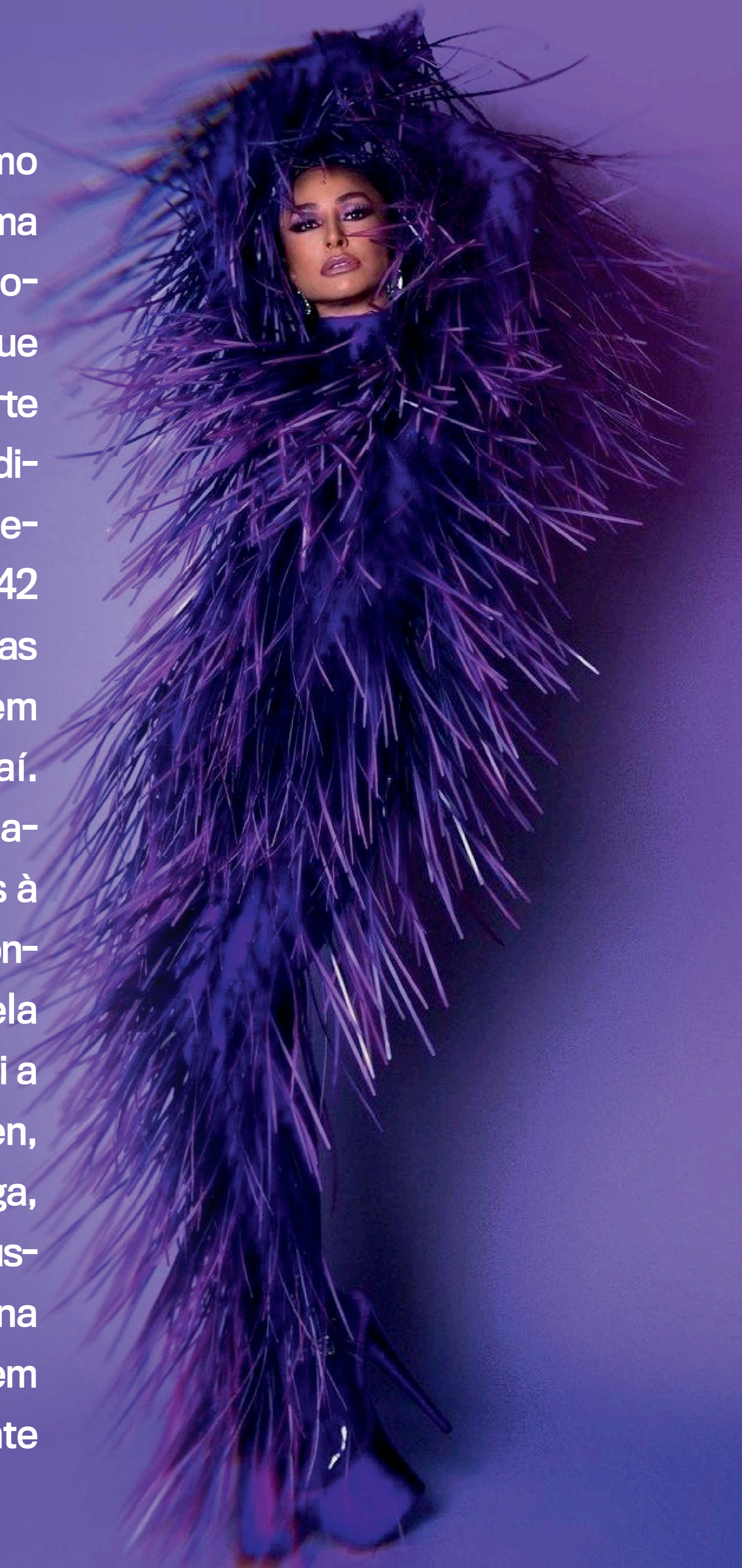
Coisa rara entre prefeitos, o de Salvador, **BRUNO REIS,** 45 anos, ganhou instantânea fama nacional ao ser chamado de "delícia" pela cantora Anitta, em pleno desfile de trios e blocos. Modestamente, transfere o elogio para sua cidade e ainda adiciona apimentada farpa ao Rio de Janeiro: "Definitivamente sepultamos qualquer concorrência. Este é o maior Carnaval do país", proclama ao lado da mulher, **REBECA CARDOSO** *(à esq.)* – que não sentiu "ciúme algum" do apetitoso cônjuge. **ANITTA,** a própria, aproveitou a multidão em festa para fazer o oposto do prefeito: sumir dos holofotes. De boné, óculos escuros, bermuda e camiseta larga, pulou tranquila, comeu milho sem ser reconhecida e ainda postou tudo no Instagram.

THIAGO RIBEIRO/AGIF/AFP

BALANÇA PARA QUÊ?

Os preparativos para ocupar o papel de rainha de bateria sob os holofotes da passarela do samba carioca envolvem cardápios minguados e rotina espartana. Pela quinta vez na prestigiada posição na Grande Rio, **PAOLLA OLIVEIRA,** 40 anos, não seguiu o script, se permitiu vida livre no pré-Carnaval, e choveram críticas sobre estar “fora de forma”. Ela garante que as diatribes não a atingem. “Resolvi usar este momento para que nos enxerguem de modo mais verdadeiro, com afeto”, diz a atriz, que por nada revela o peso. “Isso estigmatiza a pessoa”, reafirma Paolla, sem dieta à vista.

VIDA NADA FÁCIL

Após cruzar o sambódromo paulistano embalada em uma fantasia de 35 quilos em homenagem a São Jorge, o que lhe rendeu disparos por parte do bloco dos intolerantes dizendo que era "coisa de demônio", **SABRINA SATO,** 42 anos, seguiu penando com as vestimentas ao aportar em um camarote da Sapucaí. Com vestido feito de braçadeiras de plástico dos pés à cabeça, espetava com o pontudo material quem por ela cruzasse. Um dos alvos foi a top model Gisele Bündchen, atingida ao abraçar a amiga, que desabafou: "Estou exausta". No dia seguinte, Sabrina ainda desfilou, dessa vez em trajes mais miúdos, à frente da bateria da Vila Isabel.

INSTAGRAM @SABRINASATO

INSTAGRAM @IZABELGOULART

POUCAS PALAVRAS

No tradicional baile do Copacabana Palace, no Rio, as respostas lacônicas e a economia nos sorrisos de **IZABEL GOULART,** 38, chamaram a atenção, especialmente porque a modelo de renome mundial era a rainha do evento. A razão para o que muita gente classificou como antipatia foi o atraso de uma hora para sua chegada, o que a obrigou a encurtar a interação carnavalesca, apressada. “Ela ficou presa no trânsito por causa dos blocos”, informou sua assessoria. Depois, pôde relaxar no bem-bom do 6º andar do hotel, o mesmo onde um dia se hospedaram Madonna e a princesa Diana.

THIAGO RIBEIRO/AGIF/AFP

DE OLHO NA COROA DELA

Aos 47, **VIVIANE ARAÚJO** seguiu firme com seu duplo reinado – primeiro à frente da bateria da Mancha Verde, em São Paulo, depois em poder do cetro no Salgueiro, no Rio, que já empunha há dezesseis anos. Falar de aposentadoria, nem pensar. "Não serei eterna, mas não penso em parar. As outras que lutem pelo posto", disparou. E já tem gente na batalha. Nos incandescentes bastidores da Sapucaí, circulava Deborah Secco, 43, que estaria de olho em sua coroa – no desfile, a atriz evoluiu na ala da diretoria, se anunciando salgueirense "desde criancinha". Questionada sobre a campanha pelo cobiçado cargo, ela despista: "Não sei, quem sabe? Tem que ter fôlego". Isso não parece lhe faltar.

TROCA-TROCA SEM PARAR

Quando parece que já houve de tudo nos desfiles cariocas, eis que um casal de mestre-sala e porta-bandeira inova ao mudar de roupa quatro vezes em plena passarela do samba. “Somos loucos de topar fazer isso. Treinamos por sete meses para dar certo”, conta **CRISTIANE CALDAS,** 28 anos, da Vila Isabel, que, ao lado de **MARCINHO SIQUEIRA,** vestia uma roupa neutra sobre a qual eram sobrepostas ornadas fantasias sempre que passavam diante dos jurados. Uma equipe ficou especialmente designada para o troca-troca. Na última parada, Marcinho passou mal, saiu da pista, mas não se abateu. “Adorei a quebra de tradição”, disse, compreensivelmente exaurido.

TATA BARRETO/RIOTUR

DHAVID NORMANDO/FUTURA PRESS

NADA ALÉM DE SAMBA-CANÇÃO

Na comissão de frente da São Clemente, **MARCELO ADNET,** 41, apresentou-se como nobre europeu no desfile carioca. Como parte da performance, de repente ele teve o traje arrancado por indígenas que, no enredo às avessas, faziam o papel do colonizador. E o humorista se viu no meio da multidão de samba-canção, sem se importar em exibir a "barriguinha fora da curva", como classificou, entre colegas de corpo escultural. "Foi o maior desafio da minha carreira. Quase todo pelado e ao lado de uma turma de 20 anos", conta ele, que arrancou risos e diz não ter sentido nem um pinguinho de vergonha.

INSTAGRAM @CAMEXPRESSO2222

ATRÁS DO TRIO ELÉTRICO

A animada mulher do senador baiano Jaques Wagner, **FÁTIMA MENDONÇA** *(à esq.),* não sossegou enquanto não convenceu a primeira-dama **JANJA** a dar uma palhinha no Camarote 2222, capitaneado por Gilberto e **FLORA GIL** *(ao centro)* em Salvador. Não deve ter tido muito trabalho — aliás, Janja, 56 anos, já demonstrou sobejamente que gosta de uma festa. Depois de se arrumar na casa dos Gil, ela se dirigiu à orla e acabou passando seis horas na festa, com direito a algumas discretas mexidas de quadril, enquanto o marido embarcava para São Paulo de modo a acompanhar os desdobramentos do trágico temporal que devastou o litoral *(leia na pág. 58).* "Estava animada. Queria porque queria ver o trio de Armandinho, mas ia passar muito tarde. Ele, gentil, foi cumprimentá-la no camarote", conta Flora. ■

UM GRITO DE ALERTA

Tragédia no litoral de São Paulo expõe o efeito devastador das mudanças climáticas e reforça a urgência de ações que sejam capazes de revertê-las

ANDRÉ SOLLITTO

DEVASTAÇÃO Lama cobre ruas e casas em São Sebastião: chuva muito acima do esperado

ANDRÉ PENNER/AP/IMAGEPLUS

CAPA: FOTO DE NELSON ALMEIDA/AFP

Os primeiros estudos sobre o impacto das mudanças climáticas para o planeta foram publicados há cinco décadas. Desde então, os cientistas — pelo menos os sérios e engajados — alertam sobre os riscos imediatos do aquecimento global. Apesar dos dados incontestáveis, muitas pessoas os consideram exagerados e distantes de sua realidade cotidiana. Para essa parcela descrente, os eventos provocados pelos extremos do clima ficariam restritos, digamos, a uma geleira descongelada na Antártica ou a um pouco mais de calor nas temporadas de verão. O negacionismo estúpido e inconsequente foi golpeado no domingo 19, quando os efeitos perversos das mudanças climáticas desabaram sobre milhares de brasileiros.

Na ocasião, o litoral de São Paulo, principalmente as cidades de Bertioga, Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba, recebeu a maior quantidade de chuvas da história do país. As tormentas duraram dez horas. Em Bertioga, resultaram no acúmulo de 682 milímetros de água — 1 milímetro de chuva equivale a 1 litro de água por metro quadrado. Em São Sebastião, o volume chegou a 626 milímetros. Trata-se de algo jamais visto: o recorde anterior pertencia a Petrópolis, no Rio de Janeiro, com 530 milímetros registrados em 2022. Ressalte-se: a maior marca até então é de apenas um ano atrás. Isso sugere, infelizmente, que novos recordes serão quebrados em breve.

A tempestade que despencou sobre o litoral paulista varreu encostas, derrubou casas, carregou carros para longe e

MICHAEL PROBST/AP/IMAGEPLUS

TRANSIÇÃO Geração de energia eólica e a carvão na Alemanha: o país ainda depende de fontes "sujas"

deixou um rastro de destruição que se estendeu por centenas de quilômetros. De acordo com o governo do estado, ao menos 48 pessoas morreram, mas o número deverá aumentar, já que muitas estão desaparecidas. O que provocou a tragédia? A resposta é clara e indubitável: ela é resultado direto das mudanças climáticas e do descaso. Segundo o Instituto de Estudos Avançados da USP, a temperatura das águas do litoral de São Paulo estava entre 27 e 28 graus, o que significa 1 grau acima da média histórica. Quando a temperatura do oceano se eleva para além da normalidade, a evaporação

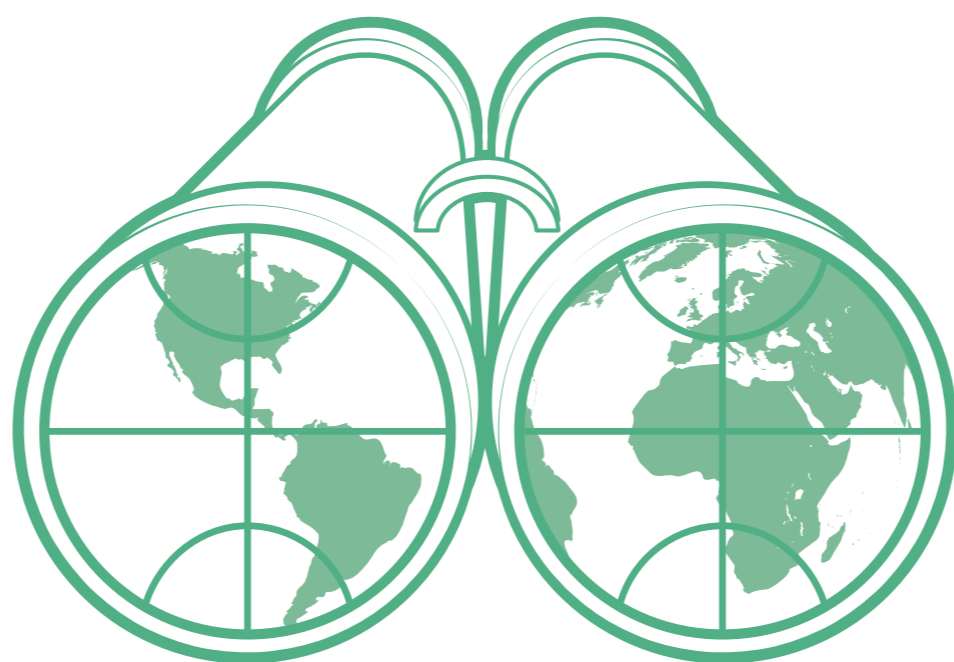
AQUECIDO Fazenda solar no Chile: o planeta vem ampliando o uso de fontes renováveis

atinge níveis indesejáveis, estimulando a formação de nuvens e chuvas intensas. Foi isso que provocou o desastre em São Paulo, que levou a monumentais tormentas no passado, como a da Bahia em 2022 e a de Teresópolis em 2011, e levará a novas enchentes no futuro. Em um país como o Brasil, com a ocupação desordenada das cidades — e das encostas nos municípios litorâneos —, os eventos climáticos, na verdade, poderão se tornar ainda mais graves.

Em certa medida, a humanidade colhe o que começou a plantar há dois séculos, desde o advento da Revolução In-

dustrial. Com ela, vieram a exploração crescente e o possível esgotamento dos recursos naturais. A partir do desabrochar tecnológico, as distâncias ficaram menores e a produção de bens se tornou mais eficiente. Na esteira dessa jornada, o consumo explodiu — é o que se chama de progresso. Obviamente, o crescimento econômico é desejável e inerente à própria evolução da sociedade. Graças a ele, as indústrias produzem carros, remédios, smartphones, computadores e tudo o que tornou a nossa vida melhor ao longo da história. O problema é que a velha fórmula se exauriu. "Precisamos ficar atentos aos limites planetários", diz Gabriela Di Giulio, professora do Departamento de Saúde Ambiental da USP. "O modelo atual de desenvolvimento incorre em colocar em risco a sobrevivência humana."

Até pouco tempo atrás, afirmações como essa soariam como exagero, mas o desastre no litoral paulista mostra que a professora está coberta de razão. Além da falta de planejamento das autoridades para enfrentar situações como essa, existe uma influência direta das ações da sociedade nesse cenário. Não se trata simplesmente de um *act of God*, uma fúria da natureza sobre a qual não temos nenhuma conexão. A emissão de gases poluentes como o dióxido de carbono (CO_2) se deve apenas — e exclusivamente — às atividades humanas. É ela que esquenta a atmosfera e aumenta a frequência de eventos extremos, como secas severas e temporais. Somos, portanto, responsáveis pela nova realidade. Os danos trazidos pelas mudanças climáticas

LUZ NO FIM DO TÚNEL?

OS INDICADORES QUE TRAZEM ESPERANÇA...

*As emissões atingiram o pico em muitos países e agora começam a cair. Nos Estados Unidos, chegaram ao máximo em 2005 e encolheram **10%** desde então*

▪

O fenômeno se repete na Rússia, no Japão e na União Europeia

▪

A China, a maior emissora do planeta, afirmou que atingirá o pico de emissões em 2030. Para analistas, será antes, em 2025

▪

*O fator de emissão (quantidade de gases emitida a partir da queima ou transformação de matéria-prima) caiu **40%** desde 2000*

▪

*Em janeiro de 2023, o desmatamento da Amazônia foi **61%** menor em relação ao mesmo período de 2022*

▪

*Em 2022, o aumento das emissões de CO_2 oriundas da queima de combustíveis ficou abaixo de **1%***

E OS PONTOS DE ATENÇÃO...

No ritmo atual das mudanças, a temperatura global subirá ***2,8 °C*** *até o fim do século, acima da meta original, de* ***2 °C.*** *É preciso, portanto, acelerar a transformação*

■

Os carros elétricos, que poluem menos, são caros e representam apenas ***13%*** *das vendas globais*

■

O desmatamento ilegal é uma chaga que está longe de ser debelada. Em 2021, o Brasil concentrou quase a metade de todas as florestas derrubadas no mundo

Fontes: *Agência Internacional de Energia (AIE), Global Carbon Project, Inpe Global Forest Watch (GFW), IPCC e Our World in Data*

têm alcance global. Ao mesmo tempo que os brasileiros choravam as mortes no litoral, os italianos assustavam-se com a secura dos canais de Veneza. As águas que banham a cidade sumiram por causa da escassez de chuvas, ela também um reflexo das alterações do clima.

Os gritos de alerta estão por toda parte, mas há caminhos para a humanidade trilhar. O cenário, aponte-se mais uma vez, é gravíssimo. No entanto, alguns sinais trazem a esperança de que o quadro pode mudar. Nos últimos anos, o avanço de fontes renováveis de energia tem reduzido a queima de combustíveis fósseis como petróleo, gás e, especialmente, carvão, que liberam CO_2 na atmosfera. Em 2021, pela primeira vez na história, o uso global de energia solar e eólica em relação ao total consumido superou a marca de dois dígitos. Naquele ano, a participação foi de 10,3%, conforme estudo da consultoria Ember. Em 2022, o índice se aproximou de 13%.

Nesse contexto, os veículos elétricos, que não emitem gases durante a sua operação, podem assumir papel vital. Eles respondem atualmente por 13% das vendas globais, número baixo diante da elevada expectativa que traziam. O problema é o preço: perto dos rivais poluentes, os elétricos são mais caros. De acordo com observadores do mercado, a produção em escala cada vez maior tende a baixar os valores. No Brasil, estudo da consultoria McKinsey estima que os automóveis movidos a eletricidade responderão por 55% das vendas até 2040.

MAURO PIMENTEL/AFP

POTÊNCIA VERDE Rio Manicoré, no coração da Amazônia: zerar o desmatamento põe o Brasil em posição privilegiada

Associe-se a crescente adoção de energias renováveis à preservação da biodiversidade e o que surge no horizonte é um cenário de esperança. Como se sabe, as florestas são vitais para a remoção de CO_2 do ar. É dever da humanidade, portanto, mantê-las de pé. No Brasil, uma parte do agronegócio, pelo menos aquela que planta e colhe com responsabilidade, tem sido parceira da preservação do verde nacional. Graças ao uso intensivo de tecnologia no campo, as terras agrícolas passaram nos últimos anos a produzir mais usando áreas menores — o que significa menos desmata-

OZAN EFEOGLU/ANADOLU AGENCY/GETTY IMAGES

POLUIÇÃO Voluntário recolhe plástico no mar da Turquia: o descarte inadequado amplia os efeitos do aquecimento global

mento. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a produção agrícola brasileira cresceu 400% entre 1975 e 2020. Isso foi possível porque, no Brasil, a produtividade total dos fatores (PTF) aumentou 3,3% ao ano nesse período, mais do que em qualquer outra nação.

Iniciativas como essas já trazem resultados concretos para o socorro do planeta. Estudos recentes mostram que as emissões atingiram o pico em muitos países. Em outros, começaram a cair. Nos Estados Unidos, encolheram 10% desde 2005. Elas também estão em queda em nações co-

mo Rússia, Japão e na União Europeia. Não é só. Em 2022, as emissões de CO_2 oriundas da queima de combustíveis cresceram menos de 1% — foi o menor avanço da história.

O Brasil ocupa posição estratégica no combate às mudanças climáticas. É o único entre os grandes emissores com condições de assumir o protagonismo na proteção do planeta. O segredo, dizem os especialistas, está em acabar com o desmatamento. Quase 50% das emissões brasileiras vêm da derrubada, predominantemente ilegal, de árvores em biomas como a Amazônia e o cerrado. "Ao eliminarmos o desmatamento, poderíamos reduzir as emissões de maneira rápida, barata e com enormes benefícios ambientais, sociais e econômicos", diz o físico Paulo Artaxo, professor do Instituto de Física da USP e vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. "Nenhum outro país está em posição semelhante."

O desafio, como sempre, diz respeito à quantidade de recursos financeiros disponíveis. Há boas políticas em andamento. Criado em 2008, o Fundo Amazônia quer captar recursos para ações de combate ao desmatamento. Durante a gestão Bolsonaro, Alemanha e Noruega, responsáveis pelos maiores aportes feitos até então, bloquearam a liberação do dinheiro por falta de empenho brasileiro na salvaguarda da floresta. Sob Lula, o fundo deverá ser revigorado. No campo ambiental, de fato, o governo petista começou bem. Em janeiro, o desmatamento da Amazônia caiu 61% em relação ao mesmo mês de 2022.

O Brasil desfruta vantagens adicionais. Ao contrário de outros grandes emissores, dependentes de combustíveis fósseis para a geração de energia, o país é referência em alternativas limpas. Em 2022, a energia solar se tornou a terceira maior fonte de energia no território brasileiro, atrás das hidrelétricas e da energia eólica. E há espaço para avançar mais. “O Brasil possui condições meteorológicas ideais que justificam os investimentos econômicos nessa área”, explica Carlos Nobre, o primeiro cientista brasileiro a ser eleito membro da academia científica da Royal Society. Ele lembra que o regime de ventos da Região Nordeste favorece a geração de energia eólica, mas destaca a incidência solar como uma dádiva que precisa ser mais valorizada no país.

Se o planeta clama por socorro, a boa notícia é que os jovens parecem cada vez mais comprometidos com a sua proteção. Uma pesquisa global realizada no ano passado com 10 000 pessoas entre 16 e 25 anos constatou que 59% delas estão “extremamente preocupadas” com as mudanças climáticas. Se o mesmo estudo fosse realizado alguns anos atrás, o resultado seria diferente. “Há uma convergência de jovens se interessando por essa causa”, confirma Rodrigo Jesus, porta-voz de clima do Greenpeace Brasil. Ainda há muito a ser feito. Se cada um de nós, a despeito da idade, origem, atividade profissional ou inclinação ideológica, fizer a sua parte, talvez o planeta possa reverter a chaga das mudanças climáticas. E, quem sabe, tragédias como a do litoral de São Paulo não se repitam. ■

COM HORA CERTA

O Brasil crava recorde histórico de cesarianas, um fenômeno impulsionado por ansiedade e medo e alimentado por uma engrenagem pró-partos cirúrgicos **SOFIA CERQUEIRA** E **MAFÊ FIRPO**

MOMENTO DELICADO Mãe e bebê: 1 milhão nasceram via cesáreas no último ano

ISTOCK/GETTY IMAGES

NA ANTIGUIDADE, manuscritos persas e assírios já mencionavam a retirada de bebês pela via abdominal. As primeiras evidências de que o procedimento havia sido assimilado por lei, então com o único propósito de salvar fetos, estão registradas em documentos da Babilônia (1795-1750 a.C.). Sabe-se ainda que, um milênio mais tarde, os romanos até proibiam funerais de gestantes sem que antes se retirasse a criança do ventre. Os pequenos sobreviventes eram chamados de césares, de onde se acredita ter originado o termo cesariana — que viria a se aproximar da cirurgia tal qual a conhecemos apenas no século XVI. A pioneiríssima operação, realizada na Suíça, foi executada pelo próprio marido, acompanhado de uma dezena de parteiras, com o objetivo de aliviar o sofrimento da mulher, que penava para dar à luz. No Brasil, a primeira intervenção do gênero data de 1822 e, daí em diante, o método criado como exceção, para casos de flagrante risco à mãe e ao bebê, foi sendo absorvido no caldo de cultura local. Hoje, a opção pela cesariana tomou, segundo especialistas, a forma de "uma epidemia".

Os mais recentes dados do Ministério da Saúde revelam um recorde histórico de cesáreas no país: do total de partos em 2022, 57,7% seguiram o caminho do bisturi, fatia que vem subindo ao longo dos anos (quando no mundo ideal deveria encolher). Ela é quase quatro vezes o que recomenda a OMS (15%), um rol no qual, de acordo com a organização, deveriam constar apenas mulheres

ARQUIVO PESSOAL

NADA DE DOR

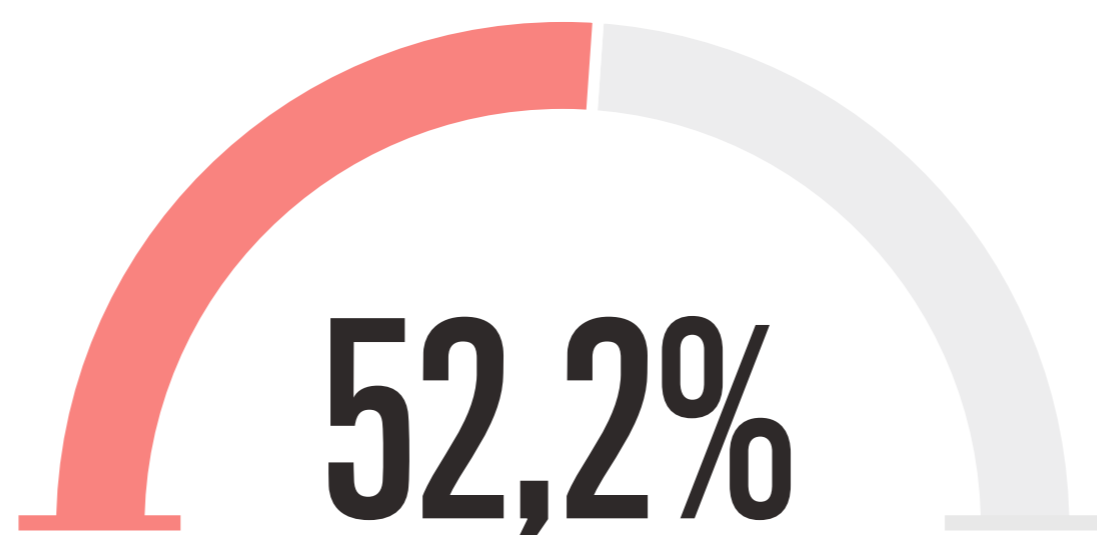
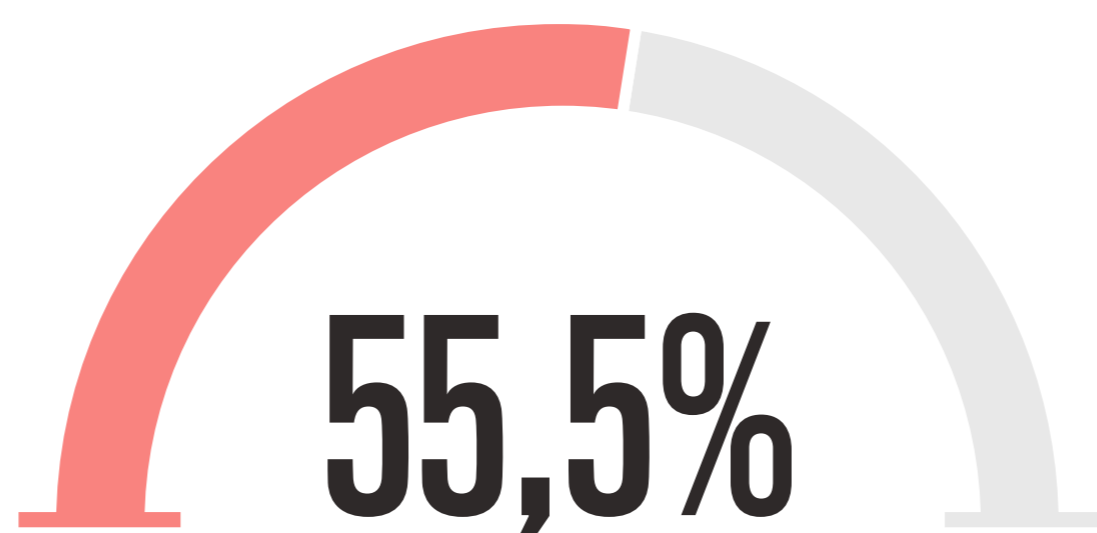
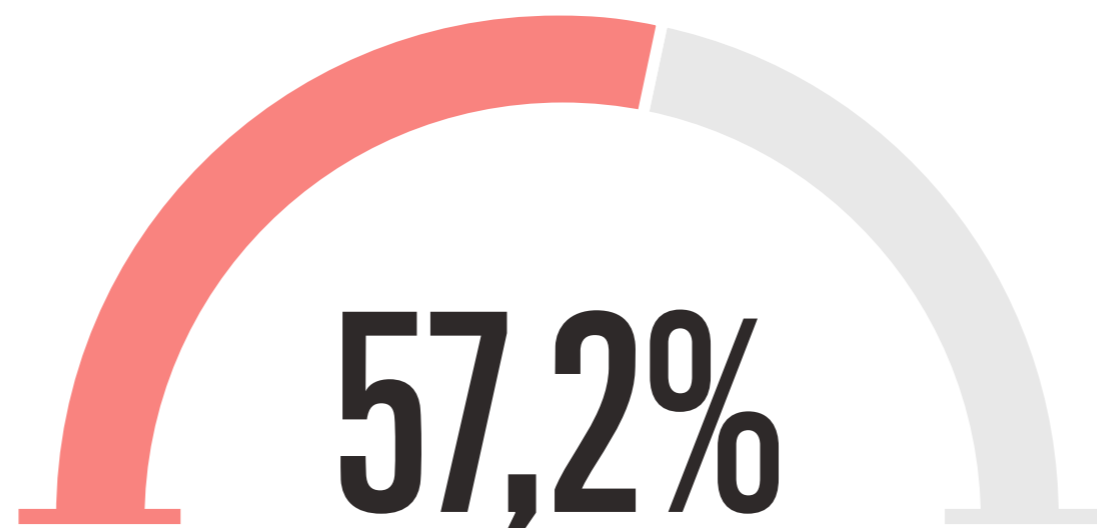
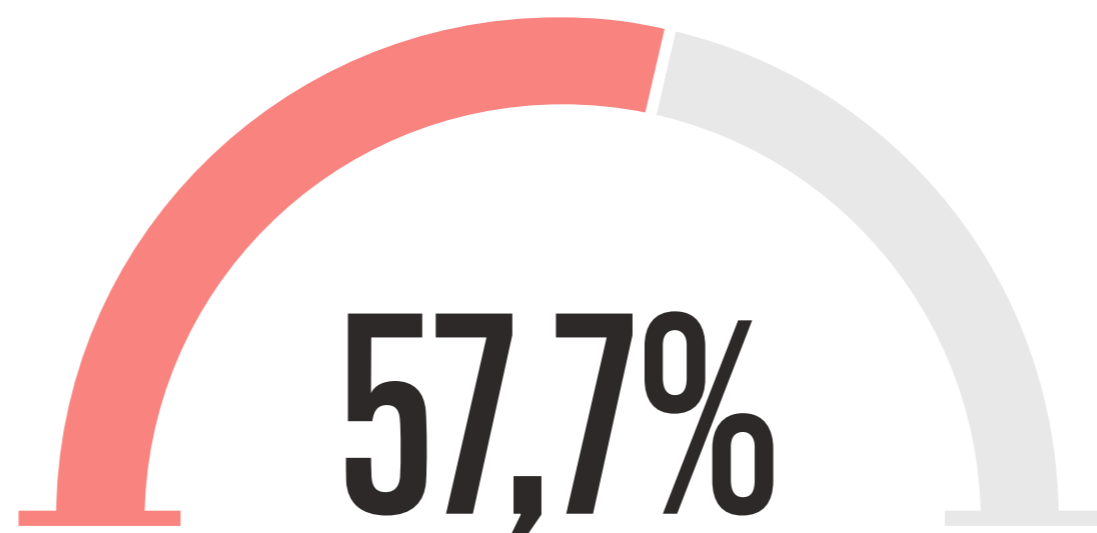
A fisioterapeuta Camila Freitas, 35, decidiu desde o início que Maria nasceria de cesariana. “Não quis nem esperar as contrações”, conta

que realmente necessitam da intervenção. Com tão elevado patamar, o Brasil é vice-campeão nessas operações — são mais de 1 milhão delas por ano —, só perdendo para a República Dominicana, que crava 58% dos partos feitos à base de cirurgia (*veja o quadro*).

Cutucar o assunto sempre acende as labaredas de uma discussão que é para lá de polêmica, já que toca em uma das mais íntimas escolhas individuais de cada mulher. Mas, sendo uma questão essencial à saúde feminina, cabe pôr à mesa relevantes ponderações médicas, fruto do conhecimento científico. "A cesariana não pode ser demonizada, pois salva vidas, mas é preciso ressaltar que é um tipo de parto que contém mais riscos e, portanto, deve ser realizado em situações nas quais os minimize, e não os faça crescer", alerta o médico Ricardo Tedesco, da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia.

Muitos fatores pesam para que tantas brasileiras evitem o parto normal. Entre os mais mencionados está o conforto proporcionado pela previsibilidade — marcar dia e hora para o nascimento ajuda a aplacar a ansiedade. Uma parcela das mulheres nem cogita esperar os sinais de estar na hora de o bebê nascer. Pesquisas também mostram que uma ala da turma que prefere a cesárea cultiva a ideia de que a cirurgia é a alternativa mais segura em qualquer situação e ainda manifesta preocupação com a vida sexual após ter o filho pela via natural. Ne-

VIÉS DE ALTA

O número de cesáreas no Brasil só cresce
e registrou recentemente recorde histórico
(porcentual em relação ao total de partos)

Fonte: *Ministério da Saúde*

ARQUIVO PESSOAL

SOB CRÍTICAS

A opção da publicitária Gabriela Cordeiro, 35, pela cesárea desagradou a amigas, mas ela seguiu firme. “Marquei dia e hora, sou prática”, diz

nhuma justificativa, porém, supera o medo, às vezes pavor, da dor. “Desde que planejei ser mãe, sabia que queria a cesariana. Sentir dor não é para mim”, assume a fisioterapeuta Camila Freitas, 35 anos, mãe de Maria, 1 ano e 8 meses. Nem sempre a escolha é bem digerida pelo mundo em volta, e as críticas aparecem, como as que pesaram sobre os ombros da publicitária Gabriela Cordeiro, 35. Ela conta não ter sequer avaliado a hipótese de entrar em trabalho de parto. “Sabia que a recuperação poderia ser mais incômoda. Sou uma pessoa prática”, justifica a mãe de Bella, 8 meses.

Diante da avalanche de cesarianas, a Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), ligada ao ministério, acaba de lançar uma campanha para difundir boas práticas no cuidado com as grávidas e reduzir as cirurgias quando elas não se justificam medicamente. “A mulher tem total direito sobre seu corpo, mas faltam informações que podem ser esclarecedoras no momento da escolha”, avalia a obstetriz Ana Cristina Duarte, coordenadora do Coletivo Nascer, que apoia o parto normal. Estudos apontam que o risco de óbito materno é duas vezes maior entre mulheres que optam pelo bisturi, sem falar na ocorrência de hemorragias e infecções. Os bebês, por sua vez, têm mais chances de problemas respiratórios e de desenvolver diabetes, hipertensão e obesidade.

Como em todo dilema, uma parcela das que enveredam pela trilha cirúrgica acaba por se arrepender. “Não

ARQUIVO PESSOAL

BATEU ARREPENDIMENTO

Após o parto de Maitê, Stephanie Ventura, 36, mudou sua visão sobre a cirurgia. “Ela nasceu pequenininha e eu me senti egoísta”, admite

precisava ter feito. Quase desmaiei de dor no pós-operatório, minha filha nasceu pequenininha, e eu me senti egoísta", relata Stephanie Ventura, 36, mãe de Maitê, 1 ano. À frente do estudo "Nascer no Brasil", a pesquisadora da Fiocruz Maria do Carmo Leal observa a banalização das cesáreas. "Ao longo do tempo, as brasileiras deixaram de enxergar o recurso como uma cirurgia de médio porte para encará-lo como uma simples opção ao parto normal", diz. Desde a década de 70, quando as cesarianas correspondiam a 15% dos partos no Brasil, a taxa cresce. Nos anos 2000, ela cruzou uma fronteira simbólica, chegando a mais da metade dos nascimentos no país *(veja o quadro).*

Os grandes números espelham a força de uma engrenagem que favorece a explosão de cesarianas. É quase impossível nos dias de hoje encontrar um obstetra de plano de saúde que aceite fazer parto normal sem cobrar uma "taxa de disponibilidade" pela espera — algo entre 10 000 e 25 000 reais. Para eles, que atualmente recebem das operadoras de saúde quantia semelhante nos dois tipos de parto, é mais vantajoso operar três, quatro mulheres em sequência do que passar doze horas às voltas com um nascimento. "Alguns profissionais, como é bem sabido, influenciam suas pacientes a encarar a cirurgia, alimentando a indústria da cesárea", afirma Ana Cristina Duarte. Na rede pública, onde a mulher a partir da 39ª semana de gestação pode escolher entre um e ou-

NO TOPO DO RANKING

O Brasil é o vice-campeão em cesarianas no mundo com índice bem acima do recomendado pela OMS

(porcentual em relação ao total de partos)

1) REPÚBLICA DOMINICANA 58%

2) BRASIL 57,7%

3) EGITO 55,5%

4) TURQUIA 53,1%

5) VENEZUELA 52,4%

Média mundial: 21,1%

Recomendação da OMS: até 15%

Fonte: *The Lancet*

tro procedimento, é uma questão de cunho cultural que as faz pender para a cirurgia. “A experiência do parto vaginal no Brasil é marcada por intervenções desnecessárias e violentas, o que sedimentou uma ideia negativa sobre ele”, explica Simone Diniz, da Faculdade de Saúde Pública da USP.

JOHNER IMAGES/GETTY IMAGES

OUTRO MUNDO Suécia: a imensa maioria das crianças nasce de parto normal

A porção desenvolvida do planeta é a que se situa mais próxima da faixa ideal da OMS, como a Suécia, que tem índice de cesarianas de 16,6%, enquanto nos Estados Unidos são 32%. A praxe nesses países é que o nascimento fique a cargo dos profissionais de plantão e nem se indague a gestante sobre sua preferência — o entendimento unânime é de que o parto seja normal, a menos que se apresente complicação que lance risco sobre a mãe ou o bebê. Isso desonera o sistema público de saúde e diminui as curvas de indesejadas ocorrências nesse momento tão tocante e delicado na vida de uma mulher. Que a opção de cada uma leve em conta a voz da ciência. ■

Colaborou Duda Monteiro de Barros

JUSTIÇA Bethany, que perdeu um braço: ela propõe uma divisão diferente

SEAN M. HAFFEY/GETTY IMAGES

CORPOS EM EVIDÊNCIA

Ao criticar a participação de mulheres trans em torneios de surfe, uma renomada campeã americana reaquece o debate das mudanças de gênero no esporte **MARILIA MONITCHELE**

A SURFISTA americana Bethany Hamilton, de 33 anos, é uma celebridade sobre as ondas — em 2003, depois de ser atacada por um tubarão no Havaí, ela teve o braço esquerdo amputado. Voltou a competir e chegou a ganhar algumas baterias, celebrada como heroína. Há alguns dias, já longe do circuito profissional, mas na ribalta de palestras e torneios para os quais é convidada especial, ela provocou espessa espuma com um ruidoso comentário. Instada a comentar a liberação de atletas transgênero em campeonatos da liga mundial da modalidade, a WSL, ela não vacilou ao criticar a iniciativa. Disse "amar todas as pessoas e humanos independentemente de quaisquer diferenças", mas se mostrou "preocupada" com a decisão. "Acho que a melhor solução seria criar uma divisão diferente para que todos possam ter uma oportunidade justa de mostrar sua paixão e talento — e acho muito difícil imaginar como será o futuro do surfe feminino dentro de quinze ou vinte anos se seguirmos em frente, permitindo essa grande mudança", ela postou nas redes sociais.

A postura de Bethany — a sugerir que pessoas que nasceram biologicamente homens não possam competir com esportistas do sexo feminino, e ao propor o caminho da exclusão em disputas específicas para esse grupo — provocou grita inédita. Quem a defende brande um argumento simples: as diferenças de biologia e anatomia, mesmo depois da transição de gênero, persistiram. Para os defensores dessa tese, quem atravessou a puberdade mo-

CHRIS GRAYTHEN/GETTY IMAGES

PIONEIRISMO Laurel Hubbard, da Nova Zelândia, a primeira declaradamente transgênero em Olimpíada: sem pódio

vida a testosterona seria naturalmente mais forte fisicamente. Na defesa da diversidade, haveria uma desigualdade. De causa justa e humana, a luta pela aceitação e pelo respeito de pessoas que têm identidades sexuais diferentes da própria biologia poderia se transformar em injustiça. "Eu apoio você, Bethany", escreveu nas redes sociais a esquiadora medalhista de ouro olímpica Julia Mancuso. "Obrigada por falar por todas as mulheres e meninas por aí. Todas essas são perguntas interessantes

CAMERON SPENCER/GETTY IMAGES

FORÇA A supercampeã sul-africana Caster Semenya, dos 800 metros rasos: disfunção hormonal identificada

para navegar nesse tópico difícil, e esperamos poder continuar lutando pelo futuro dos esportes femininos.” O ex-campeão de surfe Shane Dorian também saiu em defesa de Bethany. “Não dê ouvidos às pessoas que lançam a palavra transfóbica para qualquer pessoa cujas crenças não se alinham com as delas. São problemas complicados, sem solução clara. Há muitas pessoas que amam e apoiam a comunidade trans que concordam com você sobre essas questões.”

INSTAGRAM @TIFANNYABREU10

DESAFIO Tiffany Abreu: incômodo nas quadras com o excesso de pontos

O raciocínio de que homens trans podem ter vantagens no esporte, aceitável do ponto de vista da medicina, pede um olhar cientificamente mais aprofundado, que não fique apenas na superfície — mas, ao colidir com a atual e bem-vinda postura global de respeito às diferenças e às vontades individuais, foi levado ao cadafalso, e com razão. A surfista e professora canadense Leah Nicole Tisdale assustou-se com o apoio ao ideário de quem se postou ao lado de Bethany — invariavelmente conservadores, para quem há uma "agenda trans" que precisaria ser condenada. Não há. "Os comentários me fizeram lembrar da 'agenda negra' durante a luta pelos direitos civis nos Estados Unidos e da 'agenda feminista' nos anos 1960, olhadas de modo pejorativo e que eram apenas um grito de liberdade", disse Leah Nicole.

É inegável que homens e mulheres têm desempenhos diferentes. O período da puberdade é central para a demarcação dessas distinções. Na puberdade masculina, é a

testosterona que garante o aumento da densidade óssea, da massa muscular, da altura e do tamanho dos membros. Além de produzir mudanças em órgãos como coração, pulmões e na quantidade de hemoglobina presente no sangue, fatores que podem contribuir para o aumento significativo da performance esportiva. Mulheres trans que passaram pela puberdade masculina, em tese, manteriam boa parte desses benefícios. O que de fato pode acontecer. A estatura e o tamanho de órgãos e membros, por exemplo, não são revertidos com a transição hormonal. É possível, portanto, que a estrutura corporal que resiste à hormonização — o estrogênio feminino em vez da testosterona masculina — se torne uma vantagem em alguns esportes. Contudo, é sempre bom lembrar, a medição de testosterona, a régua pela qual as federações de esporte aceitam ou barram mulheres trans, é apenas um dos aspectos a ser estudados. Há nuances que fazem toda a diferença — e um esportista trans pode entrar nas quadras e pistas em desvantagem, e não com indevida vantagem. Seria reducionista atribuir a performance de uma atleta exclusivamente ao seu corpo, negando as habilidades desenvolvidas com treinamento e preparo. "A testosterona não é o único fator definidor de sucesso no esporte, é fundamental considerar também a biologia e o ambiente da sociedade", explica Erik Giuseppe Barbosa, professor da Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dito de outro modo: uma mulher trans

SAMPICS/CORBIS/GETTY IMAGES

DOPING MECÂNICO Pistorius, em 2012: a prótese de titânio não fez diferença

em meio a mulheres cisgênero não é certeza de vitória. Certo mesmo, por ora, é a polêmica.

Fez barulho a participação da levantadora de peso da Nova Zelândia Laurel Hubbard, a primeira atleta declaradamente transgênero a competir numa Olimpíada (ela não subiu ao pódio). Ganhou destaque a força da jogadora de vôlei trans Tiffany Abreu, que pontuava mais do que suas companheiras e que recebeu do treinador Bernardinho um comentário preconceituoso, ao ver um de seus times derrotado pela equipe de Tiffany, pelo qual ele se descul-

paria depois: “Um homem. É f***”. Mas nada se compara à fama da sul-africana Caster Semenya, campeã olímpica e mundial dos 800 metros rasos, mulher que nasceu com traços intersexuais — ou seja, seu corpo produz níveis atípicos de testosterona.

A discussão vai longe — o que se exige, apenas, é o cuidado com a inclusão, o fim de todo preconceito e o conhecimento científico. O resto é muito barulho por nada. Há um ponto fundamental, caminho para reduzir o espanto. O Comitê Olímpico Internacional liberou a participação de esportistas trans, com testosterona controlada, em 2003. Mais de 63 000 atletas chegaram ao patamar olímpico. Nesse período, duas mulheres trans competiram em Olimpíadas e nenhuma ganhou medalha. “A debatida superioridade não se evidencia em dados”, diz o médico endocrinologista Henrique Cecotti. Nem mesmo o velocista paralímpico Oscar Pistorius — que ficaria tristemente famoso acusado de ter matado a namorada — fez valer a vantagem de correr com pés mecânicos, de titânio, nos Jogos de 2012, em meio a atletas aptos. Dizia-se que a prótese o faria mais rápido. Não foi o que aconteceu. Na celeuma dos esportistas trans, convém deixar os exageros e as ideias preconcebidas de lado e refletir mais sobre a questão. ■

LUCILIA DINIZ

É PROIBIDO PARAR

O sedentarismo pode ser o novo tabagismo

HÁBITOS socialmente aceitos numa época são rejeitados em outra. Veja o caso do cigarro. Houve um tempo, não tão distante assim, em que fumar era glamoroso. Hollywood ajudou a projetar essa imagem. Humphrey Bogart e Ingrid Bergman — para citar o par romântico de *Casablanca* — viviam exalando charme e fumaça nos sets de gravação dos anos 1940. O encanto saído das telas teve longa sobrevida. Cinco décadas mais tarde ainda se fumava em qualquer lugar: no restaurante, no escritório, no cinema, no avião. Mas aí a ciência falou mais alto que o cinema. Uma vez provado que o cigarro faz mal à saúde, fumar passou a ser malvisto em toda parte. As pressões contra o fumante vêm de todo lado: da família, dos amigos, dos clientes, dos colegas de trabalho.

Essa lembrança me veio à mente por conta de um painel a que assisti no Fórum de Davos, "O esporte na indústria e na sociedade". Pelo que ouvi na apresentação, acredito que podemos estar próximos de um tempo em que o sedentarismo será tão condenável socialmente quanto o tabagismo. Movimentar-se virou um imperativo da vida contemporânea. Como num círculo virtuoso, a demanda crescente por praticar esportes está levando as organizações e a sociedade a explorar

novas maneiras de capturar a atenção das pessoas e engajá-las em estilos de vida mais saudáveis. A explosão do interesse e da audiência por programas esportivos — seja a Copa do Mundo ou os campeonatos de surfe ou skate — mostra quanto o esporte cativa e impulsiona os indivíduos, tornando-se uma ferramenta poderosa de engajamento e inclusão.

Atletas profissionais e amadores têm tido cada vez mais a ajuda da tecnologia no estímulo à atividade física e na busca por melhores resultados, por meio de aplicativos e gadgets — que são a evolução dos pedômetros e monitores cardíacos sobre os quais eu já falava vinte anos atrás. Academias e centros esportivos brotam a cada dia nas grandes cidades. Além disso, com a profusão de aulas on-line, é possível se exercitar sem sair de casa. A pressão social pelo movimento, pela busca de saúde e bem-estar físico nunca foi tão grande.

Para mim, a atividade física sempre esteve relacionada com o estar-bem comigo mesma. Entre tantas boas opções,

“Noto como as pessoas admiram cada vez mais quem se dispõe simplesmente a caminhar”

considero que nada substitui uma saudável caminhada na rua. Sou andarilha de carteirinha, diplomada em terras ibéricas, tendo conquistado minha Compostelana. Penso nos célebres versos do poeta espanhol Antonio Machado: “Caminhante, não há caminho / faz-se caminho ao caminhar”. Ou no nosso Drummond, para quem “o caminho é mais importante que a caminhada”. Ambos expressam a potência reflexiva e quase filosófica dessa atividade, para além dos benefícios ao corpo. Faz bem também à alma.

Quando saio com meu marido para andar a pé, noto como as pessoas admiram cada vez mais quem se dispõe simplesmente a caminhar — não para chegar a algum lugar específico, mas apenas para tonificar os músculos e arejar a mente. Ficar parado não é mais uma opção. Se o sedentarismo fosse vendido em maço, o Ministério da Saúde certamente advertiria em letras grandes na embalagem: “Ficar parado faz mal à saúde”. ■

OLÉ À ESPANHOLA

Com uma radical política de relaxar a burocracia e cortar impostos, Madri bate recorde de atração de investidores estrangeiros e aproveita para se repaginar **AMANDA PÉCHY**

POLO VIBRANTE Centro financeiro de Madri: o afluxo de investimentos vindo de fora fez a cidade dar um salto econômico

EMILIO PARRA DOIZTUA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

NA PULSANTE Madri, o bairro de Salamanca oferece um luxuoso corredor de lojas e bons restaurantes, um parque que dá trégua à efervescência urbana e a experiência única do Museu do Prado, onde é impossível não se deixar encantar por *As Meninas*, a magistral tela de Diego Velázquez que intriga por embaralhar realidade e ilusão. Pois essa área e suas imediações vêm sendo sacudidas por ventos que renovam a paisagem, em um movimento insuflado por uma polpuda leva de investimentos estrangeiros. O dinheiro não aporta na capital espanhola por obra do acaso, mas como resultado de uma persistente política fincada sob o slogan "Menos impostos e menos leis", uma dobradinha que já alça a cidade à número 1 em atração de capital de fora no setor residencial e a que mais rapidamente escala posições no ranking dos centros financeiros europeus — ocupa a quarta colocação na lista, atrás dos tradicionais Londres, Paris e Frankfurt.

O conjunto de medidas que envolve generosos incentivos fiscais e um radical choque antiburocracia começou a ser implantado em 2016, quando o Reino Unido dava os primeiros passos para o Brexit. Aí se abriria naturalmente uma janela para empresas temerosas das incertezas e interessadas em seguir sob o guarda-chuva da União Europeia. Quando veio a pandemia, o pacote se expandiu, mirando desemperrar as engrenagens da economia, castigada pelas circunstâncias. Em 2021, enquanto o governo espanhol elevava o imposto de renda em 2%, a capital enveredava por rota inversa, reduzindo 0,5%. Na quinta-feira 16, o governo local aprovou mais uma baixa nos encargos que recaem sobre investidores estrangeiros — quem transferir residência fiscal para

TWITTER @HAVAIANASEUROPE

MADE IN BRAZIL Havaianas: a base da divisão internacional agora é madrilenha

lá terá direito a uma dedução de 20%, seja em ativos financeiros, seja em imóveis.

Embaladas pelas facilidades madrilenhas, multinacionais como IBM, Oracle, JP Morgan e a farmacêutica Moderna se instalaram na cidade, o que desencadeou um ciclo virtuoso no qual 16 000 empresas tomaram a mesma rota no ano passado — um recorde histórico. No fim de 2022, a Meta, que já tem sede na cidade, soltou um comunicado anunciando o plano de "colocar a Espanha no centro do futuro da companhia". No rol dos recém-chegados, veem-se muitos latino-americanos — eles depositaram em Madri mais de 600 milhões de euros nos primeiros meses de 2022, uma subida de 180% na comparação com o ano anterior. "Ali virou uma porta de entrada na Europa para o capital da América Latina", afirma o economista Jesús Lizcano Alvarez. Observou-se, inclusive, uma curiosa mudança de rumo no mapa dos investimentos — dinheiro que era canalizado para Miami, outra cidade que implantou uma agressiva cartilha de atração de

moedas de todas as nacionalidades, agora desembarca na terra onde viveu Miguel de Cervantes.

Os que chegaram por lá antes dos demais desfrutam hoje as vantagens do pioneirismo. Era 2013, e a Europa ainda penava com a crise financeira global, quando os irmãos Alex e Miguel Ángel Capriles, da família de um dos figurões da oposição venezuelana Henrique Capriles, começaram a erguer apartamentos de luxo no Centro, onde agora o preço dispara sob o impulso da abundância de estrangeiros. No ano passado, foi a vez da Be Grand, um dos gigantes da incorporação imobiliária de alto padrão do México, apostar em nobres áreas da metrópole. A brasileira Havaianas também está lá, fincando em solo madrilenho a base de sua divisão internacional. “A injeção desses recursos se faz cada vez mais visível no dia a dia da cidade”, diz a especialista em finanças Ana Gisbert, da Universidade Autônoma de Madri.

A oposição acusa o governo de fazer de Madri um paraíso fiscal, aprofundando desigualdades, mas os números apontam para um avanço do PIB local de quase 5%, enquanto o da UE foi de 3,8% — argumento oficial para sustentar e intensificar as vantagens para a turma de fora. Na eterna rixa com Barcelona, Madri leva, de longe, a melhor nesse quesito — 70% dos recursos internacionais vão para lá *versus* os 10% que irrigam a vibrante cidade catalã. E a capital do país não para de se remodelar, o que enche os olhos de portadores dos mais variados passaportes: de 10% em 2017, eles representam hoje 15% da população. É gente de todo canto que aproveita a onda de repaginação urbana em marcha e ainda pode dar um pulinho no “triângulo dourado da

Fonte: *Comunidade de Madri*

arte", um circuito de três espetaculares museus incluindo o Prado, onde a alma se preenche com a beleza de mestres como Goya, El Greco e Velázquez. Como lição para as cidades e para o governo brasileiro, fica a reflexão: não é fácil produzir artistas com talento tão sublime de uma hora para a outra — talvez eles jamais possam ser igualados. Mas cortar impostos e simplificar a burocracia é possível, sim. ■

CLAUDIO HARRIS

NÃO ERA ACEITO POR SER INDÍGENA

O modelo Noah Alef, de 22 anos, descendente da tribo pataxó, superou preconceitos e hoje desfila no exterior

NASCI EM UMA FAMÍLIA descendente da tribo indígena pataxó, na cidade de Jequié, no interior da Bahia. Distante da aldeia da qual se originou meu povo, localizada no extremo sul baiano, meus pais, uma costureira e um motorista, me criaram até se separarem, quando eu tinha apenas 8 anos. Eu e minha mãe, então, fomos morar com meus avós maternos, e sempre batalhamos para sobreviver. Durante a adolescência, fiz bicos capinando mato de vizinhos para ganhar alguns trocados. Depois, fui trabalhar de empacotador em uma fábrica de tecidos e também como ajudante de pintor. Devido a meus traços, eu não conseguia me considerar bonito. Cheguei a so-

frer bullying na escola, mas, aos 16, me interessei por moda quando inventaram um concurso de modelos na minha cidade. Decidi tentar, mais por curiosidade, e acabei desfilando no centro de Jequié. Bateu um nervosismo tão grande, mas me encantei instantaneamente. Jamais imaginei que aquela faísca me levaria a desfilar para grandes marcas no exterior, podendo exaltar a beleza indígena.

Após aquele primeiro contato com a passarela, decidi apostar com entusiasmo no sonho de ser modelo profissional. Concluí o ensino médio e tomei a decisão de me mudar da Bahia para São Paulo, onde acreditava que teria mais oportunidades de trabalho. Fiz até mesmo rifas para juntar dinheiro e me iludia acreditando que chegaria à capital paulista e viraria modelo rapidamente, conquistando muito dinheiro e glamour — um grande equívoco. Descobri que tudo era muito mais caro em uma metrópole do que no interior da Bahia e minhas economias duraram três meses. Morei em repúblicas de aspirantes a modelos, dormindo em quartos minúsculos e até em uma garagem. Entrei em uma agência pequena, e durante os testes para ensaios fotográficos fui muito desprezado por recrutadores. Me diziam que eu não era aceito por ter essa aparência indígena. Eu sempre gostei do meu corte de cabelo no estilo "tigela", mas essa característica não agradava os clientes, segundo a agência. Com a falta de trabalhos como modelo, acabei aceitando pequenos bicos, como barman em eventos, panfletando na rua e até como promotor de degustação de salgadinhos em mercados. Essa instabilidade me fez

passar muita fome. Após dez meses enfrentando tanta dificuldade, veio a pandemia de Covid-19, em 2020, e aí desisti de vez. Voltei para a Bahia.

No isolamento, como a maior parte da população mundial, comecei a gravar vídeos e publicar no TikTok e Instagram. Um olheiro baiano acabou encontrando minhas páginas e entrou em contato, muito interessado pelo meu perfil. Fiquei bastante desconfiado, porque as experiências que tive em São Paulo haviam sido péssimas, mas ele prometeu me apresentar a uma agência de modelo séria. Mal acreditei quando me aprovaram para integrar o catálogo. Naquele momento, entendi que todos os meus sonhos poderiam se realizar. Passei a fazer editoriais e desfilei na São Paulo Fashion Week pela primeira vez em 2021. No ano passado, fui o modelo que mais subiu à passarela do evento, participando de quinze desfiles. Em janeiro deste ano, estreei na Semana de Moda da Itália, onde representei a Emporio Armani, além de estrelar alguns ensaios para outras marcas e revistas internacionais. Como a agência Way Model tem parceria com outras no exterior, estou fazendo testes ao redor do mundo. Já passei por França, Austrália, Alemanha, Estados Unidos e Espanha. Uma coisa que gosto de fazer é posar e desfilar com adereços indígenas, para valorizar os traços que já foram alvo de tanto preconceito. Hoje, consigo ajudar minha família financeiramente e também enxergar minha própria beleza. ■

Depoimento dado a Kelly Miyashiro

UM BIG PROBLEMA

Amazon fecha lojas físicas e descobre que é impossível ser bem-sucedida em todas as áreas de negócios. Como ela, grandes empresas de tecnologia enfrentam inédita crise **AMAURI SEGALLA**

AMAZON BOOKS Livraria em Nova York: concorrência com as vendas digitais põe em xeque o futuro da empreitada

SHUTTERSTOCK

A AMAZON ocupa um lugar de destaque na prateleira das empresas mais inovadoras de todos os tempos. Em 1994, o americano Jeff Bezos pediu demissão da gestora de investimentos onde trabalhava, juntou 10 000 dólares e abriu uma livraria on-line que mudou o mundo para sempre. Se fosse preciso sintetizar o que Bezos fez, ele garantiu uma experiência rápida e prazerosa de compras virtuais e abriu caminho para que o comércio eletrônico se tornasse popular em qualquer lugar que houvesse conexão com internet. O resto é história. Como se sabe, no entanto, as grandes companhias também são feitas de fracassos — e eles acabam de bater à porta do gigante chamado agora de "big tech". Há alguns dias, a Amazon anunciou o fechamento de ao menos 68 lojas físicas, entre livrarias, pop-ups (espaços temporários que vendem principalmente eletrônicos) e supermercados. Até alguns estabelecimentos autônomos, aqueles que não exigem atendimento humano e prometiam revolucionar a experiência do consumidor, estão sob risco. Pela primeira vez, a Amazon descobriu que é impossível ser bem-sucedida em todas as categorias de produtos.

A investida do conglomerado nos locais feitos de tijolos começou em 2015, quando inaugurou a primeira unidade da Amazon Books. Depois vieram a Amazon Fresh, um supermercado com boa variedade de itens, a Amazon Go, rede autônoma sem atendentes, e outros projetos menos glamourosos, como pop-ups aqui e ali. Os especialis-

GENE J. PUSKAR/AP/IMAGEPLUS

APPLE STORE Loja em Pittsburgh, nos EUA: o gigante da maçã não demitiu

tas não entenderam o movimento da empresa. Embora possuísse vantagem competitiva no comércio eletrônico, a Amazon estava decidida a ir na contramão do varejo. Para ficar mais claro: enquanto muitos diziam que as unidades físicas estavam mortas, ela achou que os dois modelos — o de tijolos e o digital — poderiam conviver de forma harmoniosa. “Mas aí veio a pandemia, que consolidou novos hábitos de consumo, e os planos tiveram de ser revistos”, diz o consultor Eduardo Tancinsky.

LEON NEAL/GETTY IMAGES

AMAZON FRESH Supermercado em Londres: é difícil sobreviver em um ramo com alta competição e rivais históricos

As lojas físicas enfrentaram nos tempos recentes o que o mundo corporativo chama de "tempestade perfeita". A explosão do comércio eletrônico e o avanço dos recursos tecnológicos tornaram a vida digital onipresente. No Brasil, grandes redes de livrarias como Cultura e Saraiva foram golpeadas pela nova realidade, e o fantasma da falência está aí para comprovar a teoria. E há ainda outro complicador: o varejo físico é um território sangrento, com competidores lastreados por décadas de experiência

FORÇA DIGITAL

O avanço do comércio eletrônico
no Brasil e no mundo

EM 2019, ANTES DA PANDEMIA, O E-COMMERCE RESPONDIA POR **5,8% DO VAREJO RESTRITO** — RAMO QUE DIZ RESPEITO PRINCIPALMENTE A BENS DE CONSUMO — BRASILEIRO. EM 2022, A PARTICIPAÇÃO CHEGOU A **13%**

EM 2023, AS VENDAS GLOBAIS DO SEGMENTO DEVERÃO TOTALIZAR **6,3 TRILHÕES DE DÓLARES, 10,4%** ACIMA DO VALOR MOVIMENTADO NO ANO PASSADO

e conhecedores das armadilhas que ferem os novatos. A Amazon deu as costas a tudo isso, acreditando que as inovações digitais como as lojas autônomas seriam suficientes para seduzir o público. Não foram.

Em defesa da Amazon, é preciso dizer que as outras big techs também não vão bem. Desde o ano passado, elas começaram a demitir em massa depois de contratar loucamente, no embalo da nova era digital. Juntas, Alphabet (controladora do Google), Meta (ex-Facebook),

Disney e Yahoo!, além da própria Amazon, mandaram embora ou estão prestes a eliminar 60 000 profissionais. A crise acertou em cheio o bolso dos donos dessas empresas. Apenas Jeff Bezos viu sumir 80 bilhões de dólares de seu patrimônio em 2022. A exceção é a Apple, que tem passado incólume pela crise. Sob a liderança de Tim Cook, a empresa da maçã adotou um modelo de gestão comedido, sem planos mirabolantes que a colocassem sob risco.

Para a Amazon, a saída foi acelerar novas frentes de negócios. Na semana passada, sua divisão de carros autônomos, a Zoox, pôs nas ruas uma frota de táxis sem motoristas. Os veículos, que nem sequer têm volantes, começaram a circular em vias públicas da Califórnia, mas apenas em roteiros delimitados. Dona dos direitos de jogos da NFL (a liga do futebol americano) e da Premier League (campeonato inglês de futebol), a empresa também ampliará as transmissões esportivas ao vivo em seu canal de streaming. São iniciativas que pretendem aliviar os estragos causados pelas lojas físicas. Ainda assim, está mais claro do que nunca: para a Amazon, negócio bom mesmo é o comércio eletrônico. ■

PRECIOSA PROTEÇÃO

Crucifixos e outros ícones religiosos se transformam em joias cobiçadas pelas celebridades. Se antes causavam polêmica, agora são símbolos de conexão espiritual **SIMONE BLANES**

INSTAGRAM @HAILEYBIEBER

INSTAGRAM @KIMKARDASHIAN

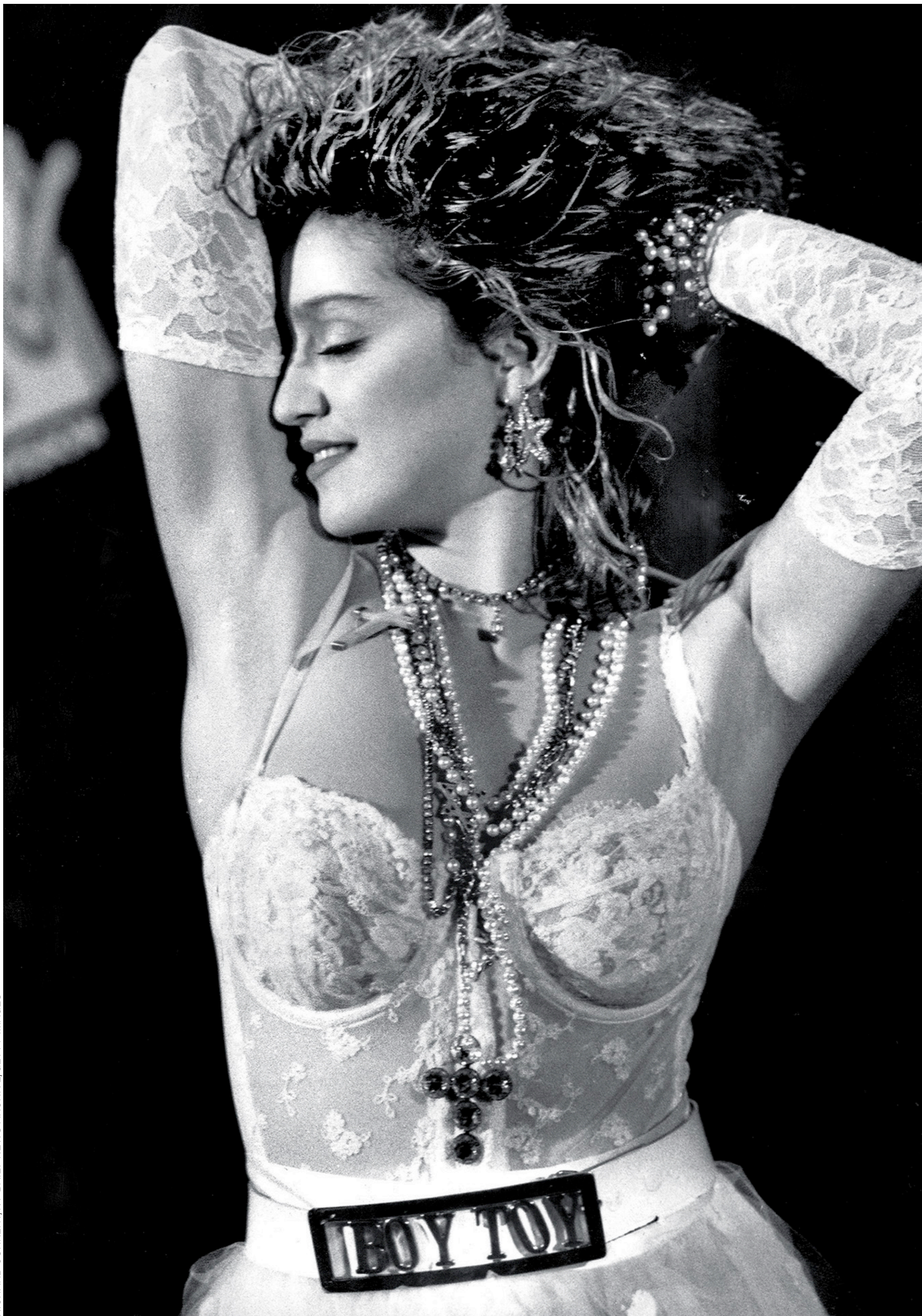
FÉ Hailey Bieber e Kim Kardashian: amuletos ligados à espiritualidade voltam a ganhar adeptas famosas

EM 1984, quando começava a despontar na cena pop, Madonna decidiu que era hora de chocar o público. No Video Music Awards, premiação da MTV, nos Estados Unidos, ela saiu de um bolo enorme enquanto entoava um clássico instantâneo, *Like a Virgin.* Para além da letra ousada e a performance provocativa, a polêmica veio do figurino: a nova estrela usava um vestido de noiva, adornado por dois elementos díspares: um cinto no qual se lia a inscrição *boy toy* (brinquedo de menino) e um imenso crucifixo, símbolo maior do cristianismo. Como Madonna havia previsto, o escândalo foi inevitável. A ruidosa aparição teve um efeito imediato na moda. As cruzes de origem religiosa se tornaram acessórios desejados, e logo cantores como Prince e George Michael passaram a usá-las em público. Quase quatro décadas depois, as chamadas joias de proteção — que incluem também figas, escapulários, olhos gregos e talismãs, entre outros adereços — estão de volta, mas de um jeito diferente.

ROBYN BECK/AFP

HERANÇA
Lourdes Leon, filha de Madonna *(acima):* acessório para seguir os passos e o figurino da mãe

Se a intenção no mundo pop antes era provocar, agora a tendência está conectada a questões de fé e espiritualidade. Recentemente, a eterna cria-

RICHARD CORKERY/NY DAILY NEWS ARCHIVE/GETTY IMAGES

LIKE A VIRGIN Madonna em 1984, na MTV: símbolo para chocar o público

dora de tendências Kim Kardashian pagou cerca de 200 000 dólares pela cruz Attallah, criada pela joalheria Garrard, em 1920. Cravejada de ametistas e diamantes, ela havia sido usada pela princesa Diana em 1987, em um evento de caridade. As celebridades, reafirme-se, aderiram em peso à tendência — do terço de Neymar nos campos de futebol aos brincos da modelo Hailey Bieber nas redes sociais, dos colares com motivos religiosos nos palcos onde se exibem cantoras e cantores como Beyoncé, Harry Styles e Rita Ora ao discreto crucifixo de Lourdes Maria Leon, filha de Madonna, no tapete vermelho do Grammy. Os looks inspirados em pingentes que pareceriam mais adequados nos colos de freiras e padres são como um comentário em torno de nosso tempo. "Em momentos como pós-guerra ou grandes epidemias, as pessoas sentem mais o desejo de proteção", diz Bianca Zaramella, professora de comunicação de moda no Istituto Europeo di Design (IED).

As peças são onipresentes nas grandes joalherias. Fizeram fama as coleções de crucifixos da Tiffany, os talismãs da Cartier, os amuletos da Vivara, os diversos símbolos espirituais da Swarovski e as pedras místicas do designer Ara Vartanian, para citar apenas alguns exemplos. Vartanian diz que sempre pensa em joias como amuleto. Mas é preciso ter cautela para não ferir a fé das pessoas. "Deve haver respeito por símbolos de todos os tipos", diz Frank Everett, vice-presidente da Sotheby's Jewelry. Afinal, assim como os diamantes, as joias de proteção também podem ser eternas. ■

MERGULHO EMOCIONAL

Em *A Baleia*, um homem que sofre de obesidade mórbida enfrenta fantasmas do passado em uma trama emotiva e corajosa — que coloca Brendan Fraser à frente na disputa pelo Oscar

RAQUEL CARNEIRO

VOLTA POR CIMA
Brendan Fraser: elogios e prêmios após ostracismo em Hollywood

A24 FILMS

Em uma aula de redação online, a câmera do professor é a única desligada. Educado, Charlie (Brendan Fraser) diz aos alunos que em breve vai achar um tempinho para consertar o aparelho. Enquanto isso, a câmera do cineasta Darren Aronofsky abre seu enquadramento para mostrar o que Charlie quer esconder: ele é um homem com mais de 270 quilos, de cabelo ralo e manchas na pele. Em ***A Baleia*** *(The Whale;* Estados Unidos; 2022), em cartaz nos cinemas, Charlie vive confinado em seu sofá. Sair dali é uma tarefa hercúlea, assim como todas as outras que envolvam mobilidade: ele depende de um andador e de aparatos posicionados pela casa que lhe concedem um mínimo de independência— como se deitar ou se levantar sozinho e apanhar algo que caiu no chão. Um dia, uma adolescente entra impetuosa na casa, o observa de cima a baixo e diz: “Isso quer dizer que eu vou engordar?”. A jovem de 17 anos é Ellie (Sadie Sink, de *Stranger Things,* ótima), filha que Charlie não vê há oito anos. O esforço dele para reconquistar a menina é a força motriz do filme que deu a Fraser

AS INDICAÇÕES

ATOR
BRENDAN FRASER

ATRIZ COADJUVANTE
HONG CHAU

MAQUIAGEM

A24 FILMS

REVELAÇÃO Sadie: filha rebelde em atuação primorosa

sua primeira indicação ao Oscar — e faz dele (com razão) um franco favorito ao prêmio.

Ao confiar o papel de Charlie a Fraser, estrela de Hollywood dos anos 1990 que caiu em ostracismo, *A Baleia* se impõe como mais um atestado da ousadia da A24, estúdio responsável pelo longa e que vem chacoalhando a mesmice de Hollywood. A produtora independente alcançou um recorde notável no Oscar deste ano, ao conquistar dezoito indicações distribuídas entre seis longas — sendo o principal deles o alucinante *Tudo em Todo o Lugar ao Mesmo Tempo*,

favorito à estatueta de melhor filme. Integram o pacote o belga *Close*, na disputa por filme internacional, *Aftersun* e *Passagem*, em categorias de atuação, e a animação cult, inédita no *Brasil, Marcel the Shell with Shoes On*. O feito põe o modesto estúdio à frente de gigantes do setor, como Warner e Paramount, e na cola da ainda imbatível Disney — ela lidera com 22 indicações, mas diluídas entre suas várias marcas: Marvel, Pixar, 20th Century etc.

Sediada em Nova York e criada em 2012 por três entusiastas do cinema, John Hodges, David Fenkel, Daniel Katz, a A24 virou um selo de qualidade ao apostar em tramas criativas e muitas vezes sombrias, com talentos veteranos e novatos prontos a arriscar *(leia quadro na página 82)*. Assim, foi a escolha natural de Aronofsky para voltar ao cinema indie após uma incursão pelo mundo dos orçamentos estonteantes que resultou em naufrágios como *Noé* (2014).

Em sua melhor fase, assinando títulos como *Réquiem para um Sonho* e *Cisne Negro*, o diretor americano provou que é afeito a tramas que atropelam o público, deixando marcas indeléveis. Quando Aronofsky foi à Broadway, em 2012, assistir à peça *The Whale*, do dramaturgo Samuel D. Hunter, o jogo virou: quem saiu com cicatrizes profundas do teatro foi ele. Hunter cresceu no interior de Idaho, Meio-Oeste americano, e sofria de compulsão alimentar e depressão. Matriculado em um colégio religioso, incorporou mais uma ferida a seus tormentos mentais: a dor da homofobia. O adolescente pedia a Deus para não ser mais gay — repressão

FÓRMULA DE SUCESSO

Estrela do Oscar 2023, o estúdio A24 – que fez *A Baleia* – renovou o cinema indie

UNIVERSAL PICTURES

CRIATIVIDADE Com orçamentos baixos, o estúdio aposta em tramas provocativas e com pontos de vista peculiares, como a ficção científica *Ex_Machina* (2014), sobre inteligência artificial

RAFY/A24 FILMS

TERROR POP Com o notável *A Bruxa* (2015) em destaque, o terror filosófico, não raro sobre lendas folclóricas, virou o carro-chefe da empresa, que ainda lançou os ótimos *Hereditário* e *Midsommar*

DAVID BORNFRIEND/A24 FILMS

CRÍTICA SOCIAL Temas pesados assustam estúdios de Hollywood, mas não a A24: *Moonlight* (2016), sobre um jovem negro, pobre e gay, deu o primeiro Oscar de melhor filme à produtora

SARAH MAKHARINE/O2 PLAY

NOVOS TALENTOS Estreantes ganham realce no catálogo da empresa, caso da diretora escocesa Charlotte Wells, de *Aftersun* – que pôs Paul Mescal na disputa do Oscar de ator neste ano

que o levou a um caminho de autodestruição. “Tive sorte de conhecer meu marido, que se tornou um apoio”, disse Hunter em entrevista. Refletindo sobre a experiência, ele pensou: e se ninguém tivesse me ajudado? Nascia então Charlie, que é gay e sofre com o luto da morte do namorado.

Mantendo o clima teatral, o filme é ambientado na casa de Charlie — e os poucos personagens a seu redor são espelhos de fases da vida do dramaturgo. Além da filha, ele recebe a visita da amiga e enfermeira Liz (Hong Chau, também indicada ao Oscar) e de Thomas (Ty Simpkins), missionário que almeja salvar a alma de Charlie da perdição. As idas e vindas acontecem ao longo de uma semana, período em que o protagonista encara a possibilidade da morte por insuficiência cardíaca. Em momentos de crise, Charlie lê uma redação sobre *Moby Dick*, clássico da literatura de Herman Melville — que confere sutil dubiedade ao título do filme. O texto de tom quase infantil observa a baleia do livro e seu caçador com pena e ternura. É essa também a missão de Aronofsky e Fraser: Charlie é um homem adorável, sensível e bem-humorado. Ter compaixão por seu drama é fácil — mas, infelizmente, ele não tem por si mesmo. Uma comovente reflexão sobre o ser humano e suas várias camadas. ■

DEDICADO Léon Monet: retrato pintado pelo irmão será exposto em Paris

UM HERÓI ESQUECIDO

Uma exposição inédita em Paris lança luz sobre a contribuição essencial do irmão mais velho de Claude Monet na carreira dos impressionistas franceses — com apoio financeiro e moral

CLAUDE MONET, COLEÇÃO PARTICULAR

EM 1874, Claude Monet reproduziu com suas célebres pinceladas impressionistas um rosto que esteve em sua vida desde o nascimento: o do irmão Léon, quatro anos mais velho. O retrato familiar, que apresenta Léon bem-vestido e com expressão atenta, será exibido ao público pela primeira vez em uma exposição inédita em Paris, no Musée du Luxembourg. Em cartaz a partir de 15 de março, a mostra lança luz sobre o papel discreto, mas essencial, de Léon para a história da arte. Muito mais do que um mero irmão do pintor famoso, ele foi um grande patrono, financiando sua carreira nos tempos de crise e apoiando outros impressionistas renomados.

Esquecido pelos registros históricos, Léon Monet (1836-1917) integra uma categoria de pessoas que foram verdadeiros anjos da guarda da arte, ao proteger grandes pintores mexendo seus pauzinhos nos bastidores. Van Gogh, por exemplo, também era sustentado pelo irmão, Theo, e foi reconhecido pelo mundo como grande pintor graças aos esforços de divulgação da cunhada, Johanna Bonger.

Químico de formação e industrial bem-sucedido, Léon partilhava com o parente a paixão pelas cores. Enquanto o pai do impressionismo se embrenhou pelos efeitos artísticos dos pigmentos, o irmão mais velho se especializou na composição dos mesmos, criando um elo curioso entre os dois. A relação próxima fez com que Léon se dispusesse a ajudar Monet na carreira. Sua principal forma de apoio era comprar os quadros do irmão, incluindo obras como *Flores da Primavera* (1864) e *Adolphe Monet Lendo no Jardim* (1886).

Amante da arte, Léon virou colecionador, e também adquiriu obras de Camille Pissarro, Alfred Sisley e Renoir, incentivando os artistas a seguirem no ofício com o dinheiro que injetava na compra das peças. Determinado a fazer mais, fundou, em 1872, a Sociedade Industrial de Rouen, que fornecia suporte para Monet e seus colegas impressionistas, incentivando os endinheirados da época a investir nos artistas.

Para além do patronato, Léon exerceu um papel de apoio moral para o grupo: foi ele quem encorajou Monet, Pissarro e Sisley a participar das exibições na cidade de Rouen que acabariam pavimentando a carreira dos impressionistas. Como uma homenagem à sua contribuição, a mostra reunirá cerca de 100 trabalhos do grupo, incluindo obras de Monet, Sisley, Pissarro e Renoir, além de fotos em família e documentos. É o resgate do herói esquecido por trás do mestre. ■

Amanda Capuano

REVOLUÇÃO SONORA

Com o álbum *The Dark Side of the Moon*, que em março completa meio século e ganha reedição luxuosa, o grupo inglês Pink Floyd mudou a estética e as regras do rock **JOSÉ EMILIO RONDEAU**

STORM THORGERSON

INOVADORES O Pink Floyd à época do lançamento: Roger *(no alto)* compôs o álbum – e resolveu regravá-lo por birra

EXISTEM discos que representam uma evolução — ou uma transformação — na carreira do artista. Existem discos que turbinam a popularidade de quem o gravou. Existem discos que definem uma era. E existe *The Dark Side of the Moon*. Lançado em 1º de março de 1973, o oitavo álbum do Pink Floyd completa cinquenta anos nesta semana — e representou não só um renascimento para o grupo inglês, mas a reinvenção do rock como se conhecia até então. Roger Waters (voz e baixo), David Gilmour (voz e guitarras), Rick Wright (voz e teclados) e Nick Mason (bateria) abandonaram ali sua encarnação mais experimental para lapidar álbuns temáticos, concisos e bem mais acessíveis; ampliaram de modo exponencial seu público; ajudaram a desenhar a era de ouro das rádios FM e a redefinir os contornos dos shows de rock; e influenciaram gerações futuras de artistas.

Considerado a obra máxima do Pink Floyd — e empacotado numa embalagem de visual antológico, com seu famoso prisma —, *The Dark Side of the Moon* não fez sucesso, apenas: tornou-se fenômeno histórico. Adquirido por mais de 50 milhões de pessoas, é um dos 25 álbuns mais vendidos de todos os tempos. Seus matizes e detalhes — gravados com a tecnologia de ponta na época, em dezesseis canais, pelo mesmo Alan Parsons responsável por *Abbey Road*, disco de melhor som dos Beatles — pareciam sob encomenda para demonstrar os predicados das transmissões em estéreo das rádios FM. Ao vivo, o re-

pertório do disco era apresentado em mixagem quadrafônica — precursora do som surround —, elevando o nível dos shows de rock e reforçando a posição do Pink Floyd como pioneiro de novas possibilidades cênicas, algo ajudado pelo uso de fitas pré-gravadas e de efeitos visuais no palco.

CLÁSSICO O disco: prisma antológico e inconfundível

Composto de letras escritas na totalidade por Waters, com base em suas preocupações diante das pressões da vida moderna — dinheiro, guerras, o medo da morte —, o disco inaugurou uma nova era para o Pink Floyd, distanciando-o da personalidade original, ligada a temas espaciais e esotéricos, definida por Syd Barrett, cantor, compositor, guitarrista, cofundador e frontman da banda. Por outro lado, é gigante a sombra de Syd — substituído por Gilmour, após uma desintegração mental potencializada pelo uso de LSD — sobre o disco.

A partir do título pensado inicialmente para aquele conjunto de canções — "O Lado Escuro da Lua: uma Obra para Lunáticos Variados" —, a insanidade e o pior do ser humano, como a violência, costuram o álbum, da batida

de coração da abertura à última música. Para pontuar o tema, Waters fez perguntas a diferentes pessoas — "quando foi a última vez que você foi violento?", "tinha razão?", "alguma vez achou que estivesse ficando maluco?" — e usou a gravação das respostas no disco.

Paul McCartney foi um dos "entrevistados", mas ficou de fora, pois quis ser engraçadinho nas respostas. No entanto, Henry McCullough, guitarrista de sua banda, Wings, entrou no disco, ao tentar lembrar quem estava com a razão numa briga com a esposa. "Não sei, estava muito bêbado", respondeu. Curiosamente, os Beatles participam involuntariamente de *The Dark Side*. Na hora em que se gravava a fala do porteiro do estúdio, Gerry O'Driscoll, que encerra o disco de modo tão forte e desconcertante — "Não existe um lado escuro da Lua. Na verdade, ela é toda escura" —, lá no fundo, baixinho, alguém reproduzia uma passagem orquestral de *Ticket to Ride*.

A perenidade e a influência do álbum mantêm-se. Ele computou até agora 970 semanas na parada dos Top 200 da Billboard. E sem *The Dark Side of the Moon* talvez não tivéssemos hoje a música de artistas como Radiohead ou The Flaming Lips — que regravou a obra-prima floydiana, do seu jeito, em 2009. Exemplo do enraizamento do disco na cultura pop planetária: alguém concluiu, em 1995, que fazia sentido assistir ao filme *O Mágico de Oz* ouvindo-o. Os pontos-chave do filme e do álbum, como por mágica, coincidem.

O cinquentenário da obra tão emblemática será comemorado com requinte, com uma reedição super deluxe que sai em 24 de março — sob a forma de um caixote contendo o disco original, mais versões com mixagens em Dolby Atmos e em 5.1 Surround, e uma riqueza de brindes. Além disso, haverá ações paralelas como um concurso de animações baseadas nas faixas do disco e audições em planetários do mundo inteiro, acompanhadas de imagens criadas para a ocasião.

Apesar das celebrações, a reedição reforçou a acrimônia entre Waters e os membros sobreviventes do grupo, Mason e Gilmour — donos da marca Pink Floyd. De pirraça, Roger regravou há pouco o disco sem os antigos colegas, para sublinhar sua posse sobre as músicas. "É meu projeto e eu o compus!", ralhou. De fato, Roger é o compositor e tem direito de fazer o que bem entende com a obra. Mas o *The Dark Side of the Moon* que perdura e fascina gerações será sempre o original. ■

O MALVADO FAVORITO

Mestre na interpretação sutil de personagens cavilosos, o austríaco Christoph Waltz encarna mais um tipo memorável na distopia corporativa *O Consultor*, do Prime Video **KELLY MIYASHIRO**

SOTURNO Waltz como o executivo Patoff na série: sujeito capaz de apunhalar pelas costas com um sorriso no rosto

PRIME VIDEO

O EXECUTIVO Regus Patoff irrompe na produtora de jogos de celular mais bem-sucedida de Los Angeles alguns dias após o assassinato do dono da companhia, um coreano prodígio na casa dos 20 anos. Diante dos funcionários ainda em choque com a morte do chefe, o homem misterioso se apresenta como um consultor que assumirá a direção da empresa — e logo impõe mudanças drásticas e eticamente condenáveis, como demitir uma cadeirante por ter se atrasado dez segundos e ameaçar dispensar outra pessoa por não gostar de seu cheiro.

Interpretado por um impecável Christoph Waltz, o protagonista de ***O Consultor*** — nova série já disponível no Prime Video — agrega mais um tipo caviloso ao currículo do ator austríaco. Assim como o inesquecível oficial nazista e caçador de judeus Hans Landa de *Bastardos Inglórios* (2009), filme do Quentin Tarantino que lhe rendeu o Oscar de coadjuvante, o executivo da distopia corporativa da Amazon é daqueles monstros capazes de congelar o sangue do espectador. Sempre com um sorriso dissimulado no rosto, Patoff é metódico ao apontar seu lápis, brandir lugares-comuns motivacionais — e, sobretudo, apunhalar subordinados pelas costas.

Apesar de ter tantos vilões memoráveis em sua carreira, Waltz se incomoda quando questionado por que gosta de representar homens perversos. “As pessoas podem olhar para minha carreira e enxergar só vilões, mas eu, não. Estou há mais de 45 anos na estrada. Acredite: interpretei mais moci-

nhos que carrascos", disse o ator de 66 anos em entrevista a VEJA. O fato é que ele brilha nos dois extremos. O desalmado carrasco nazista de *Bastardos Inglórios* encontra um contraponto no caçador de recompensas Schultz de *Django Livre* (2012) — outra produção de Tarantino que lhe trouxe o Oscar. No faroeste antiescravagista, o personagem surge com ares vilanescos, mas revela-se do bem ao ajudar a libertar o negro Django. Depois disso, Waltz voltou à pele de um malfeitor rematado como Blofeld, algoz de James Bond em *007 — Contra Spectre* (2015).

Nascido em Viena, o ator cresceu mergulhado na arte graças à mãe, figurinista e filha de um casal de atores austríacos, e ao pai, um cenógrafo alemão. Estudou teatro, mas logo se mudou para os Estados Unidos, e depois Londres, para se aperfeiçoar. A peregrinação fez com que virasse fluente em inglês, francês e alemão, como demonstra brilhantemente na sequência inicial de *Bastardos Inglórios*. Foi só com o filme de Tarantino, aliás, que ganhou fama mundial — antes, era o típico ator de produções de arte europeias.

Uma vez descoberto por Hollywood, Waltz também atuou em muitas amenidades esquecíveis, como a comédia *Quero Matar Meu Chefe 2* (2014) — já que nenhum astro é de ferro diante de bons cachês. Mais recentemente, foi o narrador sensível da animação *Pinóquio por Guillermo del Toro* (2022), que concorre ao Oscar na categoria. Entretanto, por mais que renegue o rótulo, é como vilão que Waltz arrebata o público. Em *O Consultor*, seu Regus Pa-

toff é o perfeito pesadelo dos jovens millennials ávidos pelo sucesso na indústria criativa. Para o ator, curiosamente, o personagem não é um chefe abusivo. "Não o vejo assim. Ele surpreende no final da série", diz. É difícil odiar o malvado favorito das telas. ■

WALCYR CARRASCO

E SE PERDER O CELULAR?

No Carnaval, eu constatei quanto somos dependentes dele

PASSEI o Carnaval no Rio. As ruas repletas de gente. Em algumas, nem carros entravam. O jeito foi andar a pé. Tremi. E se alguém roubasse meu celular? Andei apavorado, fugindo pelas calçadas. Até agora, estou ileso. Sem celular não dá nem para chamar um carro por aplicativo. Pagar conta? O cartão está no aparelhinho e a gente resolve por aproximação. Passagem de avião? Check-in agora é digital. Reunião de trabalho? Simples ligação de vídeo.

O primeiro aparelho que eu tive era semelhante a um tijolo, pesado. Mal efetuava as ligações. Um trambolho. Foi diminuindo, e o uso aumentando. Antes eu sabia o telefone de todos amigos. Hoje não sei mais de ninguém. Sem celular não tenho nem como chamar alguém e pedir socorro! A telinha mágica traz uma novidade atrás da outra. Facebook, Twitter, Tinder... Bem, o Tinder... Sou da época da tabuada. Ainda multiplico, divido... Não passo de um dinossauro. Ninguém mais calcula. Tecla.

Tanta coisa obsoleta! Máquinas fotográficas, por exemplo. Na faculdade, quis aprender fotografia, no Sesc (segredo até

hoje guardado). Era preciso abrir a máquina no escuro, para não expor o filme à luz. Depois do clique, a gente se trancava em um quarto escuro, só com uma luzinha vermelha. Revelava-se o filme. Projetava-se a imagem em papel especial. Tudo ainda no escuro. O papel era mergulhado em vários produtos químicos de cheiro pavoroso. Só então se via a imagem. Usava-se muita adivinhação em todo o processo. Só se sabia o resultado depois de revelada e impressa (ou em slide, no caso para projetar)! Os fotógrafos jornalísticos viviam em constante tensão. Uma imagem necessária e difícil podia ficar ruim. Sem chance de refazer. Com o celular (e óbvio, a câmera digital), sabe-se no instante como será. Os profissionais usam, sim, câmeras digitais, mas no dia a dia o celular impera.

Listas de convidados para um lançamento de livro, por exemplo? Basta escolher os nomes na memória e enviar para todos ao mesmo tempo. Esses são só uns exemplos bem sim-

“Quando tudo isso começou? Não sei dizer. Mas é fato. Impossível ficar sem o aparelhinho. A vida desmorona”

ples, porque a cada dia surgem novas e fascinantes utilidades, daquelas que a gente não sabe como vivia sem antes de serem inventadas. Inclusive, compras! Roupas, casas, o mundo!

Agora você entende meu pavor ao sair pelas ruas lotadas em pleno Carnaval. Para fazer uma ligação, entrei num supermercado que estava fechando. Pedi abrigo durante o tempo da chamada. Alguém poderia passar correndo, bater na minha mão, pegar o dito-cujo e adeus! Eu estava certo. Mais tarde, em um táxi, o motorista me contou que fora assaltado mais cedo. Sem celular, não tinha como trabalhar por aplicativo, que é como funcionam muitas das corridas hoje em dia. Ia sofrer um prejuízo e tanto!

Não estou dando exemplos para convencer ninguém, só constatando. Sem celular, a vida desmorona. Desde quando tudo isso começou, quando se tornou um pilar da existência? Não sei dizer. Mas é fato. Impossível ficar sem celular. A vida desmorona. Um terror. ■

02 PLAY

SENSÍVEL Léo *(à esq.)* e Rémi *(à dir.)* com sua mãe: famílias afetadas por desfecho trágico de amizade

CINEMA

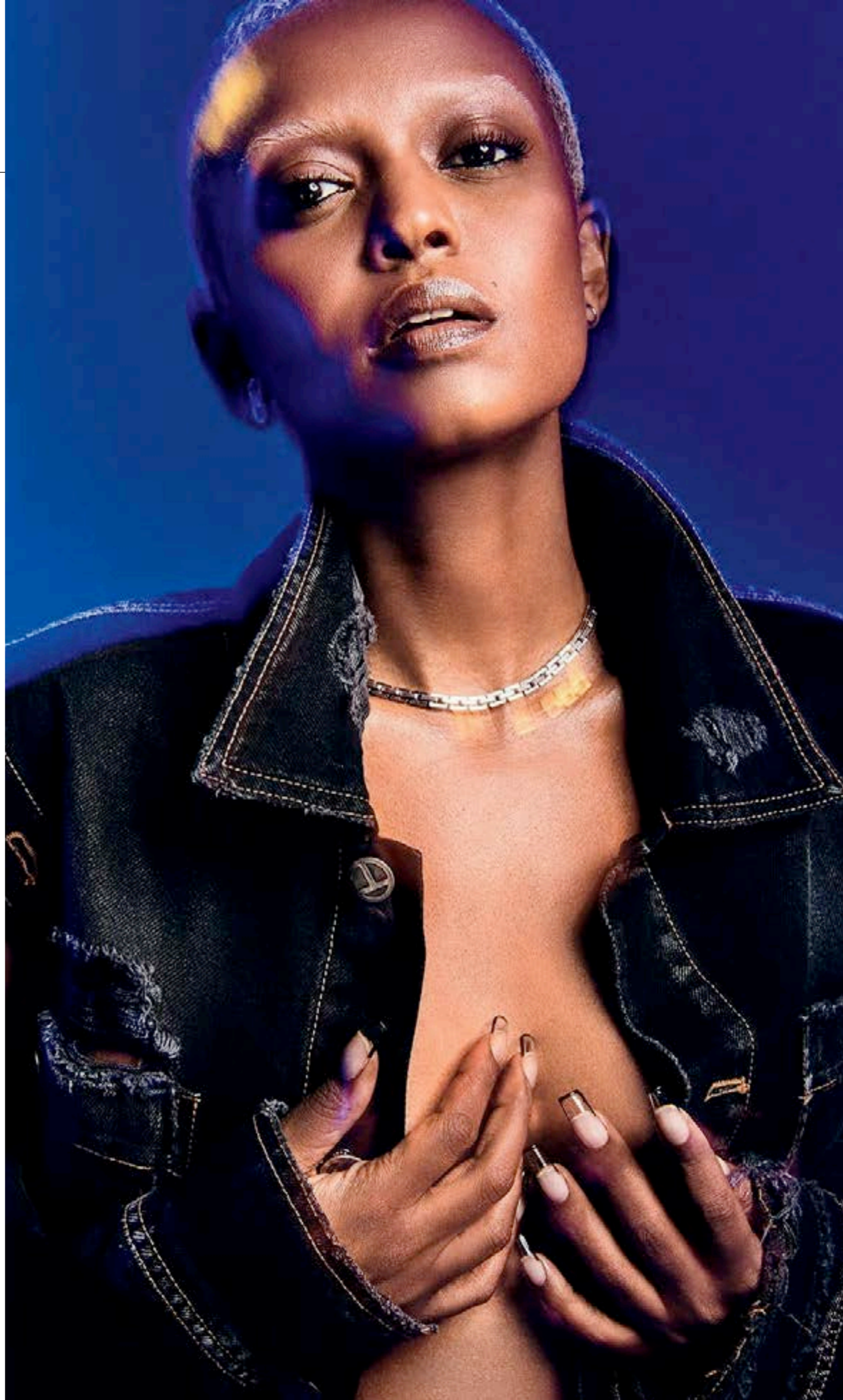
CLOSE **(Bélgica; 2022. Em cartaz no país)**

Aos 13 anos, Léo (Eden Dambrine) e Rémi (Gustav De Waele) são amigos inseparáveis e compartilham uma intimidade incomum entre meninos: eles dormem um na casa do outro, inventam fantasias em brincadeiras e não se envergonham de abraços e contato físico. Até o dia em que Léo se incomoda quando colegas da escola perguntam se eles são um casal. O garoto, aos poucos, repele o amigo. A ruptura desemboca em uma tragédia que vai afetar as duas famílias. Indicado ao Oscar de filme internacional, o drama é o segundo do diretor belga Lukas Dhont, que em 2018 causou controvérsia com *Girl,* longa sobre a transição de gênero de uma adolescente. Em ambos, o cineasta de 31 anos transita com doçura e sensibilidade pelo duro processo de amadurecimento — ainda mais complexo com preconceitos de gênero ao redor.

DISCO

RAVEN,

Kelela (disponível nas plataformas de streaming)

Descendente de etíopes, a americana Kelela Mizanekristos, de 39 anos, faz uma defesa da feminilidade negra em seu segundo álbum autoral, inspirado pelo movimento Black Lives Matter. O visual afrofuturista resume o arrojo de seu pacote musical. Suas baladas minimalistas passeiam pelo R&B, jazz e drum'n'bass. As deliciosas melodias, perfeitas para um fim de tarde chuvoso, têm inspiração em feras como Herbie Hancock, Sun Ra e Stevie Wonder. Em *Closure*, ela canta sobre se apegar a uma paixão arrebatadora. A batida hipnótica de *Sobert*, a melhor do álbum, reflete a potência vocal da artista.

INSTAGRAM @KELELA

AFROFUTURISTA

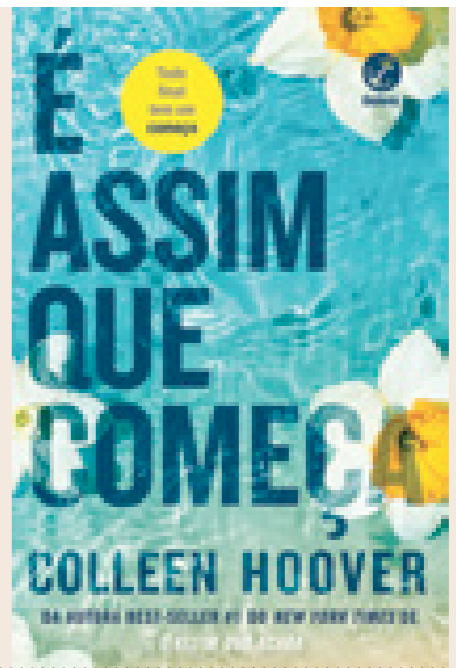
Kelela: cantora exalta a feminilidade negra e queer em novo álbum

LIVROS

O RESTAURADOR DE ROSTOS,

de Lindsey Fitzharris (tradução de Paula Diniz; Intrínseca; 336 páginas; 59,90 reais e 39,90 reais em e-book)

Com seu brutal embate em trincheiras, a I Guerra (1914-1918) produziu uma legião de sobreviventes com lesões terríveis. Ao amenizar o sofrimento de ex-combatentes que tiveram o rosto desfigurado, o médico neozelandês Harold Gillies (1882-1960) promoveu uma revolução: inaugurou a moderna cirurgia plástica. A história do herói inovador e de seus pacientes é recontada com fidelidade por Fitzharris, autora do ótimo *Medicina dos Horrores,* sobre os primórdios das intervenções cirúrgicas. ■

FICÇÃO

1 **É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [1 | 16] GALERA RECORD

2 **É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 78#] GALERA RECORD

3 **A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [3 | 26#] BERTRAND BRASIL

4 **A REVOLUÇÃO DOS BICHOS**
George Orwell [5 | 215#] VÁRIAS EDITORAS

5 **TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [7 | 61#] GALERA RECORD

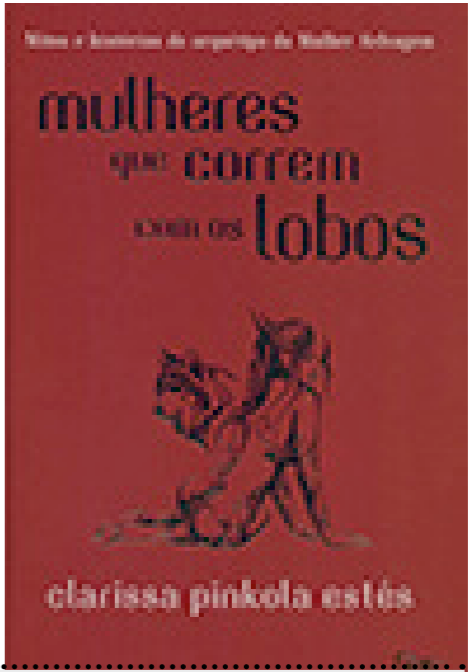
6 **VERITY**
Colleen Hoover [6 | 44#] GALERA RECORD

7 **A MANDÍBULA DE CAIM**
Edward Powys Mathers (Torquemada) [8 | 8] INTRÍNSECA

8 **A HIPÓTESE DO AMOR**
Ali Hazelwood [10 | 25#] ARQUEIRO

9 **TUDO É RIO**
Carla Madeira [9 | 25#] RECORD

10 **DAISY JONES AND THE SIX**
Taylor Jenkins Reid [0 | 17#] PARALELA

NÃO FICÇÃO

1 MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS Clarissa Pinkola Estés [2 | 144#] ROCCO

2 O QUE SOBRA
Príncipe Harry [4 | 6] OBJETIVA

3 EM BUSCA DE MIM
Viola Davis [1 | 26#] BEST SELLER

4 QUARTO DE DESPEJO – DIÁRIO DE UMA FAVELADA
Carolina Maria de Jesus [6 | 39#] ÁTICA

5 O REI DOS DIVIDENDOS
Luiz Barsi Filho [7 | 9] SEXTANTE

6 SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE
Yuval Noah Harari [9 | 310#] L&PM/COMPANHIA DAS LETRAS

7 RÁPIDO E DEVAGAR
Daniel Kahneman [0 | 181#] OBJETIVA

8 MENTES PERIGOSAS
Ana Beatriz Barbosa Silva [10 | 140#] PRINCIPIUM

9 LATIM EM PÓ
Caetano W. Galindo [0 | 1] COMPANHIA DAS LETRAS

10 SOCIEDADE DO CANSAÇO
Byung-Chul Han [0 | 35#] VOZES

AUTOAJUDA E ESOTERISMO

1 CAFÉ COM DEUS PAI
Junior Rostirola [2 | 7] VIDA

2 APRENDIZADO SEM LIMITES
Pedro Ernesto Miranda [0 | 1] GENTE

3 PLENITUDE
Camila Saraiva Vieira [1 | 2] GENTE

4 MAIS ESPERTO QUE O DIABO
Napoleon Hill [3 | 195#] CITADEL

5 AS PODEROSAS FERRAMENTAS DE GESTÃO DA EMOÇÃO PARA RELAÇÕES SAUDÁVEIS
Augusto Cury [0 | 1] DREAMSELLERS EDITORA

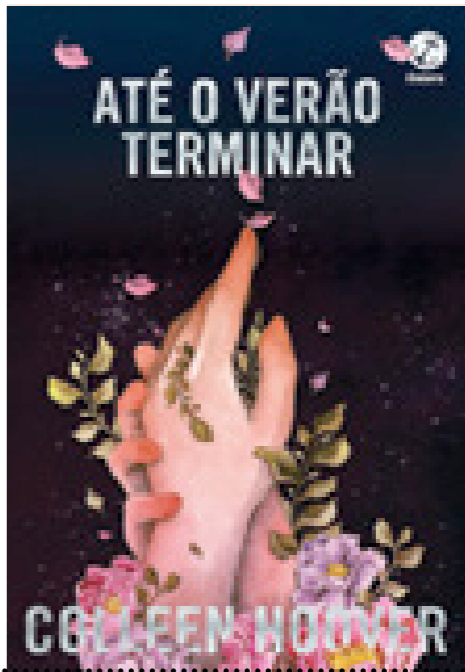
6 O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA
George S. Clason [6 | 114#] HARPERCOLLINS BRASIL

7 PAI RICO, PAI POBRE
Robert Kiyosaki e Sharon Lechter [7 | 108#] ALTA BOOKS

8 OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA
T. Harv Eker [5 | 405#] SEXTANTE

9 O PODER DA AUTORRESPONSABILIDADE
Paulo Vieira [8 | 85#] GENTE

10 COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS Dale Carnegie [10 | 76#] SEXTANTE

INFANTOJUVENIL

1 **ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [1 | 52#] GALERA RECORD

2 **O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [3 | 361#] VÁRIAS EDITORAS

3 **HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [5 | 377#] ROCCO

4 **COLEÇÃO HARRY POTTER**
J.K. Rowling [4 | 143#] ROCCO

5 **MALALA – A MENINA QUE QUERIA IR PARA A ESCOLA**
Adriana Carranca [7 | 25#] COMPANHIA DAS LETRINHAS

6 **O MENINO, A TOUPEIRA, A RAPOSA E O CAVALO**
Charlie Mackesy [2 | 3] SEXTANTE

7 **A DROGA DA OBEDIÊNCIA**
Pedro Bandeira [0 | 4#] MODERNA

8 **EXTRAORDINÁRIO**
R.J. Palacio [6 | 123#] INTRÍNSECA

9 **AS VANTAGENS DE SER INVISÍVEL**
Stephen Chbosky [0 | 8#] ROCCO

10 **O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [8 | 4#] MELHORAMENTOS

[A|B#] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas

Pesquisa: **BookInfo** / Fontes: **Aracaju**: Escariz, Saraiva, **Balneário Camboriú**: Curitiba, **Barra Bonita**: Real Peruíbe, **Barueri**: Saraiva, **Belém**: Leitura, Saraiva, SBS, **Belo Horizonte**: Disal, Leitura, SBS, Vozes, **Bento Gonçalves**: Santos, **Betim**: Leitura, **Blumenau**: Curitiba, **Brasília**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Vozes, **Cabedelo**: Leitura, **Cachoeirinha**: Santos, **Campina Grande**: Leitura, **Campinas**: Disal, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Vozes, **Campo Grande**: Leitura, Saraiva, **Campos dos Goytacazes:** Leitura, **Canoas**: Santos, **Capão da Canoa**: Santos, **Caruaru**: Leitura, **Cascavel**: A Página, **Caxias do Sul**: Saraiva, **Colombo**: A Página, **Confins**: Leitura, **Contagem**: Leitura, **Cotia**: Prime, Um Livro, **Criciúma**: Curitiba, **Cuiabá**: Saraiva, Vozes, **Curitiba**: A Página, Curitiba, Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, **Florianópolis**: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, **Fortaleza**: Evangelizar, Leitura, Saraiva, Vozes, **Foz do Iguaçu**: A Página, Kunda Livraria Universitária, **Franca**: Saraiva, **Frederico Westphalen**: Vitrola, **Goiânia**: Leitura, Palavrear, Saraiva, SBS, **Governador Valadares**: Leitura, **Gramado**: Mania de Ler, **Guaíba**: Santos, **Guarapuava**: A Página, **Guarulhos**: Disal, Livraria da Vila, Leitura, SBS, **Ipatinga**: Leitura, **Itajaí**: Curitiba, **Jaú**: Casa Vamos Ler, **João Pessoa**: Leitura, Saraiva, **Joinville**: A Página, Curitiba, **Juiz de Fora**: Leitura, Saraiva, Vozes, **Jundiaí**: Leitura, Saraiva, **Limeira**: Livruz, **Lins**: Koinonia Livros, **Londrina**: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, **Macapá**: Leitura, **Maceió**: Leitura, Saraiva, **Maringá**: Curitiba, **Mogi das Cruzes:** Leitura, Saraiva, **Natal**: Leitura, Saraiva, **Niterói**: Blooks, Saraiva, **Nova Iguaçu**: Saraiva, **Palmas**: Leitura, **Paranaguá**: A Página, **Pelotas**: Vanguarda, **Petrópolis**: Vozes, **Olinda**: Saraiva, **Osasco**: Saraiva, **Poços de Caldas**: Livruz, **Ponta Grossa**: Curitiba, **Porto Alegre**: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Leitura, Santos, Saraiva, SBS, **Porto Velho**: Leitura, **Recife**: Disal, Leitura, Saraiva, SBS, Vozes, **Ribeirão Preto:** Disal, Livraria da Vila, Saraiva, **Rio Claro**: Livruz, **Rio de Janeiro**: Blooks, Disal, Janela, Leitura, Saraiva, SBS, **Rio Grande**: Vanguarda, **Salvador**: Disal, Escariz, LDM, Leitura, Saraiva, SBS, **Santa Maria**: Santos, **Santana de Parnaíba**: Leitura, **Santo André**: Disal, Leitura, Saraiva, **Santos**: Loyola, Saraiva, **São Bernardo do Campo:** Leitura, **São Caetano do Sul:** Disal, Livraria da Vila, **São João de Meriti**: Leitura, **São José**: A Página, Curitiba, **São José do Rio Preto**: Leitura, Saraiva, **São José dos Campos**: Curitiba, Leitura, **São José dos Pinhais**: Curitiba, **São Luís**: Leitura, **São Paulo**: A Página, CULT Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Drummond, Leitura, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklin, Saraiva, SBS, Vozes, WMF Martins Fontes, **Serra**: Leitura, **Sete Lagoas**: Leitura, **Sorocaba**: Saraiva, **Taboão da Serra**: Curitiba, **Taguatinga**: Leitura, **Taubaté**: Leitura, **Teresina**: Leitura, **Uberlândia**: Leitura, Saraiva, SBS, **Umuarama**: A Página, **Votorantim**: Saraiva, **Vila Velha**: Leitura, Saraiva, **Vitória**: Leitura, SBS, **Vitória da Conquista**: LDM, **internet**: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Leitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

JOSÉ CASADO

CARTAS MARCADAS

O SENADO criou uma comissão dominada por parlamentares aliados do garimpo para "monitorar" a crise humanitária dos ianomâmis, provocada pela invasão de garimpeiros na terra indígena em Roraima.

Parece piada, mas não é.

Três dos cinco senadores no comitê pertencem à bancada do estado, acossada por suspeitas de envolvimento em ações que, aparentemente, foram decisivas na tragédia indígena.

Francisco (Chico) Rodrigues, do Partido Socialista Brasileiro, ganhou a presidência da comissão. Hiran Gonçalves, do Progressistas, ficou com a relatoria. E Mecias de Jesus, do Republicanos, entrou como membro efetivo.

As vítimas protestam: "É de questionar até onde estão infiltrados na estrutura do Estado brasileiro os representantes dos crimes e interesses dos garimpeiros ilegais". O Conselho Indígena de Roraima, organização de 260 comunidades Ianomâmi, Macuxi, Wapichana, Taurepang, Ingarikó, Patamona, Wai Wai e Sapará, acrescenta: "Não aceitamos que grupos políticos usem o Senado para atender a interesses escusos".

O senador Rodrigues, presidente da comissão, era vice-líder de Jair Bolsonaro, dois anos atrás, quando foi flagra-

do com dinheiro escondido na cueca durante uma investigação federal sobre desvios de recursos do Ministério da Saúde na pandemia. Mais tarde, destacou-se na lista de acusados de uma CPI estadual por malfeitorias na prestação de serviços sanitários aos ianomâmis. Prejuízo estimado: 20 milhões de reais. Rodrigues nega tudo.

Por trás das cenas trágicas de indígenas famélicos em comunidades exauridas por doenças evitáveis como desnutrição, malária e verminoses, tem-se um vislumbre dos laços de interesses de uma elite empenhada na expansão garimpeira em reservas florestais na Amazônia.

O lobby político ganhou impulso no governo Jair Bolsonaro. Ele prometeu — e cumpriu — não demarcar terras indígenas, em desobediência à Constituição. Na sequência, decidiu estimular o avanço do garimpo.

Havia um traço biográfico semioculto nessas decisões — sem atenuante para a delinquência. Na adolescência, Bolsonaro assistia ao pai, Percy Geraldo, testar a sorte na lavagem de areia em aluviões paulistas, em busca de ouro e pedras preciosas. Na vida adulta, já na carreira militar, manteve o hábito em incursões no interior da Bahia, mesmo violando as normas do Exército — como mostram os arquivos do Superior Tribunal Militar.

Em Roraima, o apoio a Bolsonaro na expansão das fronteiras para garimpeiros teve peso específico em campanhas como a do ano passado, que permitiu ao deputado federal Hiran Gonçalves se eleger para o Senado. Gonçal-

> “O Senado entregou a crise dos ianomâmis aos parlamentares aliados do garimpo”

ves tem opiniões notórias sobre os indígenas: considera-os “empecilhos” e as reservas nacionais, onde vivem, “entraves ao desenvolvimento”. Dr. Hiran, como é conhecido, estreou no Senado como relator da comissão para a crise humanitária ianomâmi.

Nesse comitê, ele e Rodrigues têm a companhia do senador Mecias, líder do clã Jesus, cuja ascensão na política de Roraima tem sido turbinada pela eficiente máquina eleitoral da Igreja Universal, controladora do partido Republicanos. Elegeu o filho Jhonatan para o quarto mandato de deputado federal numa das campanhas mais caras do país, abastecida com recursos do orçamento secreto (154 milhões de reais) — mecanismo de repasse de recursos, sem transparência, adotado no governo Bolsonaro. Jesus filho tomou posse e, horas depois, trocou o mandato por um cargo vitalício no Tribunal de Contas da União, vinculado ao Congresso.

O clã Jesus domina o distrito de saúde dos ianomâmis, que há tempos está na planilha de loteamento de cargos federais administrada pelo Palácio do Planalto em negociações de votos no Senado e na Câmara.

Saúde indígena é uma das áreas mais cobiçadas em barganhas políticas na Amazônia. Em Roraima, onde sobram denúncias de desvios, o controle dos serviços sanitários aos ianomâmis significa acesso privilegiado a um fluxo de 47 milhões de reais por ano em contratos.

Não é pouco dinheiro. Equivale a 8% da receita da prefeitura de Boa Vista, onde vivem seis de cada dez habitantes do estado. A atividade garimpeira movimenta a economia subterrânea de Roraima, cuja sobrevivência financeira depende da ajuda permanente de Brasília — 7 de cada 10 reais em circulação têm origem nos cofres da União.

Ao entregar a comissão dos ianomâmis à bancada de Roraima, o Senado meteu-se num labirinto de conflitos de interesses na selva amazônica. É jogo de cartas marcadas. ■

O BRASIL ESTÁ MUDANDO. O TEMPO TODO.

veja Quem lê, sabe.

Receba VEJA impressa e tenha acesso a todos os conteúdos digitais Abril sem nenhum acréscimo*.

Acesse **assineabril.com.br/assineveja**
ou aponte a câmera do celular para o código ao lado.

*Acesso digital ilimitado aos sites e às edições das revistas digitais nos apps: Veja, Veja SP, Veja Rio, Veja Saúde, Claudia, Superinteressante, Quatro Rodas, Você SA e Você RH.